

CECÍLIA
MEIRELES

Ministério da Educação | Fundação Joaquim Nabuco

Coordenação executiva
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier e Isabela Cribari

Comissão técnica
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (presidente)
Antonio Carlos Caruso Ronca, Ataíde Alves, Carmen Lúcia Bueno Valle,
Célio da Cunha, Jane Cristina da Silva, José Carlos Wanderley Dias de Freitas,
Justina Iva de Araújo Silva, Lúcia Lodi, Maria de Lourdes de Albuquerque Fávoro

Revisão de conteúdo
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, Célio da Cunha, Jäder de Medeiros Britto,
José Eustachio Romão, Larissa Vieira dos Santos, Suely Melo e Walter Garcia

Secretaria executiva
Ana Elizabete Negreiros Barroso
Conceição Silva



Alceu Amoroso Lima | Almeida Júnior | Anísio Teixeira
Aparecida Joly Gouveia | Armanda Álvaro Alberto | Azeredo Coutinho
Bertha Lutz | Cecília Meireles | Celso Suckow da Fonseca | Darcy Ribeiro
Durmeval Trigueiro Mendes | Fernando de Azevedo | Florestan Fernandes
Frota Pessoa | Gilberto Freyre | Gustavo Capanema | Heitor Villa-Lobos
Helena Antipoff | Humberto Mauro | José Mário Pires Azanha
Julio de Mesquita Filho | Lourenço Filho | Manoel Bomfim
Manuel da Nóbrega | Nísia Floresta | Paschoal Lemme | Paulo Freire
Roquette-Pinto | Rui Barbosa | Sampaio Dória | Valnir Chagas

Alfred Binet | Andrés Bello
Anton Makarenko | Antonio Gramsci
Bogdan Suchodolski | Carl Rogers | Célestin Freinet
Domingo Sarmiento | Édouard Claparède | Émile Durkheim
Frederic Skinner | Friedrich Fröbel | Friedrich Hegel
Georg Kerschensteiner | Henri Wallon | Ivan Illich
Jan Amos Comênio | Jean Piaget | Jean-Jacques Rousseau
Jean-Ovide Decroly | Johann Herbart
Johann Pestalozzi | John Dewey | José Martí | Lev Vygotsky
Maria Montessori | Ortega y Gasset
Pedro Varela | Roger Cousinet | Sigmund Freud



CECÍLIA MEIRELES

Yolanda Lôbo



ISBN 978-85-7019-476-3
© 2010 Coleção Educadores
MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica MEC/UNESCO, o qual tem o objetivo a contribuição para a formulação e implementação de políticas integradas de melhoria da equidade e qualidade da educação em todos os níveis de ensino formal e não formal. Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

A reprodução deste volume, em qualquer meio, sem autorização prévia, estará sujeita às penalidades da Lei n° 9.610 de 19/02/98.

Editora Massangana
Avenida 17 de Agosto, 2187 | Casa Forte | Recife | PE | CEP 52061-540
www.fundaj.gov.br

Coleção Educadores
Edição-geral
Sidney Rocha
Coordenação editorial
Selma Corrêa
Assessoria editorial
Antonio Laurentino
Patrícia Lima
Revisão
Sygya Comunicação
Ilustrações
Miguel Falcão

Foi feito depósito legal
Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Lôbo, Yolanda.

Cecília Meireles / Yolanda Lôbo. – Recife:

Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

158 p.: il. – (Coleção Educadores)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7019-476-3

1.Meireles, Cecília Benevides de Carvalho, 1901-1964. 2. Educação – Brasil – História.

I. Título.

CDU 37(81)



SUMÁRIO

Apresentação, por Fernando Haddad, 7

Ensaio, por Yolanda Lôbo, 11

Cecília Meireles: um nome na educação brasileira, 11

Cecília Meireles: uma página de educação brasileira, 21

Arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão

Mourisco, 53

O mundo em viagens, 58

Post-mortem:

imagens para sempre de Cecília Meireles, 72

Textos selecionados, 77

A escola moderna, 77

A formação do professor, 82

Cronologia, 87

Bibliografia, 93

Títulos da coluna Comentário

e da Página de Educação do *Diário de Notícias*, 93

Obras de Cecília Meireles, 140

Outras obras consultadas, 142

Seletas em obras coletivas, 143



Obras traduzidas, 146
Traduções em obras coletivas, 146
Obras de autoria coletiva, 148
Peça para teatro, 148
Traduções, 148
Organização de antologias, 148
Obras sobre Cecília Meireles, 149
Outras referências bibliográficas, 154
Lista de abreviaturas, 156

APRESENTAÇÃO

O propósito de organizar uma coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional. A disseminação de conhecimentos nessa área, seguida de debates públicos, constitui passo importante para o amadurecimento de ideias e de alternativas com vistas ao objetivo republicano de melhorar a qualidade das escolas e da prática pedagógica em nosso país.

Para concretizar esse propósito, o Ministério da Educação instituiu Comissão Técnica em 2006, composta por representantes do MEC, de instituições educacionais, de universidades e da Unesco que, após longas reuniões, chegou a uma lista de trinta brasileiros e trinta estrangeiros, cuja escolha teve por critérios o reconhecimento histórico e o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação. No plano internacional, optou-se por aproveitar a coleção *Penseurs de l'éducation*, organizada pelo *International Bureau of Education* (IBE) da Unesco em Genebra, que reúne alguns dos maiores pensadores da educação de todos os tempos e culturas.

Para garantir o êxito e a qualidade deste ambicioso projeto editorial, o MEC recorreu aos pesquisadores do Instituto Paulo Freire e de diversas universidades, em condições de cumprir os objetivos previstos pelo projeto.

Ao se iniciar a publicação da Coleção Educadores*, o MEC, em parceria com a Unesco e a Fundação Joaquim Nabuco, favorece o aprofundamento das políticas educacionais no Brasil, como também contribui para a união indissociável entre a teoria e a prática, que é o de que mais necessitamos nestes tempos de transição para cenários mais promissores.

É importante sublinhar que o lançamento desta Coleção coincide com o 80º aniversário de criação do Ministério da Educação e sugere reflexões oportunas. Ao tempo em que ele foi criado, em novembro de 1930, a educação brasileira vivia um clima de esperanças e expectativas alentadoras em decorrência das mudanças que se operavam nos campos político, econômico e cultural. A divulgação do *Manifesto dos pioneiros* em 1932, a fundação, em 1934, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal, em 1935, são alguns dos exemplos anunciadores de novos tempos tão bem sintetizados por Fernando de Azevedo no *Manifesto dos pioneiros*.

Todavia, a imposição ao país da Constituição de 1937 e do Estado Novo, haveria de interromper por vários anos a luta auspiciosa do movimento educacional dos anos 1920 e 1930 do século passado, que só seria retomada com a redemocratização do país, em 1945. Os anos que se seguiram, em clima de maior liberdade, possibilitaram alguns avanços definitivos como as várias campanhas educacionais nos anos 1950, a criação da Capes e do CNPq e a aprovação, após muitos embates, da primeira Lei de Diretrizes e Bases no começo da década de 1960. No entanto, as grandes esperanças e aspirações retrabalhadas e reavivadas nessa fase e tão bem sintetizadas pelo *Manifesto dos Educadores de 1959*, também redigido por Fernando de Azevedo, haveriam de ser novamente interrompidas em 1964 por uma nova ditadura de quase dois decênios.

Assim, pode-se dizer que, em certo sentido, o atual estágio da educação brasileira representa uma retomada dos ideais dos manifestos de 1932 e de 1959, devidamente contextualizados com o

tempo presente. Estou certo de que o lançamento, em 2007, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como mecanismo de estado para a implementação do Plano Nacional da Educação começou a resgatar muitos dos objetivos da política educacional presentes em ambos os manifestos. Acredito que não será demais afirmar que o grande argumento do *Manifesto de 1932*, cuja reedição consta da presente Coleção, juntamente com o *Manifesto de 1959*, é de impressionante atualidade: “Na hierarquia dos problemas de uma nação, nenhum sobrepõe em importância, ao da educação”. Esse lema inspira e dá forças ao movimento de ideias e de ações a que hoje assistimos em todo o país para fazer da educação uma prioridade de estado.

Fernando Haddad
Ministro de Estado da Educação



CECÍLIA MEIRELES

(1901-1964)

Yolanda Lôbo

Cecília Meireles: um nome na educação brasileira

*E o meu caminho começa
nessa franja solitária
no limite sem vestígio,
na translúcida muralha
que opõe o sonho vivido
e a vida apenas sonhada.¹*

Natural da cidade do Rio de Janeiro, Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu a 7 de novembro de 1901, no Rio Comprido, nas proximidades da Rua Haddock Lobo. Filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e de Mathilde Benevides Meireles, descendente de família açoriana de São Miguel, professora da rede pública de ensino primário do Distrito Federal. Tinha como avós paternos João Correia Meireles, português, funcionário da Alfândega do Rio de Janeiro, e Amélia Meireles. Antes de vir ao mundo já havia perdido seus dois irmãos e seu pai. Aos três anos, perdeu a mãe. Foi levada, então, para uma chácara localizada nas imediações das ruas Zamenhoff, Estrela e São Carlos, pertencente à avó materna, Jacintha Garcia Benevides, que ficara também viúva e que tomou a seus cuidados a criação da neta.

Conhecida autora de vários gêneros literários – poesia, prosa, conto e crônica –, Cecília Meireles desenvolveu intensa e marcante

¹ Meireles, Cecília. *Metal Rosicler*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. II, p. 1209.

atividade como educadora, sendo entretanto este segmento de sua vida pouco conhecido por grande parte dos brasileiros.

Muito cedo aprendeu a ler e a interessar-se por livros, principalmente os deixados por sua mãe. “*Desses velhos livros de família, as gramáticas, sobretudo a latina e a italiana, me seduziram. Assim também as partituras e livros de música.*”² O interesse pelos livros e o fato de a mãe ter sido professora a teriam levado ao magistério.

O período de formação escolar iniciou-se na capital da República, na Escola Pública Municipal Estácio de Sá,³ onde cursou o primário, concluindo-o e recebendo, pelas mãos de Olavo Bilac, Inspetor Escolar, a Medalha de Ouro Olavo Bilac, como prêmio pelo esforço e bom desempenho durante o curso. Sete anos depois, em 1917, diplomou-se pela Escola Normal do Distrito Federal, sendo aprovada com distinção, obtendo 8:14/25 avos de média. Na cerimônia de colação de grau foi escolhida por consenso, e com o sufrágio de todos os seus colegas, intérprete do grupo que com ela se diplomou.⁴

Concomitante aos estudos do magistério, estudou canto e violino no Conservatório de Música, pois um de seus sonhos era

² Meireles, Cecília. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972, p. 61.

³ A Escola Estácio de Sá, localizada na Rua São Cristóvão, 18, uma das unidades da rede pública do Distrito Federal, além do curso primário abrigou em suas instalações a Escola Normal do Distrito Federal, no período de 1914 a 1930. Segundo Antônio Carneiro Leão, “O prédio [onde funcionava a Escola Normal] é uma antiga escola primária para 600 alunos, cujo mobiliário está servindo para normalistas em número de 1.404 em 1923 e de 1.007 em 1924” (*O ensino na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Cia., 1926, p. 169). Foi na gestão de Carneiro Leão na Direção da Instrução Pública do Distrito Federal que se fizeram os estudos preliminares para a construção do edifício próprio para a Escola Normal. Entre as duas opções existentes – o terreno da Praça da Bandeira e o terreno do Instituto João Alfredo – esse educador preferia o segundo terreno, mas as autoridades municipais optaram pelo primeiro. O sucessor de Carneiro Leão, professor Fernando de Azevedo, deu início à construção do edifício da Escola Normal, localizado na rua Mariz e Barros, Praça da Bandeira. Construído na gestão de Fernando de Azevedo tomou a denominação de Instituto de Educação na gestão de Anísio Teixeira.

⁴ Cf. Gomes, A. Apresentação. In: Meireles, Cecília. *Espectros*. Rio de Janeiro, Editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1919, p. 9. Este livro foi reeditado e incorporado aos volumes I e II de *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

escrever uma ópera sobre São Paulo, o Apóstolo. No entanto, convicta de que não podia desempenhar com perfeição muitas atividades simultaneamente, optou por concentrar-se no campo da literatura.

Em 1918 foi nomeada professora adjunta⁵ e começou a lecionar para alunos do curso primário, na Escola Pública Deodoro, da rede municipal de ensino do Distrito Federal, localizada no bairro da Glória, onde permaneceu na regência de turma durante longo tempo.

No ano seguinte, 1919, Cecília estreou na literatura brasileira com seu primeiro livro de poemas, *Espectros*, obra considerada de inspiração simbolista.⁶ Os dezessete sonetos de *Espectros* marcam o passado literário em versos decassílabos e alexandrinos, sob a influência de seus professores⁷ – Osório Duque Estrada, Basílio de Magalhães e, principalmente, Alfredo Gomes, que fez a apresentação do livro.

A década de 1920 despontou promissora para Cecília. A 29 de março de 1920 o Diretor Geral de Instrução Pública, autorizado pelo prefeito,⁸ a designou para reger uma turma de desenho da Escola Normal do Distrito Federal.⁹ O convite havia partido de

⁵ O quadro de professores da rede pública do Distrito Federal era constituído, na década de 1920, por professores catedráticos (300 professores em 1925), adjuntos de 1ª classe (380 professores em 1925), adjuntos de 2ª classe (600 professores), adjuntos de 3ª classe (950 professores), professores elementares (11 professores), professores de escolas noturnas (68 professores) e coadjuvantes de ensino (140 coadjuvantes). Cf. Carneiro Leão, A., *op. cit.*, p.161.

⁶ Sobre o neossimbolismo de Cecília Meireles, consultar Damasceno, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. In: Meireles, Cecília. *Obras poéticas*, *op. cit.*, pp. 13-55.

⁷ Professores da Escola Normal do Distrito Federal.

⁸ O corpo docente da Escola Normal era nomeado por lei do Conselho Municipal. Desde 1916, o Conselho contratou temporariamente docentes para suprir a falta de professores concursados para a Escola Normal. No início da década de 1920, a matrícula dessa Escola ultrapassou os dois mil alunos e o Administrador teve de chamar uma quantidade grande de pessoas para lecionar as turmas suplementares. “O Decreto n. 1.059, de 1916, já havia criado a possibilidade de serem designados docentes para lecionar, ao lado dos professores da casa, as diversas matérias dos programas. [...] Esses docentes eram anualmente designados para lecionar. [...] O Conselho Municipal [...] mandou efetivar todos aqueles que tivessem ensinado durante dois anos...” (Carneiro Leão, A., *op. cit.*, p.175).

⁹ Cf. Livro de Designações da Escola Normal do Distrito Federal n° 132, Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Fernando Nereo de Sampaio¹⁰, que então ocupava a Cátedra de Desenho nessa escola de ensino médio.

Em 24 de outubro de 1922 Cecília contraiu matrimônio com o pintor e desenhista de ilustrações para jornais e livros do Rio de Janeiro, Fernando Correia Dias, português, natural de Moledo da Penajoia (no Lamego), que havia se mudado para o Brasil em abril de 1914 e se radicado no Rio de Janeiro. Cecília viveu a maternidade, com o nascimento de suas três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. O casamento com Correia Dias, artista plástico de grande sensibilidade, foi significativo em sua carreira de poeta e escritora, não somente porque passou a entrar em contato com o moderno,¹¹ mas, principalmente, pela parceria na ilustração de sua obra poética.

Em 1923, com ilustrações do marido, publicou seu segundo livro de poesia: *Nunca mais... e Poemas dos poemas*, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro, a mesma que editou a sua primeira obra. Dois anos depois, em 1925, publicou *Baladas para El-Rei*, também com ilustrações de Correia Dias, pela Editora Brasileira Lux do Rio de Janeiro.

Preocupada com a qualidade e a escassez de livros didáticos, a educadora tomou a si a delicada tarefa de escrever livros para as escolas primárias. Em 1924 publicou *Criança, meu amor*, também com ilustrações de Correia Dias, pela editora Anuário do Brasil. O livro, adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Dis-

¹⁰ O arquiteto e engenheiro Fernando Nereo de Sampaio fez parte da equipe de Anísio Teixeira na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935), na qualidade de Diretor das Divisões de Prédios e Aparelhamentos Escolares, junto com Assis Ribeiro. É de sua autoria e de Gabriel Fernandes o projeto arquitetônico da Escola Estados Unidos (1929), do Município do Rio de Janeiro, localizada no Rio Comprido.

¹¹ Correia Dias fez parte do movimento modernista português. Quando chegou ao Rio de Janeiro já era conhecido e respeitado no mundo das artes plásticas, sobretudo por sua obra de caricaturista, de tonalidades irônicas e maliciosas. No Rio de Janeiro trabalhou na *Revista da Semana*, no *Diário de Notícias*, e deixou sua arte de plasmar esculturas (em madeira, pedra, mármore, metal e, principalmente, cerâmica) espalhada em parques e cemitérios da cidade.

trito Federal, foi aprovado também pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco.

É oportuno lembrar que sua produção no gênero didático prosseguiu nas décadas seguintes. Na segunda metade dos anos 1930 retomou essas publicações, lançando, em parceria com Josué de Castro, em 1937, *A festa das letras*, primeiro volume da Série Alimentação, que a Livraria Globo de Porto Alegre organizou a título de colaboração para uma campanha lançada em âmbito nacional. Em 1939 lançou, ainda pela Globo de Porto Alegre, a obra *Rute e Alberto resolveram ser turistas*, livro adotado pelas escolas públicas para o ensino de ciências sociais no 3º ano elementar. *Rute e Alberto* foi adaptado para o ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos da América (Boston, D.C. Heath, 1945).

Encerrou a década de 1920 com grandes projetos no âmbito da educação. O primeiro deles envolveu o concurso para a cátedra de literatura vernácula da Escola Normal do Distrito Federal. A capital da República assistia, então, à implantação da Reforma de Ensino promovida por Fernando de Azevedo. Como parte dessa Reforma foram criadas vagas para o cargo de professor catedrático da Escola Normal e abertos os concursos para seu preenchimento. Cecília confidenciou ao marido, em correspondência, a intenção de se submeter ao concurso para ocupar a cátedra de literatura vernácula, para o qual se preparava com afinco, preparação essa considerada condição primordial para realizá-lo.

Em 1930 foi realizada a primeira etapa do concurso, a de defesa de tese. Cecília defende sua tese *O espírito victorioso*,¹² cujo preâmbulo, “A escola moderna”, constitui-se num elogio à nova edu-

¹² Para o concurso, o candidato deveria apresentar alguns exemplares impressos de sua tese. Cecília defendeu a Escola Moderna, com ênfase na formação de um novo tipo de professor. Em 2 de setembro de 1930, apresentou uma síntese de sua tese na Página de Educação do *Diário de Notícias*, sob o título “A significação da literatura na formação do professor: de ‘O Espírito Victorioso’, these (sic) apresentada ao concurso de Literatura da Escola Normal”. Ao lado da reportagem, sua coluna intitulada Comentário aborda o tema “O respeito pela vida”.

cação, seguindo-se uma reflexão sobre uma de suas constantes preocupações: a formação do professor.

Nessa tese Cecília destacou os princípios de liberdade, de inteligência, de estímulo à observação, à experimentação, introduzidos pela Escola Moderna. Para desenvolvê-la, formulou duas indagações. A primeira provoca e conduz a reflexão sobre o espírito vitorioso: se não quisermos ser um estorvo, “*que passado queremos ser nós para esses que, no presente, são apenas uma probabilidade futura*”? A segunda orienta sua escolha na arte de dirigir o espírito da investigação: “*Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver e viver para quê?*”¹³

Posto que o objeto de seu estudo ultrapassava os limites de um campo específico (“mais misterioso, aonde se vai por sendas mais difíceis, mais entrecruzadas, mais sombrias e mais secretas”), e ainda que seja próprio da História e da Sociologia da Educação interrogá-lo, pondera ser oportuno abrir as fronteiras dessas disciplinas para nelas introduzir a Literatura, porque, segundo ela, trata-se de um problema no qual “*é o próprio homem, é a sua talvez única realidade, a realidade espiritual, interrogando a sua mesma razão de ser. Uma constatação e um desconhecimento. E uma necessidade angustiosa de uma reconciliação entre os dois*”¹⁴. E acrescenta:

Primeiro, o homem percebeu o seu mistério e depois, então, anda procurando desvendá-lo. E se há um caminho onde se possa acompanhá-lo, lado a lado, no seu longo percurso interior, esse está nas palavras que nos deixou escritas e que foram o corpo do seu pensamento. E resumiram uma vida diferente, às vezes, de todos os dias, mas de realidades, frequentemente ainda mais fortes.¹⁵

Na primeira etapa do concurso, dos oito candidatos inscritos,¹⁶ três foram reprovados na prova de defesa de tese e três

¹³ Meireles, Cecília. *O espírito vitorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929, p.19.

¹⁴ *Idem*, p. 18.

¹⁵ *Idem, Ibidem* pp. 19-20.

¹⁶ Desistiram das duas provas restantes – prova escrita e prática – os professores Homero Pires, Sylvio Júlio e Oswaldo Orico.

desistiram em razão das notas obtidas nessa prova. Somente dois candidatos continuaram disputando o concurso de literatura vernácula: Cecília Meireles e Clovis do Rego Monteiro.¹⁷

O resultado da classificação dos dois candidatos na prova escrita¹⁸ apontou o professor Clovis do Rego Monteiro com uma nota superior em meio ponto à de Cecília. “*Os examinadores, senhores Amaro Lima e Antenor Nascentes, concederam um ponto a mais ao sr. Clovis Monteiro, sendo que os senhores Coelho Neto e Nestor Victor deram a ambos a mesma nota*” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1930, primeira página).

A última etapa do concurso, a prova prática, foi realizada no dia 26 de agosto. A prova constou de uma preleção em forma de aula para alunas da Escola Normal, sobre o ponto sorteado no dia anterior:

Escritores do último quartel do século XVIII que merecem especial atenção: Souza Caldas, Jaboatão Frei Gaspar de Madre de Deus, Pedro Jacques Paes Leme. Vista retrospectiva do movimento literário no Brasil, no século XVIII. Principais centros intelectuais.

Os concursos para o cargo de professor catedrático que se realizaram no fim da década de 1920 e início da década de 1930 não só despertaram o interesse do público¹⁹ como provocaram intensa polêmica. A imprensa acompanhou de perto a discussão

¹⁷ Advogado, filólogo, poeta e escritor, Clóvis Monteiro exercia a docência no Colégio Pedro II e era, naquele momento, membro do Conselho Nacional de Ensino. No concurso, defendeu a tese *Traços do Romantismo na poesia brasileira*, publicada em 1929 pela Tipografia d'A Encadernadora, no Rio de Janeiro. Sobre Clóvis Monteiro, consultar Azevedo Filho, Leodegário Amarante de (Org.) *Miscelânea filológica: em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro: Ed. do Professor, 1965.

¹⁸ A prova escrita versou sobre “Machado de Assis, como poeta; tendências modernas do romance em Portugal; Bernardo Guimarães em relação a nossa novelística; tendências fonéticas do português falado no Brasil; João Francisco Lisboa e a sua influência; e as cartas de Mariana Alcoforado” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1930).

¹⁹ O interesse do público pelo concurso foi registrado na primeira página de *O Globo* de 26 de agosto de 1930: “Terminou, hoje, pela manhã, em prova pública que teve grande assistência o concurso de literatura vernácula na Escola Normal. [...] ficou classificado em primeiro lugar o Sr. Clóvis do Rego Monteiro, com um total de 93 pontos e a média final 7,84 contra 89 pontos e a média 7,512 obtidos pela Sra. Cecília Meireles”.

em torno dos critérios de julgamento usados pelas bancas examinadoras. A controvérsia em torno do concurso persistiu durante e depois do concurso, muito provavelmente por envolverem personagens conhecidas do mundo acadêmico-literário.

A própria Cecília, que já era responsável pela Página de Educação do *Diário de Notícias*, escreveu em sua coluna Comentário:

A Escola Normal, para qual a boa vontade da presente administração conseguiu elevar uma tão suntuosa edificação, parece estar ameaçada de vir a abrigar no seu solene recinto todos os adversários da Escola Nova, instituída pela mesma reforma que a criou. [...] O concurso de literatura ultimamente realizado deixou a Reforma Fernando de Azevedo em muito má situação, ameaçada de continuar a ficar sem professores, na Escola Normal, perfeitamente conhecedores da escola primária e da sua conveniente atuação como professores de futuros professores. [...] Depois da desorientação mal intencionada do concurso de literatura, em que os próprios examinadores, dos quais só um pertencia, aliás, à Escola Normal, deram as mais robustas provas da sua completa ignorância de pedagogia de qualquer espécie, o concurso de sociologia, cujo mecanismo interno já começa a aparecer, será outra oportunidade para se avaliar o destino que vai ter afinal a nossa magnífica Reforma de Ensino. Já começaram as discussões sobre a mesa organizada. E muito a propósito. Porque os representantes da Igreja, que dela fazem parte, não puderam jamais, pela própria dignidade do seu cargo, deixar a batina à porta, como já se disse. Está no seu interesse e na sua obrigação religiosa defender o seu credo. E na sua opinião, fazem, de certo, muitíssimo bem. Mas a opinião dos educadores é outra. E essa é que tem que ser respeitada, porque a Escola Normal é um instituto pedagógico e não um seminário.²⁰

E prosseguiu fazendo uma série de observações sobre “A responsabilidade dos reformadores”²¹ em sua coluna diária no periódico. Na análise da situação em que se encontrava a Reforma Fernando de Azevedo, Cecília apontou os que depreciavam o mérito

²⁰ Meireles, Cecília. Comentário “A futura Escola Normal”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, 21, set., 1930, p.4.

²¹ Título do Comentário publicado em 29 de agosto de 1930 na Página de Educação do *Diário de Notícias*.

desse empreendimento, a saber: “os elementos incapazes, os estagnados, os inadaptáveis ao futuro, os exploradores das conveniências, dos preconceitos e do lugar-comum”. A principal qualidade desses “inimigos silenciosos de tudo que possa vir” era o “egoísmo utilitarista” em que “estavam perfeitamente instalados e nutridos”. Não seriam esses os adversários da Escola Nova que estavam tentando abrigar-se na suntuosa edificação da Escola Normal?

A crítica mais contundente, porém, era dirigida a Fernando de Azevedo.²² Não seria para ele a advertência do seu Comentário “A responsabilidade dos reformadores”? As palavras de Cecília parecem alertar o autor da Reforma que sua parte mais importante ainda estava por se fazer: “a transformação necessária de um ambiente ou de uma época”. Formar uma nova mentalidade pedagógica exige novas capacidades intelectivas, razão pela qual o novo e suntuoso prédio da Escola Normal não poderia se transformar em abrigo dos inimigos da reforma. Para se criar uma nova escola, um sistema educacional diferente, era necessário fazer chegar às famílias e, principalmente, aos professores, os princípios que servem de base a sua implantação. Em suas palavras:

[...] defender uma ideia nova é imensamente mais grave que apresentá-la. É garantir-lhe a vida, assegurar a sua esperança; demonstrar aos idealistas que acreditam nas iniciativas generosas, que não foi traída a sua confiança em acompanhá-las; permitir, finalmente, que se possa realizar aquilo que deve constituir a parte profunda de qualquer reforma: a transformação necessária de um ambiente ou de uma época. Numa obra de reforma há que se considerar duas fases: a inicial, em que se coloca o problema nos seus devidos termos, e a da efetivação, em que esse problema começa a palpitar no interesse dos que o com-

²² Ao assumir, no Distrito Federal, a Direção da Instrução Pública, Fernando de Azevedo e seus assessores procuraram encarar os problemas educacionais a partir de uma perspectiva científica. Como medida preliminar, promoveram um recenseamento escolar, a fim de inteirar-se, com precisão, da realidade do sistema escolar do Distrito Federal. Feita a análise dos resultados deste censo, foram diagnosticados os problemas mais graves. Paralelamente, Azevedo deu continuidade ao projeto de seu antecessor, Professor Carneiro Leão, de construção de edifícios escolares próprios para atender à expansão escolar. Para Cecília, isso não era suficiente.

preenderam. Algumas vezes acontece que, por motivos vários, aquele que teve a glória de conduzir à compreensão coletiva uma realidade nova, de que foi o emissário, não a pode deixar construída. Chega, então, o momento de se levantar a voz daqueles que o acompanharam com entusiasmo, que se devem congregam para fazerem, num esforço de conjunto, o que o chefe, no seu posto, não conseguiu fazer.²³

As observações de Cecília deixavam imediatamente visíveis as relações objetivas entre os agentes envolvidos na vida intelectual, naquele momento, na capital da República. De um lado, os representantes da Igreja, cujo “*interesse e obrigação religiosa*” é defender o seu credo.²⁴ De outro, os educadores, preocupados com a função social da escola, interessados em “*estender o ensino a toda a população em idade escolar, [...] em adaptar o novo organismo ao meio social e às ideias modernas segundo as quais os alunos devem ser preparados para a vida e para o trabalho*”.²⁵ Cecília entendia (e defendia) que a “*Escola Normal é um instituto pedagógico e não um seminário*” e, portanto, deve ser um espaço para os educadores “*idealistas que acreditam nas ideias generosas*”²⁶ desenharem uma nova face da escola, tornando-a diferente, sob uma perspectiva humanística não religiosa.

Era, pois, chegado o momento de se levantar a voz daqueles que acompanharam com entusiasmo “o chefe”, congregam forças e efetivar o segundo momento da reforma, fazendo palpitar novamente o interesse dos que compreenderam a importância do empreendimento da construção da escola moderna. Tomando a si essa tarefa, torna-se a voz mais importante do movimento renovador da educação brasileira, uma página da educação.

²³ Meireles, Cecília. Comentário “A responsabilidade dos reformadores”. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1930, p.4.

²⁴ Após a Revolução de 1930, o Governo Provisório de Getúlio Vargas iniciou uma política de aproximação com a Igreja Católica, resultando na reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas.

²⁵ Azevedo, Fernando. *A Reforma de Ensino no Distrito Federal* (discursos e entrevistas). São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1929, p.84.

²⁶ Meireles, Cecília. “A futura Escola Normal”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 21, set., 193, p.4.

Cecília Meireles: uma página de educação brasileira²⁷

Não te aflijas com a pétala que voa:
Também é ser deixar de ser assim.

Rosas verás, só de cinza franzida,
Mortas intactas pelo meu jardim.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos,
Ao longe, o vento vai falando em mim.

E por perder-me é que me vão lembrando,
Por desfolhar-me é que não tenho fim.²⁸

A Página de Educação do *Diário de Notícias*²⁹ foi criada a 12 de junho de 1930 com o objetivo de propor o desenvolvimento da educação popular, examinar questões pedagógicas e apresentar ao público o noticiário de ensino, acompanhado ou não de comentários.

Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola primária até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente atos das autoridades, discutindo as novas ideias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas.³⁰

Em diferentes partes, a composição da Página de Educação incluía, além de notas editoriais, reportagens ilustradas, propagandas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional

²⁷ A diagramação da Página de Educação obedecia a uma estrutura na qual se destacavam a coluna Comentário, do lado esquerdo da página, e no espaço central, mais amplo e sempre com ilustrações – fotos, desenhos –, a coluna “Uma página de educação de ...” (dedicado a um educador, filósofo, romancista, com entrevistas e textos). A inspiração para nomear este capítulo vem, portanto, de Cecília.

²⁸ Meireles, Cecília. *4º motivo da rosa. In: Poesia completa, op. cit.*, p. 524.

²⁹ O jornal *Diário de Notícias* foi criado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, em 12 de junho de 1930, e tinha como redator chefe João Maria dos Santos. Nóbrega da Cunha era amigo de Correia Dias e de Cecília. Foi, inclusive, padrinho de uma das filhas do casal.

³⁰ Meireles, Cecília. Página de Educação. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12, junho, 1930, p.5.

do país e do estrangeiro e, diariamente, “um ou mais artigos de colaboração, firmados por especialistas de reconhecido valor, entre os quais figuram notabilidades europeias e americanas”.³¹

A representação gráfico-visual da página trazia, no alto, em um conjunto finito de pontos e de segmentos de linhas que unem pontos distintos, como uma moldura, o seu título Página de Educação.³²

Nessa Página de Educação, Cecília fez entrevistas e escreveu a coluna diária Comentário,³³ durante o período de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933,

[...] época em que se delineia o campo de Educação, marcadamente escolanovista, cuja moldura foi, em grande parte, obra plástica de Cecília Meireles. A educadora-jornalista abre uma trincheira em sua página de jornal, de onde conversava com os educadores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros,³⁴ sobre suas teses orientadoras das Reformas de Ensino que ora se implantavam, fazendo nascer a sombra do campo da educação.³⁵

³¹ *Idem.*

³² Trata-se do mesmo desenho que, ainda criança, Cecília desenhava na parede de seu quarto. Conferir em *Olhinhos de gato* (Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1980, p. 20). “Ela mesma não sabe como foi: ela descobriu com surpresa uma coisa que não acaba [há coisas que não morrem, infinitas, no desenho da parede]. E dorme tranquila, com esse descobrimento”. Sobre esse desenho e o livro *Olhinhos de gato*, consultar Neves, Margarida de Souza. Paisagens secretas: memórias da infância. In: Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, Ana Chrystina (Orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC- Rio; Loyola, 2001, p. 23-39.

³³ Sobre a Página de Educação consultar Mignot, A. C. V. Antes da despedida: editando um debate. In: Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, Ana Chrystina (Orgs). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC - Rio; Loyola, 2001, pp. 149-171.

³⁴ São muitos e diversos os personagens entrevistados e os convidados especiais (os colaboradores) que Cecília escolheu para escrever sobre educação. Em todos eles, porém, algo comum: a marca “dos grandes inspiradores”, em todas as áreas do conhecimento humano, “homens que ficam eternamente como um facho sempre aceso iluminando o mundo”: Roal Amundsen, Pierre Michailowsky, Kou-Hung-Ming, Anatole France, João de Barros, Fernanda de Castro, Eduardo Spranger, Angelo Patri, Eduardo Claparède, Gerardo Seguel, Yrjo Hirn, Maria Montessori, para registrar somente os colaboradores dos primeiros meses da Página de Educação do *Diário de Notícias*.

³⁵ Lôbo, Yolanda. Memória e educação: O espírito victorioso de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, MEC/INEP, n. 187, p. 527, 1996.

Segundo ela, aquele era o momento do “renascimento pedagógico” e podia-se sentir uma atmosfera que se preparava para a transição da escola clássica para a moderna. “Como estamos numa época de transição, em que não se distinguem ainda nitidamente os problemas educacionais nem o valor dos indivíduos a resolvê-los, acontece confundirem-se também as suas qualidades, pela falta de um ponto de vista seguro e isento”.³⁶

Esse movimento do ar na direção do espírito vitorioso precisava se prolongar do isolamento de sua forma restritamente individual para uma participação com outras formas coletivas, e ele se faz pelas palavras. Como tornar conhecidas as palavras que fazem “flourir todos os impossíveis desejados”, capazes de formular um ponto de vista seguro, senão abrindo um espaço no jornal para trazer “um facho sempre aceso iluminando o mundo”?³⁷ Quem, melhor do que o professor Adolpho Ferrière,³⁸ poderia explicar aos leitores da Página de Educação “*Como o diabo criou a Escola Clássica?*”?³⁹

Com uma grande foto de Ferrière, Cecília transcreveu texto deste autor, publicado originalmente na revista *Educación*⁴⁰:

Certo dia, o diabo veio à Terra e com grande despeito comprovou que ainda havia nela homens que acreditavam no bem. Como este personagem possui um fino espírito de observação, pôde logo verificar que essas pessoas apresentavam certos rasgos comuns de caráter. Eram bons porque acreditavam no bem; eram ditosos porque eram bons; viviam tranquilos e serenos porque eram ditosos; e o

³⁶ Meireles, Cecília. Comentário “Qualidades do professor”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 agosto de 1930, p. 7.

³⁷ Meireles, Cecília. Página de Educação, *Diário de Notícias* em 9 de agosto de 1930.

³⁸ O educador suíço Adolpho Ferrière dirigia a revista *Pour L'Ère Nouvelle* e era um dos interlocutores de Fernando de Azevedo. Vale acrescentar que, em 1931, a revista *Pour L'Ère Nouvelle* dedicou um número à Escola Nova do Brasil, com artigos de educadores brasileiros, entre eles, Fernando de Azevedo e Deodato de Carvalho, sob o título: *L'Education Nouvelle du Brésil*. *Pour L'Ère Nouvelle*, ano 10, n. 67, abr. 1931.

³⁹ Título do artigo de Ferrière.

⁴⁰ Trata-se da revista *Educación*, órgão mensal do Ministério de Instrução Pública e Belas Artes da República do Equador. Transcrevo aqui somente poucos parágrafos do longo texto que ocupou toda a Página de Educação do dia 9 de agosto de 1930.

diabo, do seu ponto de vista, julgou que nem tudo ia bem nesse mundo, e pensou num meio de mudar esse estado de coisas.

Então disse consigo: “A infância é o porvir das raças; comecemos pela infância”.

E apareceu aos homens como enviado de Deus e um reformador da sociedade, declarando: “Deus exige a mortificação da carne, e ela deve começar pela infância. A alegria é pecado, o riso, blasfêmia; as crianças não devem conhecer a alegria nem o riso. O amor materno é um perigo; é preciso afastar as crianças de sua mãe, a fim de que ela não seja um obstáculo à sua comunhão com Deus. É preciso que a juventude saiba que a vida é esforço; saturai-a de trabalho (em latim, *tripalium*, instrumento de tortura); saturai-a de tédio. Que seja banido tudo quanto possa despertar interesse; só é bom o trabalho desinteressado; se nele se introduz o prazer, é a perdição”.

Assim tendo falado o diabo, a multidão inclinou a frente para o chão, gritando: “Queremos salvar-nos: que é preciso fazer”?

– Criai a escola!

E, sob as indicações do diabo, foi a escola criada.

A criança ama a natureza; amontoam-na em salas fechadas; quer brincar; fazem-na trabalhar. [...]

Imediatamente o regime frutificou. Em breve aprenderam as crianças a adaptar-se a estas artificiais condições de vida. [...] aprenderam, então, o que jamais teriam aprendido sem esse sistema: souberam fingir, enganar, mentir. [...] A escola esforça-se em mortificar, à força de castigos e de trabalhos suplementares, o discípulo que qualifica de insolente porque nele transborda a alegria de viver e a energia vital; ou castiga como preguiçoso, ao que pelo seu temperamento é levado a fazer gazetas, qualificando como pecados os são instintos de defesa dos espíritos retos. No momento, o êxito parecia certo e o diabo vitorioso. Todos os professores da escola o tinham por santo, a que rendiam devoção, trabalhando para matar a alma da criança, torcendo o pescoço à sua espontaneidade, obscurecendo-lhe a memória, falseando-lhe a razão, engorgitando-as de ciência livresca. “A ciência é inútil; não o esqueçais – gritava o diabo – o desinteresse, o dever pelo dever, o esforço pelo esforço”. – O tédio pelo tédio – exclamaram as crianças inteligentes que, aplicando o ouvido à porta e o olho ao buraco da fechadura, tudo tinham ouvido e adivinhado.

E desde então vereis o que se passou. Conformando-se com os ditames do diabo, uma boa parte da raça definha, enfraquece, chega a ser passivamente desinteressada por tudo. A saúde não pode resistir ao regime de imobilidade, do silêncio, do ar confinado, das pesadas horas de trabalho, dos estudos sem interesse, de sistemática negação de toda espontaneidade.⁴¹

O que Cecília desejava mostrar, com o texto de Ferrière, eram as principais características da escola tradicional – imobilidade, silêncio, desinteresse, ausências de liberdade e de espontaneidade – para contrastar com os princípios orientadores de uma nova e audaciosa perspectiva pedagógica, que outorga aos homens a liberdade de viverem de acordo com o seu pensamento. Produzindo a oposição entre o tradicional e o novo espírito da educação, mostrava a profundidade ignorada do processo educativo e denunciava a ilusão da transparência de uma prática de pré-construções naturalizadas e, portanto, ignoradas como tal, posto que socialmente construídas. Para ela, era preciso estabelecer novos princípios capazes de romper com essas pré-construções e, ao mesmo tempo, introduzir uma nova atitude pedagógica.

As aspirações da escola moderna eram outras e diferentes daquelas da escola tradicional. O destaque, justamente, era promover a liberdade e a espontaneidade do ser humano, principalmente da criança. Na escola moderna, “a criança é a origem e o centro de toda atividade escolar”⁴², para usar uma expressão de Anísio Teixeira.

Assim sendo, foi para a criança que Cecília dedicou a primeira edição da Página de Educação, com o texto “A imaginação deslumbrada da criança”⁴³, e ilustrações feitas por crianças:

⁴¹ Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 agosto de 1930, p. 7.

⁴² Para Anísio Teixeira, “não é somente o desejo de dar liberdade à criança que dirige os educadores, é sobretudo a impossibilidade de a negar, se querem construir obra de educação respeitável e sincera. Dessa premissa da criança autônoma e livre é que temos de partir para a aventura da reconstrução educacional”. Cf. Teixeira, Anísio. *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1934, p.53 e 57.

⁴³ Meireles, Cecília. Comentário “A Imaginação deslumbrada da criança”. Página de Educação. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1930, p.4.

Em toda criança preservada ainda dessa opressão dos preconceitos que sobre elas costuma exercer a deformadora tirania dos adultos, em toda criança que vem evoluindo livremente de dentro de si mesma com essa misteriosa orientação que faz as plantas romperem as sementes para, atravessando o duro solo, realizarem em pleno sol a intenção do seu destino, mora uma alma deslumbrada, enfrentando a vida como um grande espetáculo mágico, e elaborando, diante de cada coisa que contempla, o sonho silencioso das suas próprias interpretações.

Neste primeiro convívio com o mundo, tudo as faz completamente maravilhoso: como os sentidos apenas ensaiam suas aptidões, as formas, as cores, os sons representam, a cada instante, um milagre novo.⁴⁴

Todavia, diz Cecília, as intenções da escola moderna já se faziam presentes na inquietude “daqueles que, em passados vários, contemplaram o processo da vida e a formação humana de um ponto que lhe permitisse uma visão universal e total”.⁴⁵ Para sustentar sua argumentação, Cecília traz aos leitores “Uma bela página de psicologia, a infância de Pierre Nozière”⁴⁶ (Anatole France):

Com essa clareza de ver e essa finura de revelar, ninguém melhor que Anatole para trazer à superfície o mundo encantado da infância. E esta página que aqui reproduzimos mostra como o grande artista soube sentir a vida das crianças, como a tomou nas suas mãos inteligentes sem a oprimir, sem a deformar, com esse tato de quem toma todo o perfume de uma flor sem lhe mudar a cor de uma pétala com a sua violência, sem alterar uma curva do seu contorno com a sua precipitação. Como soube fazer na sua memória um asilo claro e puro para o passado sem fim...⁴⁷

⁴⁴ Meireles, Cecília. Comentário “A Imaginação deslumbrada da criança”. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1930, p. 4.

⁴⁵ Meireles, Cecília. *O espírito victorioso*, op. cit., p. 29.

⁴⁶ *Pierre Nozière* é o segundo livro, dos três romances autobiográficos de Anatole France, publicado em 1918. O primeiro deles, lançado em 1888, foi *O livro de meu amigo*. O terceiro, *La vie en fleur*, em 1922.

⁴⁷ Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1930, p. 7.

O corpo central da Página de Educação, nos primeiros seis meses, foi dedicado aos “inspiradores” e “realizadores” da obra educacional⁴⁸, na coluna “Uma Página de [...]”

Em 9 de novembro de 1930, Cecília apresentou aos leitores “Uma Página de Educação de Maria Montessori: o mundo das crianças e o dos adultos”. “Na página que hoje publicamos vêm expostas as ideias básicas do seu método [de Montessori]: desenvolvimento da energia infantil mediante liberdade, atividade e independência da criança”.

No mês seguinte, em dois dias seguidos, 23 e 24 de dezembro, Yrjo Hirn escreveu um texto – “Os brinquedos e a sua relação com a vida humana (I e II) – abordando o caráter educativo dos brinquedos⁴⁹: [...] *encontram-se, desde logo, objetos que não deixam de ser instrutivos*”. O autor não se refere a brinquedo como jogo, mas ao próprio objeto material.

Pode-se observar que a apreciação do brinquedo como função educativa vinha sendo objeto de uma série de observações feitas por Cecília em seus comentários, com o objetivo de esclarecer os leitores adultos sobre o uso dos brinquedos no mundo infantil. Em “A criança e os brinquedos”, matéria do Comentário de 10 de outubro de 1930, Cecília diz que a causa mais frequente de desentendimento entre o mundo dos adultos e o da infância reside no que cada um deles pensa a respeito de um brinquedo.

⁴⁸ Cecília queria familiarizar os leitores, principalmente os professores, com a nova pedagogia. Ela fez uma enquete para saber o que pensavam os professores sobre a renovação educacional e qual a orientação que imprimiam às suas aulas. O resultado da enquete a deixou preocupada. “*Pensavam o seguinte: os educadores [...] gente longínqua. Meio inexistente. Nomes confusos. Personalidades? Assim [...] Vagamente. Dizem que o dr. Decroly estuda anormais [...] A Montessori é aquela dos jardins de infância, mais o Fröbel [...] Também existe Ferrière [...] Orientação? Oh! Tudo muito complicado [...] Métodos e mais métodos, cada qual mais extravagante [...] Quanto à criança [...] Se com os processos antigos não aprendia, ali obrigada, sem recreio, com zero a tinta vermelha no caderno, e castigo no canto da sala, quanto mais agora, com essa liberdade toda, podendo fazer o que quer [...]*”. Comentário “Formação de Professores”. Página de Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1930, p. 7.

⁴⁹ O autor examina alguns brinquedos mais comuns, como chocalho e máscaras.

No desejo do adulto, o brinquedo devia ser uma coisa bonita feita para encantar a criança, interessá-la, mas, ao mesmo tempo, despertar-lhe um tal respeito, ou pela sua beleza, ou pelo seu valor, que ela não se atrevesse a tomá-la nas mãos senão em certas horas, durante um certo tempo, e de certa maneira. Resumindo: que não a estragasse. [...] A criança vê o brinquedo, e gosta ou não gosta dele, segundo ele está ou não de acordo com os seus interesses psicológicos, segundo o desenvolvimento das suas faculdades carece deste ou daquele motivo de expansão. Então, serve-se do brinquedo de acordo com essas necessidades interiores, sem que lhe passe pela cabeça que é preciso brincar com cuidado, a não ser quando assim lho repetem – embora sem resultado – os adultos. [...] os pais se entristecem [...] quando veem os filhos inteiramente satisfeitos com brinquedos que lhes parecem desprezíveis: bonecos de trapos, carrinhos feitos com latas de biscoitos, casas de caixas de papelão, vestidos compridos arranjados com panos velhos ou novos [...] bandeiras de papel, coladas com sabão, colares de botões, anéis de fio de linha e outras coisas do gênero. [...] É que, em primeiro lugar, o brinquedo que se dá a uma criança geralmente não corresponde aos seus interesses biológicos. Quando a criança está embevecida com as formas e as cores, dão-lhe coisas de mecânica complicada. Quando está na idade do movimento, dão-lhe coisas imóveis, feitas para contemplação. Quando requer coisas de raciocínio, não a satisfazem. É uma constante atrapalhão... Em geral, a criança, dobrando o pobre brinquedo à necessidade das suas funções psicológicas, converte-o em instrumento dessas funções, apropriando-o, modificando-o, utilizando-o, enfim. Como são injustos os adultos! Chamam a isso – estragar! Quanto às belas invenções das crianças, elas são a realização da sua própria vida interior; a prática de si mesmas. [...] É por isso que o brinquedo mais útil é aquele que a criança cria, ela mesma, que procura realizar com o material de que dispõe. Os parentes e professores, acompanhando esse interesse, favorecendo-o, orientando-o sem o oprimirem, concorreriam de um modo vantajosíssimo para a alegria da infância, ao mesmo tempo que a estariam educando, através da execução daquilo que ela tanto aprecia: o brinquedo.

Sob essa perspectiva, portanto, o [objeto] brinquedo é instrumento estimulador da inventividade infantil, que a escola e a família devem dele tirar proveito, ativando a espontaneidade da criança.

Não somente o brinquedo, mas os jornais infantis⁵⁰ – também frutos dessa espontaneidade – são caminhos “de acesso aos mistérios da alma da criança”. Mas, para se chegar a esse caminho, alguns cuidados são necessários. Quando nos aproximamos do mundo infantil, diz Cecília, “o primeiro cuidado que devemos ter é o de agir de tal modo, que entre nós e as crianças se estabeleça uma ponte de absoluta confiança, por onde possamos ir até elas, e elas, por sua vez, sejam capazes de vir até nós”.⁵¹

Em primeiro lugar, portanto, é preciso criar um ambiente de simpatia e de confiança que estimule o ânimo da criança para mostrar toda “sua vida profunda, todos os seus impulsos silenciosos, tudo que ela em si mesma começa a ver como mundo novo, surgindo dentro do mundo existente”.⁵²

Em segundo lugar, privilegiar menos a “escrita certa” – “que é uma algema, quase sempre, detendo a sua revelação interior” – e mais a autenticidade e a espontaneidade da criança. “Estimular essa revelação da alma infantil é meio caminho andado para a obra de educação”,⁵³ afirma Cecília.

Destarte, o educador deve cuidar para estimular a produção de documentos infantis – diário, jornal, poema, carta – evitando, porém, “que os seus alunos venham a pensar tal qual ele pensa”, para não “agrilhoá-los ao passado”. O grande educador, diz Cecília, “quer que eles [os alunos] cheguem à sua própria floração, cercados de todos os elementos favoráveis, com a garantia da sua inviolada plenitude”.⁵⁴

Cecília assinala que, para tornar a escola atraente, é importante considerar não somente a relação pedagógica entre professor e alunos, mas, também, transformar o ambiente físico da escola. Para isso, faz um convite aos professores:

– “Vamos pôr fora todas essas coisas velhas?”

⁵⁰ Título do Comentário publicado em 22/10/ 1930. Página de Educação. *Diário de Notícias*.

⁵¹ “Nós e as crianças”, Comentário. Página de Educação. *Diário de Notícias*, em 24/10/ 1930.

⁵² “Os jornais infantis”, Comentário. Página de Educação. *Diário de Notícias* em 22/10/ 1930.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Ibidem*.

— “*Vamos ordenar uma limpeza geral nas escolas, ainda que fiquem apenas os bancos para as crianças se sentarem?*”⁵⁵

Tudo o que exercesse uma ação perniciososa sobre crianças e professores deveria ser retirado da escola, para torná-la atraente. Não somente o “*mobiliário feio, as paredes sujas, os enfeites fora de moda*” deveriam desaparecer, mas todo “*o conjunto das hostilidades*” ainda presente na escola, herança da estrutura organizacional da escola tradicional.

[Os professores] Deixam a sua casa florida, alegre, clara, onde a vida também canta, sedutoramente. Encontram a escola com o conjunto das suas hostilidades: o relógio feroz, que não perdoa os atrasos do bonde; o livro de ponto ferocíssimo, com a sua antipática roupagem de percalina preta e a sua sinistra numeração, pela página abaixo. [...] De toda a parte surgem objetos detestáveis: régua, globos empoeirados, borrachas revestidas de madeira, tímpanos, vidros de goma arábica, todas essas coisas hediondas que se convencionou fazerem parte integrante da fisionomia da escola, e que são acreditadas indispensáveis e insubstituíveis. Coisas mortas. Coisas de outros tempos. Coisas que se usaram nas escolas de nossos avós e de nossos pais. Não se pode pensar em familiaridade, em proximidade infantil, em vida nova, em educação moderna, no meio dessa quantidade de mata-borrões, de mapas com demarcações arcaicas, de balanças que não funcionam, de moringas de gargalo quebrado, de caixinhas de sabonete para guardar giz, e das coisinhas armadas nas taboinhas dos armários chamados museus, nas quais não se pode bolar para não estragar, e que têm um rotulzinho em cima, tal qual os vidros de remédio.⁵⁶

Mas por que os professores não tomam a iniciativa de modificar esse ambiente? Cecília aponta o conjunto de razões que impedia a reorganização pedagógica da escola no Brasil:

Porque acima da sua vontade estão acumuladas muitas rotinas de outras vontades. Porque, algumas vezes, a manifestação de um natural bom gosto, de uma cultura mais apurada servem de base a ridículas insinuações, e a crítica mordazes. Porque ainda não temos,

⁵⁵ “A Escola Atraente”, Comentário publicado em 31 de julho de 1930. Página de Educação. *Diário de Notícias*

⁵⁶ *Idem.*

infelizmente, uma totalidade de professores capaz de agir simultânea e solidariamente nesta obra de reorganização pedagógica que representa, para o Brasil inteiro, uma etapa de progresso que todos os esforços devem denodadamente acentuar.⁵⁷

Pode-se observar que, de junho a dezembro de 1930, os temas abordados por Cecília na Página de Educação formam um conjunto articulado de ideias, valores, opiniões, crenças, que expressam e reforçam as relações que conferem unidade ao grupo dos pioneiros da nova educação. Neste sentido, a Página de Educação cumpria a função de formar juízos favoráveis, junto aos professores, pais e responsáveis, às novas atividades educacionais que se desejavam implantar, fundamentadas nos princípios da Escola Moderna.⁵⁸

Para compor a nova face da educação, durante o mês de outubro Cecília focou suas atenções no professor e na criança.⁵⁹ Os títulos de seus comentários⁶⁰ indicam que esses temas se sobrepõem a qualquer outro e têm o propósito de retirar “*a presença ativa de experiências passadas entranhadas em cada professor sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação*”⁶¹ que aprisionavam a prática docente e obstruíam o caminho da renovação pedagógica.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ Sobre Cecília Meireles e os ideais da Escola Moderna consultar Strang, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

⁵⁹ Cecília formula uma ideia original para a prática pedagógica, a partir de uma nova concepção de infância. Leitora de Pestalozzi, Decroly, Montessori, Ferrière, Claparède, entre outros, Cecília se inteirava das novas abordagens introduzidas pela Escola Nova no processo de socialização da criança.

⁶⁰ “A consciência dos educadores”; “A ideologia dos educadores”; “A esperança do educador”; “As qualidades do educador”; “A criança e o segredo”; “A criança e os brinquedos”; “Jornais infantis”. Uma das preocupações de Cecília diz respeito à saúde do professor, objeto de seu Comentário “As condições físicas do professor”. Para ela, “*Não há nada mais lamentável na vida de um educador do que as crises por que frequentemente passa em consequência do próprio exercício da sua profissão*”. (Comentário de 4 de julho de 1930)

⁶¹ Lôbo, Yolanda. O ofício de ensinar. In: Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A.C. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, editora Puc - Rio e Loyola, 2001, p. 70.

O trabalho da educadora-jornalista, nesses primeiros meses de existência da Página de Educação, teve o objetivo de propagar os princípios norteadores de uma nova concepção de educação. Para isso, organizou as matérias da Página em dois blocos complementares. Em sua coluna Comentário, traduzia, por meio de uma linguagem coloquial, clara, despresumida – “*uma conversa*”⁶² para fazer “*nascer a sombra*” –, conceitos fundamentais de teorias de educação. A coluna central – “Uma página de ...” – apresentava personagens que materializavam esses conceitos na obra de educação no Brasil e no mundo.

No entanto, eclodindo o movimento militar que culmina com a deposição do Presidente Washington Luis e a subida ao poder de Getúlio Vargas, novas inquietações apareceram em seus comentários.

É oportuno lembrar que o grupo fundador do *Diário de Notícias*, simpatizante da Aliança Liberal que alçou Getúlio Vargas ao poder, apoiou o movimento revolucionário de 1930. Segundo Valéria Lamego,⁶³ “*o clima da redação do Diário de Notícias tinha a mesma aura política que suscitou sua fundação*”. Lamego cita Depoimento de Carlos Lacerda em que afirma: “*o jornal era um centro de debates em torno da ocupação da Revolução de 30*”. Contudo, percebendo que Getúlio Vargas não tinha intenção de convocar a Assembleia Nacional Constituinte, o jornal aliou-se à Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932.⁶⁴

O novo panorama político,⁶⁵ certamente, não poderia deixar

⁶² Em carta dirigida a Fernando de Azevedo, em 21 de março de 1934, Cecília afirma: “*Conversar é fazer nascer a sombra*”. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional. Seção Manuscritos. Inventário Darcy Damasceno.

⁶³ Lamego, Valéria. *A farpa da lira*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.15.

⁶⁴ Em 1949, quando Vargas se lançou candidato à Presidência da República, o jornal fez um resumo histórico sobre “*Getúlio Vargas, o inimigo número um da democracia brasileira*”.

⁶⁵ O novo panorama político deslocou Fernando de Azevedo para São Paulo. Assume a Prefeitura do Distrito Federal, na condição de Interventor, Adolpho Bergamini, em 24 de outubro de 1930, e na Direção da Instrução Pública, o Inspetor de Ensino e Deputado Raul de Farias.

de ser objeto dos comentários de Cecília. Aqui e ali, a educadora foi intercalando com outros temas o da revolução: “As crianças e a revolução”; “Educação e revolução”⁶⁶; “Política e pedagogia.”; “Educação artística e nacionalizadora”; “O momento educacional”; “A responsabilidade da revolução”; “Um dos resultados da revolução”; “As iniciativas educacionais de após-revolução”.

As primeiras ações políticas tomadas por Getúlio Vargas no âmbito da educação trouxeram preocupações para a educadora-jornalista. O projeto para criar um ministério com a finalidade de tratar os assuntos de educação nacional se concretizou com Getúlio Vargas, que nomeou o jurista Francisco Campos titular da pasta de educação.⁶⁷

A nomeação de Francisco Campos para ocupar o cargo de ministro da Educação e Saúde provocou no grupo de educadores – que na Associação Brasileira de Educação⁶⁸ defendiam um programa de educação pautado nos princípios da Escola Nova – sentimentos de apreensão quanto aos possíveis danos que tal ato poderia causar ao programa de educação e, com certeza, quanto à coesão entre os membros do grupo.

⁶⁶ Sob esse título, Cecília discorre sobre a formação dos professores. A Revolução a que se refere é aquela “*tentativa da formação brasileira que tivemos com a Reforma do Ensino*” (Fernando de Azevedo) que se ampliou “*através de uma lente gigantesca, projetando-se em todas as atividades brasileiras, adquirindo, ao mesmo tempo, detalhes novos e mais perfeitos*”. Comentário “Problema Educacional”, *Diário de Notícias*, em 29 de novembro de 1930, p.7.

⁶⁷ Desiludida com os primeiros atos do Governo Vargas, Cecília escreveu: “*Depois da Revolução, ficou absolutamente insolúvel o problema educacional do Brasil*”. Comentário publicado em 18 de julho de 1931, na Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁶⁸ Segundo Marta Chagas de Carvalho, “A Associação Brasileira de Educação (ABE) foi fundada no Rio de Janeiro em outubro de 1924 por um grupo de profissionais – advogados, médicos, professores, jornalistas e, principalmente, engenheiros – que, desiludidos com a República e convencidos de que a solução dos problemas do país residia na educação, decidiram organizar uma ampla campanha pela causa educacional, propondo políticas, constituindo objetos e estratégias de intervenção e credenciando-se a si mesmos como quadros intelectuais e técnicos de sua formulação e execução” (Texto apresentado na exposição “Educação pede passagem – 85 anos da Associação Brasileira de Educação”, realizada de 10/11 a 2/12/2009 na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, por ocasião do IX Congresso Ibero-Americano de História da Educação).

Em seu Comentário “Ministério da Educação”⁶⁹, após “o sair – sem sair” – de Francisco Campos do Ministério⁷⁰, Cecília expressou os sentimentos do grupo que, apesar do ministro, permaneceu lutando pela *causa da educação*:

Este momento é dos mais difíceis sob todos os pontos de vista, mas, sob o ponto de vista educacional é talvez o nosso mais difícil momento. Sobrevindo quando nos preparávamos para uma atitude nítida em relação ao nosso máximo problema, que é o da formação do povo, operou-se um fenômeno de dissociação entre as forças mais prósperas⁷¹, e não sabemos precisamente o fim reservado às mais belas iniciativas.

Antes da Revolução, contávamos com um certo número que, ou por sinceridade natural ou pela determinação das circunstâncias, se empe-

⁶⁹ “O Ministério da Educação”. Comentário publicado em 16 de janeiro de 1932, p.6. “O sr. Francisco Campos saía sem sair. Por sua livre vontade. Saía ficando”. Em “Outra vez o Ministério”. Comentário publicado em 10 de setembro de 1931, p.6, Cecília escreveu: “Para os desprevenidos, parece obstinação falar tanto no Ministério vago. É que esse Ministério é uma terrível interrogação no destino novo desta terra e desta gente. [...] O governo criou o Ministério da Educação. [...] mas, diz-se que já pensa extingui-lo ... E por que? Será que depois do sr. Francisco Campos, é melhor desistir de tratar o problema? Isso é que não”.

⁷⁰ A nomeação de Francisco Campos desagradou o grupo de educadores que acompanhou a implantação da Reforma Fernando de Azevedo. Cecília considerou essa nomeação uma “calamidade”, “um assalto”. No período em que esteve à frente do Ministério, Francisco Campos introduziu por meio de decretos uma série de reformas que foram objeto de críticas desse grupo. O decreto que introduziu o ensino religioso nas escolas foi julgado pernicioso por Cecília em seus comentários. Em resposta ao que considerava desrespeito aos direitos da infância, um grupo de educadores (Armanda Álvaro Alberto, Edgar Sussekind de Mendonça, entre outros) criou a Liga Anticlerical. Atendendo convite dessa Liga, Cecília fez uma conferência na qual registrou sua indignação com esse “famigerado decreto”.

⁷¹ Marta Chagas de Carvalho assinala que nos anos 1920-1930 a ABE foi “a principal instância de articulação do chamado movimento de renovação educacional no Brasil. Na campanha que promoveu na década de 1920 se constituíram e se legitimaram, aglutinados em torno de uma causa comum, os educadores que, como grupos organizados, se oporiam alguns anos mais tarde, na primeira metade dos anos 1930. [...] A criação do Ministério da Educação e Saúde inaugurou espaços de poder de importância estratégica na configuração e no controle técnico e doutrinário do aparelho escolar. Com isso, dissolveu-se o consenso que, na década de 1920, agregava posições divergentes em torno da ‘causa educacional’, transformando-se em acirrada disputa pela implementação de programas político-pedagógicos concorrentes” (Texto apresentado na exposição “Educação pede passagem – 85 anos da Associação Brasileira de Educação”, realizada de 10/11 a 2/12/2009 na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, por ocasião do IX Congresso Ibero-Americano de História da Educação).

nhavam numa obra comum. [...] Resta-nos um pequeno grupo. Um pequeno grupo capaz de grandes coisas. Capaz até dessa coisa imensa que é não carecer de se tornar maior...

Para Cecília, a junção da Educação e Saúde em um só ministério era um erro, porque não somente acirrava a disputa entre médicos e educadores (e os médicos eram mais numerosos que os educadores, e a medicina, uma “*coisa mais acreditada que a pedagogia*”), mas por tirar do foco o problema maior: a educação. Assim, diz Cecília,

Aguardamos, pois, mais uma calamidade, mais um assalto ao nosso ministério principal, ou mais um descuido – se porventura a tremenda experiência realizada com o Sr. Francisco Campos não obrigar o governo a uma demorada reflexão antes de qualquer escolha”.⁷²

O momento era de perplexidade e desorientação. Para ela,

[...] se a Revolução criou este ministério é porque reconhecia a sua utilidade. Se lhe reconhecia essa utilidade é porque sabia da existência do problema educacional, no mundo e no Brasil. Se sabia dessa existência, estava a par dos elementos que possuía para o resolver. No entanto, começou escolhendo o sr. Francisco Campos, que, apesar de ter feito uma reforma, permitiu nela tantas provas de incompreensão da atualidade, ou de horror à responsabilidade de a compreender, que isso só bastaria para a contraíndicação do seu nome.

E agora? Quem é que se vai pôr no Ministério vazio? Qual o pedagogo apressado que vai por aí reclamando pagamento de serviço? Quem é que se atreverá a tecer a sua própria desmoralização, depois do formidável exemplo com que este ministério foi inaugurado? Não são perguntas ao acaso. Não. São perguntas que ficarão esperando resposta, porque elas não representam a aspiração de alguns apenas, mas o destino de todo o país, e envolvem, além disso, a confiança ou a decepção do mundo inteiro.”⁷³

A atuação de Francisco Campos à frente do Ministério da Educação e Saúde provocou muita celeuma. Em “Coisas de Educação ...”, Cecília apontou os erros da administração Campos,

⁷² “Um problema insolúvel.”, Comentário publicado em 18 de julho de 1931, p. 6. Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁷³ Idem.

destacando a inabilidade do ministro no trato de questões educacionais e os desvarios de seus atos; para ela, a “*instabilidade das ideias e das preocupações neste começo de tempos novos*” havia colocado em segundo plano a obra de educação. E, com perspicácia, concluiu:

A primeira coisa que caracteriza, pois, a atuação do sr. Francisco Campos, é a inatualidade dos seus pensamentos sobre educação. [...] Efetivamente, tomar conta de um cargo é coisa relativamente fácil. Mas poder desempenhá-lo é outra coisa, muitíssimo diferente...⁷⁴

Sobre o conjunto de reformas decretadas pelo Ministro⁷⁵, a educadora ponderou: “*se a sede do Sr. Francisco Campos, ao invés de ser de mando e de autoridade, fosse apenas de popularidade, já devia estar satisfeita a esta hora, porque não há jornal que não escreva, por dia, pelo menos um artigo contra a sua anunciada reforma, que, afinal, sempre saiu maiorzinha que o rato da montanha, mas de muito pior natureza...*”⁷⁶

O Decreto nº. 19.941 de 30 de abril de 1931, que institui o ensino religioso nas escolas públicas, matéria de caráter facultativo para os alunos, chocava-se frontalmente com o princípio de laicidade do ensino, defendido pelos educadores da Escola Nova. Justificando seu ato, Francisco Campos afirmou que as novas relações entre o Estado e a religião católica fundamentavam-se no desejo de atender à maioria dos brasileiros que professavam aquele credo religioso.

⁷⁴ “Coisas de Educação...”, Comentário publicado em 12 de setembro de 1931, Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁷⁵ Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, cria o Conselho Nacional de Educação; Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, dispõe sobre a organização do Ensino Superior e adota o regime universitário; Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931, dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro; Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931, dispõe sobre a organização do Ensino Secundário; Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, institui o Ensino Religioso como matéria facultativa nas escolas públicas; Decreto nº 20.158, de 30 de abril de 1931, dispõe sobre a organização do Ensino Comercial e regulamenta a profissão de Contador; Decreto nº 21.241, de 14 de abril de 1931, consolida as disposições sobre a organização do Ensino Secundário.

⁷⁶ “Ainda o nefando decreto”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, jun., 1931.

Cecília contestou a afirmação do ministro, apresentando outra estatística: a “do censo de 1920, a última que possuímos. Baseando-nos nele, tal como vem na ‘Divulgação do Ensino Primário’ do Dr. Frota Pessoa, chegamos à seguinte conclusão: sobre uma população de 30.635.605 habitantes, analfabetos 23.142.248. Só temos, portanto, 7.498.537 de alfabetizados.”⁷⁷

Em dias seguintes, a educadora retomou o assunto, concluindo: “Chegamos a este paradoxo, no Ministério da Educação – cuidar-se mais do catecismo que da escola.”⁷⁸

No exame que fez dos prejuízos que o “desastrado e nefando” decreto⁷⁹ trazia para a escola, Cecília sentenciou: “esse ensino religioso nas escolas, que um ministro irresponsável decretou, e um presidente desatento (ou hábil...) sancionou, é um crime contra a Nação e contra o mundo, contra os brasileiros e contra a humanidade”⁸⁰

Se a ação legiferante de Francisco Campos causava perplexidade, o quadro de incertezas na direção da instrução pública do Distrito Federal era inquietante. As hesitações do então interventor do Distrito Federal, Coronel Julião Esteves, para nomear o novo Diretor da Instrução Pública,⁸¹ provocaram inquietação no magistério, principalmente entre os que participavam da implantação da Reforma Fernando de Azevedo. Circulavam notícias sobre a intenção do interventor escolher um inspetor escolar para

⁷⁷ “Uma estatística necessária”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, jun., 1931.

⁷⁸ “Contraste....”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, jun., 1931.

⁷⁹ Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931.

⁸⁰ Comentário publicado em 5 de maio de 1931, sob o título “As crianças e a religião”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7.

⁸¹ O ambiente político-educacional da capital da República era de incertezas. Em determinado momento, os três principais postos da administração da educação encontravam-se vagos, sob a ação de interinos. “Temos o Ministério da Educação vazio. Quem provisoriamente o atende não será capaz de se resolver a continuar a desgraça em que mergulhou seu antecessor. Temos, por outro lado, vazia a Diretoria de Instrução. Vazia de ideias e de pessoas. A Subdiretoria Técnica, de que ninguém ouviu falar nestes onze meses...” (Comentário publicado em 29 de setembro de 1931, Página de Educação do *Diário de Notícias*).

esse cargo. A notícia provocou na educadora-jornalista uma forte reação e mereceu uma resposta em forma de advertência: “Prudência Coronel!”⁸²

[...] as criaturas sinceras têm de reconhecer que é extremamente perigosa a sua intenção, porque pode deixar de incidir nos raros elementos de valor que se encontram capacitados para essa escolha – tão difícil parece ser para quem governa chegar com vistas penetrantes ao ponto mais justo da sua ação.

De qualquer maneira, o que o novo interventor não pode consentir, porque isso será a sua própria desmoralização e a do governo que representa, é que algum elemento vergonhoso para o magistério se instale manhosamente no cargo de onde, ainda no regime findo, foi ditada a maior reforma que já se tentou fazer no Brasil, e que encerra toda a inquietude de um país que deseja chegar à criação do seu destino mediante o levantamento do povo, tão frequentemente sacrificado.

Isso seria um ultraje à honra nacional.

[...] a prudência deve ser a primeira qualidade que qualquer administrador tem de consultar, antes de fazer uma nomeação ou permitir uma permanência.

O magistério primário se sentiria humilhado, e o povo inteiro teria razão para se considerar infamado se à Diretoria da Instrução, que é o ponto para onde se voltam todas as vistas dos homens esclarecidos do Brasil, pudesse, por um golpe de malandragem, ascender alguém que não viesse apoiado, pelo menos, em qualidades de caráter capazes de dar à sua presença um aspecto aceitável, que fosse.

[...] Porque, se o coronel Júlio Esteves⁸³ se distrai, se a Diretoria de Instrução cai nas mãos de qualquer moleque político, de qualquer bacharel sem ocupação, de qualquer nulidade enfeitada dessas que sempre estão alertas quando fica vago um cargo público, então, podemos perder as esperanças e aguardar apenas que um ciclone qualquer venha varrer a nossa terra, apagar no mundo a ansiedade dos

⁸² Título do Comentário publicado em 25 de setembro de 1931. Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁸³ Júlio Freire Esteves substituiu o Interventor Adolpho Bergamini na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em 1931.

idealistas por uma aspiração que todos os dias se empenham em dificultar e tornar impossível os covardes, os interesseiros, os ignóbeis que sacrificam a sorte de um povo inteiro à sua fome pessoal de dinheiro e vaidade.

Contudo, apesar da advertência, o coronel Julião Esteves não acatou o conselho de Cecília, e nomeou o inspetor Arthur Maggioli,⁸⁴ militante da Aliança Liberal, que teria sido indicado por seus colegas inspetores. Poucos minutos após circular a notícia da nomeação do inspetor, outra notícia chegou aos jornais: o coronel havia anulado o ato de nomeação. Cecília não pôde deixar de informar a seus leitores essa “Imprudência do Coronel”⁸⁵:

Toda a gente ficou perplexa. Como é que, dentro de alguns minutos, se pode e não se pode ser diretor de Instrução? A prudência veio abaixo e, com ela, a sabedoria inacreditável que tinha enchido de esperança os que conhecem alguma coisa do assunto. Agora ninguém sabe mais como vão ficar as coisas.

A Direção da Instrução Pública do Distrito Federal estava vaga com a saída do Sr. Raul de Faria.⁸⁶ Percebendo que a nova administração não demonstrava interesse em dar seguimento à Reforma de Ensino Fernando Azevedo, e julgando necessário remover todas as convicções anacrônicas que estavam impedindo a visão dos novos tempos, a educadora-jornalista aproveitou a inauguração do ano letivo, a 12 de março, para publicar na Página de Educação a confe-

⁸⁴ Cecília considerava o inspetor de ensino “um homem honrado”, mas discordava do critério usado para escolher o novo Diretor da Instrução Pública.

⁸⁵ Título do Comentário publicado em 29 de setembro de 1931. Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁸⁶ Raul de Faria assumiu a Direção da Instrução Pública na gestão do Interventor Adolpho Bergamini, iniciada em 24 de outubro de 1930. Menos de um ano depois de assumir o cargo, a 23 de setembro de 1931, Adolpho Bergamini foi demitido e, para o cargo de Interventor, assumiu, interinamente, o Coronel Julião Freire Esteves. Com a saída de Bergamini, Raul de Faria pediu demissão do cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. O processo de interinidade, na prefeitura, somente será concluído com o novo interventor Pedro Ernesto (27 de setembro de 1931) e, na Direção da Instrução Pública, em 06 de outubro de 1931 com a nomeação de Anísio Teixeira.

rência pronunciada por Fernando de Azevedo, em São Paulo, sob o título “A arte como instrumento de educação na Reforma”.

O primeiro semestre de 1931 foi inteiramente dedicado a promover a Reforma de Ensino Fernando de Azevedo por meio de entrevistas, artigos e resenhas de livros. Em uma série de cinco artigos, Fernando de Azevedo apresentou a concepção estética da nova educação. Seguiram-se entrevistas com o Dr. Frota Pessoa, um dos colaboradores diretos de Fernando de Azevedo, do qual foi subdiretor administrativo, e que, analisando a situação do ensino primário no Distrito Federal, fez um paralelo entre a obra educacional de Fernando de Azevedo e a Abolição da Escravatura, como dois marcos da civilização brasileira.

Em abril a Página de Educação trouxe uma carta do professor Anísio Teixeira comentando a *Realidade brasileira*, livro de autoria de Frota Pessoa. Nos meses de maio e junho, Fernando de Azevedo voltou a escrever para a “Página da Educação”, enfocando o princípio do trabalho educativo sob o título: “A educação profissional e a reforma: a realidade de um quadro desolador; enfrentando o problema de perto”. Por mais cinco dias tratou da questão, que constituía um dos três pilares dessa reforma (Estética, Trabalho e Saúde).

Em sua coluna do dia 7 de junho de 1931, Cecília teceu comentário sobre “O Sr. Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino”:

O artigo do Sr. Fernando de Azevedo, expondo, agora, nesta crise que atravessa a Instrução Pública entre nós, os pontos básicos da sua obra inteligentíssima na última administração, é um choque formidável neste ambiente atual, mais estagnado, talvez, que o anterior.

Um choque formidável, porque põe num terrível contraste o passado e o presente, o que podia ter sido com o que, desgraçadamente, é.

Antes da Reforma, compreendia-se um ambiente como o atual. Depois dela, não só não se compreende como também não se perdoa.

Fazer uma grande obra nem todos a podem fazer. Mas respeitá-la e favorecê-la, isso, sim, já é mais fácil, e depende até menos da inteligência, que da boa vontade daqueles a quem ela é confiada.

Falando mais uma vez da sua Reforma, o dr. Fernando de Azevedo fez, sem querer, o mais espantoso balanço da nossa atividade educacional posterior à Revolução.

Acabando de ler o seu artigo, fica-se perplexo, e pensa-se: “Havia, então, esta obra! ... E o que é feito dela?”

Mas ninguém sabe ...

Cecília anuncia a seus leitores *Tempos Novos*.⁸⁷ O novo interventor do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, inaugurou seu governo com “*a feliz escolha*” do Professor Anísio Teixeira para dirigir a educação pública do Distrito Federal.

Para apresentar aos leitores o novo Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal, o professor Anísio Teixeira, Cecília fez uma série de reportagens com este educador. Sua intenção foi fazer com que o leitor entendesse o critério de escolha que conduziu o educador à direção de tão importante cargo: a quantidade e qualidade excelentes de suas experiências e de sua obra.

A primeira reportagem, em 8 de outubro de 1931, abriu espaço para Anísio Teixeira explicar aos leitores da *Página de Educação* a teoria de educação de John Dewey.⁸⁸ Em seguida, sob o título “*Para a honra da Revolução*”, em 15 de outubro, faz apreciação sobre o ato de nomeação:

A nomeação do Dr. Anísio Teixeira para o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública vem dar, à administração pública do Dr. Pedro Ernesto um prestígio especial, deixando crer que a Revolução, entra, agora no seu período de mais acerto e de maiores esperanças.

⁸⁷ “Tempos novos”. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, out., 1931.

⁸⁸ Estudioso da obra de John Dewey, Anísio foi também tradutor (com Godofredo Rangel) e apresentador do livro desse filósofo, *Educação e democracia*, para a Companhia Editora Nacional (São Paulo, 1952).

E continua nos dias seguintes. Para ela, a nomeação do professor Anísio Teixeira trouxe “*um alento de confiança para o destino da revolução de outubro,*” posto que “*há em torno da sua figura uma atmosfera de respeito decorrente de sua capacidade, que assegura ao Distrito Federal uma nova era, em matéria educacional.*”⁸⁹

Em 26 de dezembro de 1931, a Página de Educação transcreveu a conferência “A questão dos programas na Escola Nova”, pronunciada por Anísio Teixeira, na qual o educador explicou as novas diretrizes da educação. As manifestações em torno do programa anisiano de educação pareciam indicar que o pêndulo da correlação de forças inclinava-se agora na direção dos educadores da Escola Moderna.

Assim, não se pode estranhar o burburinho que se fez quando a Associação Brasileira de Educação anunciou a realização da IV Conferência Nacional de Educação para o mês de dezembro (de 13 a 20). A realização dessa Conferência tornar-se-ia um acontecimento marcante para a história da educação do país. Era o primeiro congresso a se realizar após a eclosão do movimento revolucionário de 1930, e nele os intelectuais dessa Associação seriam solicitados pelo chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, a pensar um plano renovador para a educação brasileira.

A preparação para o evento despertou grande interesse, não somente entre aqueles diretamente envolvidos em sua organização, mas, também, no magistério e nas autoridades constituídas. O próprio Chefe de Governo fez chegar às redações dos jornais telegrama por ele enviado aos interventores federais, manifestando seu interesse no evento. Eis, a seguir, a íntegra do telegrama, publicado na Página de Educação do *Diário de Notícias* em 19 de novembro de 1931, sob o título “O governo e a 4ª Conferência de Educação, Comunicado do Ministério”:

⁸⁹ “Para a honra da Revolução”, Comentário, publicado em 15 de outubro de 1931. Página de Educação do *Diário de Notícias*.

Devendo reunir-se a 13 de dezembro nesta capital, sob patrocínio governo federal, Quarta Conferência Nacional Educação, junto à qual funcionará também exposição de livros, material didático, legislação, estatística e aspectos da vida escolar brasileira, determinei ministro da Educação convidasse delegados governo federal a fazer-se representar Conferência e Exposição, bem assim a que dessem credenciais um dos seus representantes, de preferência próprio diretor instrução pública, para subscrever convênio com governo da União no sentido de assegurar indispensáveis aperfeiçoamento e padronização nossas estatísticas escolares mediante adequada cooperação interadministrativa. No propósito, pois, prestigiar iniciativas ministério Educação e melhor assegurar êxito importantes certamens em preparo, dos quais muito espera causa nacional, quero manifestar, pessoalmente, aos interventores federais o meu vivo interesse pelo concurso que lhes foi solicitado e pela condigna representação todas unidades Federação brasileira tanto na Conferência como na Exposição com que pensamos focalizar de modo impressionante realizações e necessidades nacionais em matéria ensino e educação popular. Cordiais saudações. (a) Getúlio Vargas, chefe governo provisório.

O telegrama do Chefe de Governo demonstra a importância de que se revestia o evento, razão pela qual os grupos em disputa – o do passado e o do presente, segundo Cecília – pelo privilégio de fazer prevalecer suas ideias em matéria de educação empenharam-se em unir forças, buscando êxito na Conferência. Em carta⁹⁰ dirigida a Cecília, Fernando de Azevedo faz notar a importância do evento, a imprescindível “união de forças” e o papel da jornalista na Conferência:

A minha recente viagem ao Rio me teria reanimado a fé no resultado próximo de nossa campanha educacional se o nosso Nóbrega da Cunha não me tivesse comunicado a sua vontade de deixar, em fins de dezembro, o Diário de Notícias. Receio que pense também em afastar-se da imprensa e, especialmente desse jornal, fechando a página admirável em que voou bastante alto para projetar luz o mais longe possível, o facho dos novos ideais de educação. O seu afastamento, ainda que temporário, da imprensa me deixaria a impressão dolorosa que

⁹⁰ Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, Inventário Darcy Damasceno.

teria ao sentir, no peso da luta, emudecer o setor mais ativo e vigilante, em que tivesse depositado as minhas maiores esperanças.

Sei, – e alegra-me sabê-lo, que fará parte da 4ª Conferência Educacional, que deve reunir-se em meados de dezembro. Recebi tarde demais o convite para comparecer a essa Conferência, que poderá oferecer oportunidades excelentes para uma construção de forças necessárias à difusão rápida dos princípios e ideais de nossa política educacional. É preciso que todos os elementos – educadores de mentalidade nova, de convicções e de sinceridade – cerrem fileiras para constituírem o núcleo de ação eficaz, em condições de exercer influência decisiva nos debates e nas conclusões da conferência. Terão que enfrentar sérias dificuldades. Mas eu tenho uma grande confiança na sua ação pessoal auxiliadora, pela estratégia do Frota Pessoa que, certamente, ao lado do Anísio Teixeira, do Lourenço Filho e dos nossos companheiros de ideais, podem desenvolver um plano de ação capaz de vencer e quebrar todas as resistências aos ideais da educação nova, que a reforma introduziu no Brasil.

Embora longa, foi muito curta para mim a palestra que tivemos no Diário e que gostaria se repetisse todos os dias. O ambiente em São Paulo é de expectativa. Não posso dizer sequer que seja de expectativa simpática. O Frota Pessoa poderá informar-lhe melhor. Enviarei qualquer dia destes um exemplar de “As Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, para que desejaria a sua atenção.

Peço-lhe recomendar-me muito ao Correia Dias. Cordialmente,
Fernando de Azevedo.

Na abertura da Conferência, o Chefe do Governo Provisório solicitou aos congressistas um plano renovador para a educação brasileira. O grupo católico, que presidia a reunião e se articulava com o ministro Francisco Campos, tentou aprovar, na assembleia realizada no primeiro dia, a resposta que seria dada ao Chefe de Governo, mas essa ação foi abortada pela interferência de Nóbrega da Cunha.⁹¹ Segundo Marta Chagas de Carvalho,

Na IV Conferência, realizada em dezembro de 1931 [...] o Governo Provisório pede aos conferencistas nela reunidos que forneçam a “fórmula feliz”, o “conceito de educação” que embasa sua política

⁹¹ Consultar a respeito desse assunto o livro de Nóbrega da Cunha. *A Revolução e a Educação*. Rio de Janeiro, editora Oficinas Gráficas do *Diário de Notícias*, 1932.

educacional. A história é conhecida: a recusa da Conferência em responder ao Governo abre espaço político para o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O que é pouco sabido é que, por ocasião dessa Conferência, era o grupo católico que detinha o controle da entidade. E, também, que a Conferência não respondeu ao Governo porque a oposição, chefiada por Fernando de Azevedo e mediada pela intervenção de Nóbrega da Cunha na assembleia de instalação do Congresso, desarticulou a resposta que vinha sendo preparada pela situação em comum acordo com o Ministério da Educação. A intervenção de Nóbrega da Cunha adiava a resposta para a V Conferência, potencializando as chances de que o adiamento facilitasse a preparação de uma resposta ao Governo que fosse mais condizente com as posições do grupo de que era o porta-voz.⁹²

A IV Conferência Nacional de Educação mereceu sucessivos comentários. O primeiro deles, sob o título “A IV Conferência”, aborda os discursos dos principais oradores no primeiro dia do evento – Getúlio Vargas, Francisco Campos, Miguel Couto e Fernando Magalhães – considerados por Cecília como “peças dignas de ficar na história”. Sobre o discurso de Getúlio Vargas escreveu:

O eminente chefe de governo, por exemplo, num discurso de encantadora espontaneidade, onde não se sabe o que mais admirar, se a boa fé com que o pronunciou, se os largos panoramas que descortinou para o auditório, confessou que, empolgado pelo fervor dos olhares, dos congressistas, passava a interessar-se seriamente e prometia dar todo o seu apoio à obra da educação nacional. Só por esse compromisso valia a pena reunir-se em Conferência... Só por isso, quer dizer, por esse apoio. Porque a verdade é que nós todos acreditamos que o compromisso já estivesse assumido no momento em que se deliberou a Revolução... Por onde se vê que a realidade – e o chefe do governo promete todas as realidades – se origina dos sonhos dos idealistas.⁹³

⁹² Carvalho, Marta Chagas de. Texto apresentado na exposição “Educação pede passagem – 85 anos da Associação Brasileira de Educação”, realizada de 10/11 a 2/12/2009 na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, por ocasião do IX Congresso Ibero-Americano de História da Educação.

⁹³ “A IV Conferência”. Comentário. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, em 15 de dezembro de 1931, p. 6.

Convencida de que os resultados produzidos pela Conferência não seriam animadores, Cecília escreveu: “O leitor não conhece aquela história da montanha que teve um filho camondonguinho? Pois então ...”⁹⁴

Sob a ótica da jornalista,⁹⁵

Quem assistiu às suas sessões com serenidade observou também que, da primeira à última, foi tudo como se fosse uma só. O presidente falava; o secretário lia; a campainha tocava; os relatores relatavam; os oradores pediam a palavra; os discursos subiam pela cúpula em líricas espirais, carregadas de vetustos símbolos; os aparteadores brotavam com ênfase; [...] Ora, os protestos foram inúmeros. Desde a primeira sessão, levantaram-se vozes, suaves ou terríveis, contra o desperdício de tempo. Desde a primeira sessão houve, ao mesmo tempo, desejo e impossibilidade de trabalhar a sério. E, até a última, os protestos se mantiveram sem desfalecimento, salvo nos fáceis de desiludir, que não compareceram mais ao edifício da Câmara.⁹⁶

O grupo liderado por Fernando de Azevedo, ao término do Congresso,⁹⁷ elaborou uma “declaração de princípios”, consubstanciada nos debates da IV Conferência Nacional de Educação. Essa declaração foi transformada em manifesto, subscrito por vinte e

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Nos dois primeiros dias da IV Conferência, Cecília não compareceu porque somente recebeu o convite “à última hora”. “Mas, se não fui, estive lendo todos os jornais e ouvindo pacientemente todos os felizardos que puderam assistir o que me foi negado”. (Comentário “A IV Conferência”, publicado em 15 de dezembro de 1931, p. 6).

⁹⁶ “A 4ª Conferência”, Comentário publicado em 22 de dezembro de 1931. Página de Educação do *Diário de Notícias*.

⁹⁷ Consoante Libânea Xavier, a atuação de Nóbrega da Cunha “funcionou como uma estratégia que visava garantir ao grupo de educadores afinados com a renovação educacional o monopólio da interlocução com o Governo, deslocando para aquele grupo em separado, a incumbência de dar resposta à solicitação que havia sido dirigida a todos os educadores reunidos na IV Conferência Nacional de Educação”. Para tanto, encaminhou ao Presidente da Conferência, Fernando Magalhães, um requerimento solicitando lhe fosse concedida incumbência para “redigir um manifesto que servisse de base para o governo e de tema para o Congresso técnico”. Em seguida, ele transferiu essa incumbência para Fernando de Azevedo, que deveria aceitá-la “em nome do Governo, da imprensa e do povo”. Texto apresentado na exposição “Educação pede passagem – 85 anos da Associação Brasileira de Educação”, realizada de 10/11 a 2/12/2009 na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, por ocasião do IX Congresso Ibero-Americano de História da Educação.

quatro pessoas, entre elas Cecília Meireles, e endereçado “ao povo e ao governo” com a denominação “A Reconstrução Educacional no Brasil. Ao Povo e ao Governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”.

Fernando de Azevedo considerou oportuno divulgar amplamente e de imediato o documento e não aguardar a realização da V Conferência, a se realizar no final de 1932. Assim, dois meses depois, o documento se tornou público. Vários jornais o publicaram, em primeira página e com grande destaque. Segundo Libânea Xavier, “*Nóbrega da Cunha se utilizou da ABE como suporte institucional para o lançamento do Manifesto*”.⁹⁸

O prestígio alcançado com a divulgação do documento “A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao Povo e ao Governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”⁹⁹ pode ser evidenciado pelas numerosas manifestações que se fizeram na imprensa, no rádio e nos meios acadêmicos. Cecília, uma das signatárias desse documento, explicou a seus leitores, em reportagens com personalidades públicas e em seus comentários, o alcance desse documento.

Em 19 de março de 1932, todo o espaço da Página de Educação foi dedicado ao Manifesto da Nova Educação. É curioso observar que a disposição de matérias da Página foi alterada. Todo o corpo central foi dedicado à reprodução, na íntegra, do Manifesto, com chamada em letras grandes, “Manifesto da Nova Educação”. À esquerda da Página, a coluna Comentário trazia o texto “O valor dos manifestos”, onde Cecília esclarecia sua importância e de onde provinha sua força: “*O valor dos manifestos não está apenas nas ideias que apresentam. Somos, em geral, gente rica de ideias, com sutilezas de engenho que causam admiração a uma boa parte do mundo, se a língua portuguesa não tivesse limites tão injustos de expansão*”. O valor preciso e

⁹⁸ *Idem.*

⁹⁹ *A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao Povo e ao Governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

certo de um manifesto não reside nos conceitos, mas nas personalidades que o subscrevem e que por ele se responsabilizam, colocando suas vidas a seu serviço, com sinceridade.

Na obra de educação, os inúmeros aspectos do problema único exigem inúmeras capacidades, diferentes entre si, mas que, oferecendo o máximo, no setor que lhes corresponde, determinam também o máximo na obra geral em que colaboram. E se a obra de educação exige talentos próprios, especializações técnicas, inteligência e prestígio autênticos, dons de várias espécies, no pensamento, e na ação – exige também e com a mesma ou ainda maior urgência o sentimento de responsabilidade e de lealdade para com a vida; a inflexibilidade diante de todos os obstáculos e tentações; a intransigência nas certezas insubstituíveis; uma firmeza estoíca diante das lutas e dos mártírios; uma resistência de todas as transações, a todos os embustes, a todas as insinuações interesseiras com que a malícia dos homens habituados a toda espécie de negócios costuma gravitar em redor mesmo dos problemas que mais claramente lhes são antagônicos. [...] Os nomes que subscrevem essa definição de atitudes são a garantia de trabalho, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé. Tudo se deve exigir desse grupo, porque ele é o mais preparado, por todos os motivos, para a ação heróica de que depende a formação brasileira.

O Manifesto permaneceu assunto da imprensa por longo tempo, meses. Em julho, Cecília fez uma grande reportagem com Gustavo Lessa, em que trouxe à tona a discussão em torno dos princípios defendidos no Manifesto; e, novamente, dedicou-se a explicar a seus leitores o sentido do Manifesto, em sua coluna Comentário.

O “Manifesto da Nova Educação” foi lançado numa época de manifestos, – o que equivale dizer numa época de grandes inquietações. [...] O “Manifesto da Nova Educação” fez voltar as vistas dos que o leram para a nossa realidade humana e brasileira. A realidade da nossa inteligência desamparada, do nosso esforço mal conduzido, de todo o nosso futuro comprometido numa tentativa social que parece mítica, tanto andamos transviados e ignorantes, em cada um dos nossos elementos. [...] O Manifesto foi o acordo dos que têm trabalhado nestes últimos tempos, com unidade de intenções, nesse campo muito desconhecido ainda, e muito caluniado, de onde, não obstante, haverá de surgir uma verdade tranqüilizadora. Ele coordena-

na ideias, disposições e propósitos; foi um espontâneo compromisso de cooperação. E, como os que o assinaram não o fizeram por esnobismo, mas tendo já provas de serviço verificável, o Manifesto não foi uma tirada de retórica futilmente lançada aos ares, mas o anúncio ao governo, de um programa de trabalho, e uma promessa ao povo de o cumprir. Numa terra em que as promessas são sempre recebidas com cepticismo, esta trouxe a vantagem, precisamente, de estar em andamento, quando apareceu redigido. Basta lançar os olhos em redor: os nomes mais proeminentes, na presente ação educacional, são nomes pertencentes ao grupo do Manifesto.

Os preparativos para a realização da V Conferência Nacional de Educação, em Niterói, mobilizaram e ocuparam o grupo de educadores que então participavam do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação. Ao mesmo tempo, os embates entre os educadores católicos e esses educadores continuavam, ainda mais acirrados, de modo que em dezembro, antes do início dessa Conferência, o grupo católico desligou-se dessa Associação.

Mas os conflitos não se restringiam ao espaço da ABE. Ocupavam espaços públicos e se manifestavam abertamente em defesa da nova educação ou contrários a ela. Em setembro, irrompeu uma crise¹⁰⁰ na Diretoria de Instrução Pública, que tomou corpo na luta para retirar o professor Anísio Teixeira da Direção da Instrução Pública. O educador pediu demissão, mas Pedro Ernesto recusou seu pedido. Cecília transformou sua coluna em duas, para explicar a crise e apoiar Anísio Teixeira.

Tendo como objetivo principal apreciar sugestões de uma política escolar e de um plano nacional de educação com vistas ao anteprojeto da Constituição de 1934, a V Conferência Nacional de Educação indicaria uma comissão para elaborar um estudo que

¹⁰⁰ Anísio Teixeira incluiu em seu programa de educação convênios com universidades estrangeiras para proporcionar ao magistério local trocas de experiências em viagens de estudo. O convênio previa a ida de professores aos países conveniados, para estudos e especialização, bem como a vinda de professores estrangeiros para realizar cursos no Distrito Federal.

pucesse servir de modelo para o capítulo sobre a educação nacional. Tratando-se da elaboração de dispositivos constitucionais, onde seriam definidas as diretrizes da educação era de se esperar o conflito entre os grupos ideológicos distintos.

A Associação Brasileira de Educação conseguiu mobilizar expressivos setores da sociedade brasileira. Desde a campanha em favor da Reforma de Ensino Fernando de Azevedo, vinha preparando a opinião pública para suas ideias, culminando este movimento por ocasião do lançamento do Manifesto, em 1932.

É preciso ressaltar que, embora Cecília tenha defendido os ideais da Escola Nova e aberto espaço em sua Página de Educação para esse grupo de educadores, ela nunca se filiou à Associação Brasileira de Educação.

“As Surpresas da V Conferência!” Com este Comentário¹⁰¹ irônico, Cecília apontava as estranhezas iniciais dessa Conferência de Educação: a ausência, na abertura dos trabalhos, do ministro interino da Educação, Washington Pires; a alocução do interventor Ary Parreiras; o discurso (por regiões etéreas) do reitor da Universidade do Rio de Janeiro; e o discurso do delegado de Minas, que falava em nome dos congressistas.

A boa surpresa veio com a conferência de Fernando de Azevedo. Depois, seguiram-se outras surpresas: a renúncia do presidente efetivo da Conferência – *“alegando divergências de ideias, reconhecia, ao mesmo tempo, ao Congresso o direito de ser técnico e hipertécnico, tendo percebido, naturalmente, que, até a véspera, ele não fora senão hipotécnico e hipotético...”*.

A surpresa mais assombrosa, porém, foi o comparecimento incógnito, no recinto, *“e fraternizando adoravelmente, pelo seu sorriso e pelos seus gestos suaves com os congressistas”*, do Ministro da Educação à sessão noturna. Uma outra surpresa boa, a eleição, por aclamação, do professor Lourenço Filho para presidir os trabalhos da Conferência.

¹⁰¹ *Diário de Notícias*, Página de Educação, em 31 de dezembro de 1932, p. 6.

E, para terminar, o mais notável das imprevisto: o ministro da Educação, que subiu ao palco para dirigir os trabalhos, no momento da conferência proferida pelo professor Lourenço Filho improvisou um discurso cujas passagens “*mais curiosas*” foram registradas pela jornalista, como: “*pandemônio indecifrável*” da raça; “*ao ponto nevrálgico da questão*”; “*à formação do subconsciente único*”, sem o qual “*o problema educacional brasileiro será sempre complexo, será sempre difícil e nunca será uno*”; “*a dificuldade no encontro do material criança*”; “*aos clássicos medalhões, encostados a degradar o ensino, compondo os seus cartões de visita*”.

Nos primeiros dias de janeiro de 1933, em 12 de janeiro, precisamente, Cecília se despediu de seus leitores da Página de Educação com o Comentário “Despedida”:

Aqueles que se habituaram a falar de uma coluna de jornal sobre assuntos de seu profundo interesse e chegaram a saber que alguém os ouvia, e participava da inquietude do seu pensamento, criaram um mundo especial, de incalculáveis repercussões, cuja sorte condicionaram à sua, pela responsabilidade a que ficam sujeitos os autores de toda criação.

Esta Página foi, durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor pela formação mais adequada da humanidade que o habita.

Diz uma das nossas autoridades no assunto que isto de ser educador, tem, evidentemente, a sua parte de loucura. Mas, além de um sonho, esta Página foi também uma realidade enérgica que, muitas vezes, para sustentar sua justiça, teve de ser impiedosa, e pela força de sua pureza pode ter parecido cruel.

O passado não é assim tão passado porque dele nasce o presente com que se faz o futuro. O que esta página sonhou e realizou, pouco ou muito – cada leitor o sabe –, teve sempre como silenciosa aspiração *ir além*.¹⁰² O sonho e a ação que se fixam acabam; como o homem que se contenta com o que é, e eterniza esse seu retrato na morte.

Assim, este último Comentário de uma série tão longa em que andaram sempre juntos um pensamento arrebatado e vigilante;

¹⁰² Grifado por Cecília.

um coração disposto ao sacrifício; e uma coragem completa para todas as iniciativas justas, por mais difíceis e perigosas – este Comentário não termina terminado.

Ele deixa em cada leitor a esperança de uma colaboração que continue. Neste sucessivo morrer e renascer que a atividade jornalística diariamente, e mais do que nenhuma outra ensina, há bem nítida a noção da esperança que através de mortes e ressurreições, caminha para o destino que a vida sugere ou impõe.

Pode cessar o trabalho, pode o trabalhador desaparecer, para não mais ser visto ou para reaparecer mais adiante; mas a energia que tudo isso equilibrava, essa permanece viva, e só espera que a sintam, para de novo modelar sua plenitude.

Manteve-nos a energia de um sentimento, claro e isento, destes fatos humanos que a Educação codifica e aos quais procura servir.

Nada mais simples; e nada tão imenso. Simples – que até pode ser feito por nós anos inteiros, dia a dia. Imenso – que já passou tanto tempo, e há sempre mais fazer, e melhor e mais difícil – e, olhando-se para a frente, não se chega a saber em que lugar pode ser colocado o fim.

Não é aqui, positivamente. Aqui, é, como já dissemos, a esperança da continuação, tanto na voz que se suceder a que falava, como em cada ouvinte que lhe traga a colaboração da sua inteligência compreensiva, atenta, ágil e corajosa; a inteligência de que o Brasil precisa para se conhecer e se definir; a inteligência de que os homens necessitam para fazerem a sua grandeza nos campos mais adversos, sob os céus mais perigosos; a inteligência que desejaríamos exatamente tanto possuir como inspirar, porque essa é, na verdade, uma forma às vezes dolorosa mas sempre definitiva de salvação.

Cecília retomou suas atividades educacionais na regência de turmas e tornou-se uma das colaboradoras principais da administração de Anísio Teixeira frente à direção da Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935).

Em 11 de janeiro de 1934, foi designada para o recém-inaugurado Instituto de Pesquisas Educacionais.¹⁰³ Ainda neste ano,

¹⁰³ A Reforma de Ensino Anísio Teixeira reorganizou a estrutura administrativo-pedagógica do Departamento de Educação do Distrito Federal, com a criação de divisões especializadas para formação do magistério – o Instituto de Educação, o Instituto de Pesquisas Educacionais – e para reaparelhamento da escola, a Divisão de Prédios e Aparelhamento Escolar.

organizou a primeira biblioteca infantil pública brasileira – o Pavilhão Mourisco –, inaugurada em 15 de agosto com a denominação de Centro de Cultura Infantil.

Arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco¹⁰⁴

Eu vim de infinitos caminhos,
E os meus sonhos choveram lúcido pranto
pelo chão.¹⁰⁵

A biblioteca infantil representa um dos sonhos vividos da educadora,¹⁰⁶ em uma fase de sua vida de grandes realizações,¹⁰⁷ pois significava tornar realidade todas as possibilidades para criar o mundo para as crianças. Além disso, o Pavilhão Mourisco, que a princípio seria um projeto de sua realização particular, passa a ser um dos projetos mais importantes da reforma de Anísio Teixeira.

Inaugurado a 15 de agosto de 1934, com a presença de autoridades, intelectuais, educadores, artistas e da imprensa, o Pavilhão Mourisco¹⁰⁸ destinava-se, num primeiro momento, a ser a Biblioteca Infantil do Distrito Federal, mas transformou-se num Centro de Cultura Infantil por vontade expressa de sua idealizadora. Na

¹⁰⁴ Consultar Pimenta, Jussara. Leitura e encantamento: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In: Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A.C. (Orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Puc - Rio e Loyola, 2001, pp. 105-119.

¹⁰⁵ Meireles, Cecília. Herança. In: *Poesia completa, op. cit.*, p. 302.

¹⁰⁶ Em carta de 16 de agosto de 1934 a Fernando de Azevedo, Cecília exprimiu seus sentimentos com a realização dessa obra: "Isto me dá a impressão de haver uma estrela bonita protegendo a obra; e, se eu ainda me pudesse interessar por alguma alegria, não há dúvida que tinha agora uma oportunidade" (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. FA – Cp. Cx. 21. 74/1).

¹⁰⁷ O Pavilhão Mourisco é uma realização de Cecília e do seu marido, o artista plástico Correia Dias, que não somente pintou os murais dessa biblioteca, mas dedicou-se a participar de atividades de pinturas com as crianças na Seção Artística do Pavilhão.

¹⁰⁸ O prédio que a população do Distrito Federal batizou como Pavilhão Mourisco foi construído em 1905, na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906). O projeto arquitetônico, em estilo neopersona, de autoria do arquiteto Burnier, ficava situado à Avenida Beira-Mar, em Botafogo, e abrigava, no alto da entrada principal, o Café Cantante e, na parte posterior, um teatrinho. O prédio foi demolido em 1951 para dar a passagem do Túnel do Pasmado.

cerimônia de inauguração, o Diretor de Instrução Pública – Anísio Teixeira – o denominou “a Casa da Criança”, porque tinha caráter muito mais amplo que um centro de cultura infantil e seria um verdadeiro órgão de pesquisa, cujos trabalhos, no futuro, produziriam os mais benéficos resultados.

No dia da inauguração, todos participaram de “meia hora de encantamento” proporcionado às crianças pelo pintor Correia Dias.

Após a inauguração, Correia Dias, improvisando com duas mesas um cavalete de desenho, proporcionou meia hora de encantamento aos alunos da Escola Barth, presentes à solenidade, realizando uma sessão de desenho à vontade da garotada. O pintor pôs-se à disposição das crianças para desenhar o que quisessem. E foi um sucesso.

– Um boneco! Pediu uma menina.

E, em pouco tempo, todas as vozes reclamavam ao mesmo tempo:

– Um boneco! Um boneco! Um boneco!

Correia Dias ficou embaraçado para saber que espécie de boneco desejava a garotada. Afinal, um explicou e todos concordaram:

– Um chinês!

Em três tempos, apareceu, em tintas rutilantes de papel, a figura decorativa de um chinês com seu característico saiote.

A criançada, vibrando [...] aplaudiu. Mas logo surgiram vozes reclamando:

– Um urso!

E surgiu o urso. E assim sucessivamente, atendendo aos reclamos da petizada, o artista desenhou tipos: o árabe, o holandês, uma série maravilhosa de hindus, o índio, etc. De repente, porém, um garoto mudou o rumo dos desejos, pedindo que fosse feita a caricatura do Professor Pedro Mattos. [...] Outro menino reclamou:

– Agora o dr. Anísio.

Correia Dias, com a mesma facilidade, fixou, em traços incisivos a expressão do sr. Anísio Teixeira.¹⁰⁹

¹⁰⁹ *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1934.

Inicialmente, a organização da “Casa da Criança” compreendia várias seções: de livros, de gravuras, de cartografia, de recortes, de selos e moedas, de música e cinema, de propaganda e publicidade, de observações e pesquisa.

A arte estava presente nos arranjos dos espaços de cada seção, esteticamente funcionais. Correia Dias “*compôs um cenário de Mil e Uma Noites que proporcionou aos frequentadores uma atmosfera de encantamento e fantasia*”.¹¹⁰ Uma placa de metal com os dizeres “Caverna Maravilhosa” dava acesso ao teatro “*e tinha ao fundo uma lâmpada de Aladim. A decoração da sala de música e de cinema reproduzia o fundo do mar.*”¹¹¹

A funcionalidade da decoração das salas, ambientadas para cada seção, trazia uma inovação surpreendente e espetacular: o mobiliário. A sala de leitura, toda organizada com estantes de livros e mesas ao alcance da criança, coloridas, com potes de barros com flores (decorados por Correia Dias), encantava criança e adultos.¹¹² O acervo da biblioteca infantil foi cuidadosamente escolhido por Cecília, que já vinha se dedicando ao tema de livros para crianças e adolescentes e realizado uma pesquisa sobre o assunto desde 1931.¹¹³

As dificuldades eram inevitáveis, mas a criatividade da educadora as contornava e não se deixava esmorecer. À falta de recursos suficientes para adquirir livros, Cecília deu a volta, por meio de doações – dela, editoras, educadores, intelectuais e até de representantes da imprensa.

Jussara Pimenta apresenta, com detalhes, as diversas seções da biblioteca:

¹¹⁰ Rute Alves de Souza Villela, *apud* Pimenta, Jussara. Leitura e encantamento: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A.C. (Orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Puc - Rio e Loyola, 2001 pp. 107-108.

¹¹¹ *Idem*, p. 108.

¹¹² Sobre a sala de leitura, o jornal *O Globo* fez uma grande reportagem, com fotos e entrevistas, em 15 de agosto de 1934.

¹¹³ Meireles, Cecília. *Inquérito de leituras infantis*, publicado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais em 1934.

A biblioteca era constituída de nove seções. A primeira era a da biblioteca propriamente dita, que possuía inicialmente 720 obras. [...] A segunda seção era a de gravuras, com 2.781 unidades, compreendendo toda a documentação gráfica relativa ao Brasil: história, arte, ciência, trabalho etc. A terceira era de cartografia, compreendendo globos, mapas do Brasil e dos Estados, do mundo, da América e da cidade do Rio de Janeiro, plantas topográficas, bandeiras, etc. A quarta seção era a de recortes, com 32 álbuns sobre vários assuntos, similares a uma enciclopédia, seção também responsável pela edição de A Gazetinha, jornal mural de informação diária. A quinta seção era constituída de selos e moedas, compreendendo coleções, devidamente estudadas e catalogadas, de moedas e selos do Brasil. A sexta, de música e cinema, possuía um aparelho Pathe Baby, rádio, radiola e discos. A sétima previa atividades artísticas como hora do conto, arte dramática etc. A oitava seção, de propaganda e publicidade, era responsável por estabelecer a comunicação da Biblioteca Infantil com as escolas e o público em geral, publicar o Boletim mensal com o resumo das atividades do mês anterior e das projetadas para o mês seguinte, apresentar relatório trimestral informando o Departamento de Educação das medidas e verificações técnico-administrativas de cada seção, expedir comunicados, realizar intercambio infantil e publicar material julgado útil à finalidade do estabelecimento e de acordo com sua natureza. Finalmente, a nona seção, de observações e pesquisas, tinha como objetivo realizar trabalhos de investigação pedagógica determinadas pelo Departamento de Educação ou para uso especial da Biblioteca Infantil e relacionados com as atividades que lhe eram inerentes, através de levantamento diário da preferência de leitura do público infantil.¹¹⁴

No mês seguinte à inauguração da biblioteca infantil, setembro de 1934, Cecília e Correia Dias viajaram a Portugal, atendendo a convite de sua amiga poeta, Fernanda de Castro, esposa do Ministro de Propaganda de Portugal.

No retorno de Cecília ao Brasil, seus *sonhos choveram lícido pranto, pelo chão*. Um tão primoroso empreendimento, aplaudido por

¹¹⁴ Pimenta, Jussara. Leitura e encantamento: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A.C. (Orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Puc - Rio e Loyola, 2001. pp. 112-113.

muitos, suscitava em poucos, contudo, gestos intimidativos. Esses poucos, Cecília os conhecia de longa data e frequentemente os apontava em seus comentários. Eram os mesmos de sempre: “*os elementos incapazes, os estagnados, os inadaptáveis ao futuro, os exploradores das conveniências, dos preconceitos e do lugar-comum*”, os “*inimigos silenciosos de tudo que possa vir*”.¹¹⁵

Em 1935, tornou-se difícil a continuidade dos trabalhos do Pavilhão Mourisco. Em 19 de outubro de 1937 o Pavilhão foi invadido pela polícia do Estado Novo, que cumpria ordens do então Interventor Federal que ocupou o cargo após a saída de Pedro Ernesto. Os jornais do Rio de Janeiro publicaram a notícia do desativamento da biblioteca, por “infundados motivos políticos”. O fechamento se prendeu ao fato de que, para essa autoridade, a biblioteca teria em seu acervo um livro “de conotações comunistas,” cujas ideias eram perniciosas ao público infantil. Tratava-se da clássica obra de Mark Twain, com seu inesquecível *Tom Sawyer*.

O Pavilhão Mourisco, que abrigou a Biblioteca Infantil de 1934 a 1937, transformou-se rapidamente num posto de coleta de impostos. Posteriormente, ficou abandonado por vários anos, até ser totalmente destruído em 14 de janeiro de 1952, na administração Henrique Dodsworth, por ocasião da abertura do Túnel do Pasmado.¹¹⁶

Para esses “inimigos silenciosos de tudo que possa vir” Cecília deixou sua “Inscrição”:¹¹⁷

Quem se deleita em tornar minha vida impossível
Por todos os lados?
Certamente estás rindo de longe,
Ó encoberto adversário!

Mas a minha paciência é mais firme
Que todas as sanhas da sorte:

¹¹⁵ “A Responsabilidade dos Reformadores”. Comentário. *Diário de Notícias*, 29 de agosto de 1930.

¹¹⁶ *Idem*, p. 114.

¹¹⁷ Meireles, C. *Inscrição. Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 660.

Mais longa que a vida, mais clara
Que a luz do horizonte.
Passeio no gume de estradas tão graves
Que afligem o próprio inimigo.
A mim, que me importam espécies de instantes
Se existo infinita?

O mundo em viagens

Mas a vida, a vida, a vida,
A vida só é possível
reinventada¹¹⁸

Cecília escreveu, em crônicas semanais para o jornal *A Nação*,¹¹⁹ suas impressões da viagem que fez a Portugal¹²⁰ com Correia Dias, iniciada em setembro de 1934, com ilustrações em desenhos de bico de pena feitas pelo marido, também colaborador desse periódico.

A primeira, de uma série de vinte e duas crônicas publicadas no suplemento do periódico, que circulava aos domingos, exprimia as impressões causadas ainda no passadiço do navio “Cuyabá”, no momento das despedidas dos amigos, sob o título “De viagem para Portugal. Diário de bordo – do passadiço do ‘Cuyabá’”.¹²¹ Desse lugar do navio, Cecília via os amigos¹²² que foram se despedir dela e de Correia Dias – “*estou vendo lá embaixo os amigos*” – e a

¹¹⁸ Meireles, Cecília. *Reinvenção. Poesia Completa*. Editora Nova Fronteira, 2001, p. 411.

¹¹⁹ Cf. Pimenta, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, 2008.

¹²⁰ Sobre essa viagem de Cecília, consultar Gouvea, Leila V. B. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

¹²¹ O navio “Cuyabá”, embora não fosse de luxo, tinha boas acomodações, segundo registra Cecília na “Crônica Diário de Bordo” publicada em 21 de setembro de 1934.

¹²² Vários amigos foram aos cais do porto, para a despedida do casal. Entre eles, Jayme Cordeiro, que cuidaria do Centro de Cultura Infantil na ausência de Cecília, Aníbal Bonfim, Gadea (que fez, para *A Nação*, caricatura de Correia Dias e Cecília no passadiço do navio) e Nóbrega da Cunha.

cidade do Rio de Janeiro – “os guindastes e as edificações do porto”.¹²³

No percurso da viagem, o navio passou por Vitória, Salvador e Recife e Cecília ia exprimindo seus sentimentos:¹²⁴ “*Ai, Bahia, que saudade eu vou levando de ti... Nem sei se vá para ‘Oropa’ ou se fique aqui...*”¹²⁵ Quando não mais se via a terra, tudo era “*mar absoluto*”. Enquanto Cecília registrava em crônicas tudo que se passava a seu redor, apreendido pelos sentidos – cores, odores, visões –, Correia Dias retratava cenas do cotidiano do navio, personagens, cidades que apareciam e desapareciam conforme se aproximavam ou se distanciavam do navio, e ilustrava os temas das crônicas de Cecília.

Recebida em Lisboa como “embaixatriz da inteligência e da cultura brasileira”, Cecília pronuncia uma série de conferências focalizando o desenvolvimento cultural brasileiro.

A primeira, no Secretariado de Propaganda de Portugal, teve como título “Notícia de poesia brasileira”, e *O Diário de Lisboa* dedicou uma página à poesia brasileira.

A segunda realizou-se na sede do Lyceu Maria Amália, Centro de Educação Secundária, em Lisboa, e intitulou-se “O Brasil e a sua obra de educação”.

Na Universidade de Coimbra, repetiu, a pedido, a primeira conferência. Este trabalho, com oitenta páginas datilografadas, foi publicado na revista *Biblos*, órgão oficial da Universidade.

A quarta conferência, publicada pelo *Mundo Português*, versou sobre músicas e danças brasileiras: sambas, batuques e outras danças.

Em Moledo de Penajoia (aldeia perto de Lisboa), terra natal de Correia Dias, impossibilitada de sair por causa da chuva, Cecília fez uma coletânea de oitocentas cantigas populares, publicadas

¹²³ “Crônica Diário de Bordo” publicada em *A Nação*, em 21 de setembro de 1934

¹²⁴ Em sua crônica “Uma hora em San Gimignano” – *In: Crônicas de viagem II*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, pp. 59-62 – Cecília diz que viajar é uma arte: “A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado.”

¹²⁵ “Diário de Bordo”, *A Nação* em 25 de setembro de 1934.

pela Universidade de Lisboa, na revista *Biblos*, sob o título “Cancioneiro de Moledo da Penajoia”.

Regressando ao Brasil em 9 de janeiro de 1935, retomou seu trabalho de educadora, agora na recém-inaugurada Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal – UDF –, como Professora de Técnica e Crítica Literárias, uma das cadeiras da Seção de Filosofia e Literatura Luso-Brasileira.

A segunda metade da década de 1930 foi marcada pela tragédia. Cecília viveu seus anos de chumbo, tendo que enfrentar uma série de transtornos em sua vida profissional e particular.

Em carta a Fernando de Azevedo, desabafou:

Chego, piso em terras e logo o tédio do mundo se põe a nublar-me. Encontro o Brasil desvairado, sem sentido, num tumulto que não entendo. Que tristeza, ter pátria! E eu que, malgrado todos os intuitos estóicos, tinha chegado a sentir uma ternura saudosa por esta terra e esta gente!¹²⁶

As mudanças políticas ocorridas no Brasil em 1935 e a demissão do professor Anísio Teixeira, deixaram-na perturbada e insegura no que se refere à continuidade da reforma empreendida por esse educador, principalmente com a nomeação de Francisco Campos para substituir Anísio na Secretaria de Educação. Contudo, o abalo mais profundo viria ocorrer dias depois do seu retorno: o suicídio de Correia Dias, que surpreendeu dolorosamente os meios artísticos e jornalísticos.

Cecília assumiu o papel de chefe de família. Anos mais tarde, em 1953, ela referiu-se ao trágico gesto de seu marido, “*essa criatura tão boa e tão artista. Como a vida não lhe fosse tolerável, suicidou-se*”.¹²⁷

Cecília vive o período mais denso do seu ciclo trágico, com a morte do marido em 1935 e os tropeços nas tentativas de implantar suas

¹²⁶ *Apud* Vidal, Diana. Da Sonhadora para o Arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938). In Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A.C. (Orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Puc - Rio e Loyola, 2001, p.98.

¹²⁷ Cf. Entrevista a Pedro Bloch, *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, 3 outubro de 1953.

realizações educativas. Contudo, continua seu trabalho, apesar dos muitos obstáculos. O ex-ministro da Educação, Francisco Campos, assume a Secretaria de Educação do Distrito Federal, em 1935, substituindo Anísio Teixeira. O fato trará para Cecília muitas complicações, particularmente em seu trabalho como professora da Universidade do Distrito Federal.¹²⁸

Em carta dirigida a sua amiga portuguesa Fernanda de Castro, Cecília expõe suas preocupações:

[...] estive (e talvez esteja) a ponto de perder o lugar na Universidade, em virtude de um movimento revolucionário que por aqui andou, e em consequência do qual o Anísio foi afastado da Secretaria de Educação (embora ele não tivesse senão camaradagem com pessoas envolvidas nos acontecimentos). O Osório tinha-me sugerido ir para Lisboa, para o cargo de professora de estudos brasileiros.¹²⁹

Não obstante, desse estado geral de tristezas brotam coisas novas. Tal como identificou em Cruz e Souza – “*esse homem superior à terra*” –, Cecília sabia que todos os caminhos “*se transfiguram e como que, em vez de se desenharem no chão, estavam escritos entre as estrelas*”.¹³⁰

Esta serenidade diante dos mistérios, esta intuição mística, esta certeza de chegar a todas as compreensões pela iniciação do Sonho e da Dor, são próprias, exclusivas de Cruz e Souza. [...] Nada mais que a Dor, mas a grande Dor absoluta, sem lamentos nem queixas, e o Sonho, iluminando-a e projetando-lhe a sombra para caminhos divinos.¹³¹

A dor “*como um dom de fecundas promessas*” abre à poeta caminhos novos. Um deles, ela já conhecia: o de tradutora, pois com o marido havia proporcionado aos leitores conhecer *As mil e uma noites*, obra em dois volumes que traduziu para a Editora Anuário do Brasil, no Rio de Janeiro. Naquele momento, 1937, escolheu tra-

¹²⁸ Lôbo, Yolanda. Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: Fávoro, Maria de Lourdes A.; Brito, Jader de Medeiros (Orgs.) *Dicionário de educadores no Brasil, da Colônia aos dias atuais.I*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p. 243.

¹²⁹ Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, Inventário Darcy Damasceno.

¹³⁰ Meireles, Cecília. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929 p.102.

¹³¹ *Idem*, p.103.

duzir um livro que condenava o nazismo, quando parecia existir entre autoridades brasileiras inclinações para apoiá-lo.

A literatura tornou-se objetivo prioritário. Cecília concentra-se na produção de novos livros. Em correspondência de 28 de janeiro de 1938, dirigida a sua amiga e poeta portuguesa Fernanda de Castro, escreveu: “Resisti às fadigas trabalhando; nos intervalos fazia ginástica oriental e escrevia poemas, lia etc”. Através de sua escrita, ao mesmo tempo autobiográfica, onde recompunha os fragmentos de sua história, resistia às fadigas e confidenciava: “estou escrevendo um livrinho em prosa que me parece a melhor coisa que já fiz”.¹³² Tratava-se de *Olbinhos de gato*, cujos originais Cecília enviou para outra amiga portuguesa, Dulce, que os publicou em fascículos na revista portuguesa *Ocidente*.

Nessa mesma correspondência, comunicou a Fernanda: “O livro que ficou contigo está concorrendo ao prêmio da Academia, acrescentado, porém, de outros poemas, que lhe terei de mandar”. Refere-se a seu livro de poemas *Viagem*, que não só conquista o Prêmio Olavo Bilac de poesias da Academia Brasileira de Letras, em 1938, no valor de 3.000\$, mas inaugura um novo ciclo, maduro e rico.

Sobre *Viagem*, Cassiano Ricardo,¹³³ autor do parecer que concedeu a Cecília o prêmio da Academia, escreveu:

O que se observa nas composições de *Viagem* é uma riqueza enorme de vida interior. Nítida compreensão humana das coisas. Surpresa de observação quando ela recorta um trecho de paisagem com seu espírito agudo e lhe dá umas tintas frescas e puras de sentimento. O livro espelha o instante dramático do mundo que estamos vivendo. É todo ele feito de uma inquietação que é um grito surdo e silencioso posto em rimas também suadas e silenciosas. Inconformismo que não encontra remédio na desordem do mundo atual. A poesia de Cecília Meireles tem o dom de reduzir as coisas a um mínimo de

¹³² Carta a Fernanda de Castro. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, Inventário Darcy Damasceno.

¹³³ Ricardo, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939.

matéria e de cor, sem desprezar a música incorrigível e secreta [...] que ficou em nós, neste país que é um tesouro de ritmos.¹³⁴

E acrescentou:

Cecília Meireles não se limita a ser um poeta, mas um pensador também, não só um poeta, mas um artista compenetrado dos mais sutis valores que soube criar e que nem todos terão a agudeza de espírito e de sensibilidade para compreender.

A novidade de forma, do ritmo, de ideia lhe dá o direito de dizer coisas que outros poetas não se lembraram de dizer ainda. Sua poesia tem força expressional. Ela mostra que pode ser moderna guardando o sentido de disciplina e do bom gosto. Cecília Meireles realiza dois passeios, um às fontes puras e tradicionais do sentimento no momento em que todos fazem no intelectualismo, e outro, ao clássico, na desordem do mundo atual. O resultado desses dois passeios é um brinde ao leitor.¹³⁵

Cassiano considera que a presença de Cecília Meireles no concurso “*desloca o julgamento para um plano tão alto que os demais concorrentes só puderam ser considerados pelo contraste, e não pelo confronto.*”¹³⁶

A premiação provocou um caso rumoroso, com repercussão na imprensa e na opinião pública, que acompanharam com invulgar curiosidade o desdobramento dos acontecimentos em que se envolveram ilustres figuras do principal cenáculo de letras do país.

O julgamento do concurso expôs o conflito entre criatividade pessoal e tentativa de controle pela Instituição. A comissão julgadora designada pela Academia para analisar as trinta obras inscritas (com a desistência de uma das concorrentes, vinte e nove foram julgadas) era presidida por Cassiano Ricardo, autor do polêmico parecer que foi subscrito pelos demais membros da comissão: o poeta Guilherme de Almeida e o sócio-correspondente João Luso. O autor de *Martim Cererê* propôs que se conferisse ao livro *Viagem*, da poetisa Cecília Meireles, o primeiro prêmio e, para torná-lo maior, que além de primeiro fosse o único prêmio.

¹³⁴ *Idem*, p. 19.

¹³⁵ *Idem*, p. 31.

¹³⁶ *Idem*, *Ibidem*, p. 31

O acadêmico e médico Fernando Magalhães pediu vistas do parecer, por tempo indeterminado, provocando intenso debate através da imprensa, retardando o julgamento. O embate envolveu personagens com as quais Cecília já se defrontara anteriormente, deixando transparecer resquícios de uma questão ideológica que remontava aos momentos da defesa de *O espírito victorioso*.¹³⁷

Para Cassiano, a cisma de Fernando Magalhães com a premiação tinha origem distante, situada no momento em que Cecília deu-lhe magnífica e exemplar lição sobre pedagogia. Foi, disse Cassiano,

[...] quando o Sr. Fernando Magalhães “cismou” que entendia de questões pedagógicas e foi por ela reduzido à expressão mais simples, em artigo que marcou época. Derrotado por Cecília Meireles, ficou ele à espera da primeira ocasião para vingar-se (como se fosse possível uma vingança de tal ordem) da sua corajosa opositora.¹³⁸

Uma segunda personagem votou contra o parecer de Cassiano Ricardo. Trata-se do Dr. Alceu Amoroso Lima, examinador do concurso de cátedra de Literatura Vernácula do Instituto de Educação, que também guardava profundas divergências pedagógicas com a poeta-educadora.

Após longos dias de debates, a Academia concedeu o prêmio de poesia a Cecília Meireles. Outorgadas as demais premiações – teatro, contos –, escolheram, os contemplados, a poeta para que lhes fosse a intérprete na solenidade de entrega das premiações. No entanto, a “Pastora de nuvens” de *Viagem* não chegou a pronunciar seu discurso em nome dos companheiros. Vestígios da intransigência ocorrida no concurso do Instituto de Educação voltaram a jorrar nesse momento, através de outra personagem: o Sr. Oswaldo Orico, concorrente e derrotado por Cecília, que impôs cortes ao discurso que ela pronunciaria na Academia em nome dos premiados. Previamente informada de tal censura pela Academia quanto aos aspectos de ataque à Pátria, à Família e à pessoa dos acadêmicos, Cecília considerou,

¹³⁷ Lôbo, Yolanda. Memória e Educação: o Espírito Victorioso de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, MEC/INEP, n. 187, p. 531, 1996.

¹³⁸ Ricardo, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. *Revista dos Tribunais*, 1939. p. 96.

ao escrevê-lo, aquelas recomendações. Entretanto, constatando a mutilação feita pelos censores e percebendo como tinham se excedido, decidiu não pronunciá-lo.¹³⁹

Cecília explica os motivos de seu gesto:

Quando, na Academia, me disseram que eu seria a oradora, estranhei muito. E quando me esclareceram que havia censura “acadêmica”, perdi a inspiração. Assim mesmo, escrevi o discurso. A primeira censura do professor Austregésilo pedia-me apenas para ponderar as passagens sublinhadas a vermelho. Não entendi bem por quê. Estava disposta a transigir, não obstante – para simplificar. Mas recebi um convite do Dr. Levi Carneiro, para passar pelo seu escritório. Conversamos, analisamos as passagens em questão, mas, com surpresa, vi que ele se interessava por outros cortes. E disse-me que esses cortes eram (não dele...) do Dr. O. O. [Oswaldo Orico].

Ora, este cavalheiro não pertencia à comissão de censura. Pareceu-me mais uma irregularidade sobre todas as outras anteriores. Mas o Dr. L. C. me declarou que as subscrevia... Que fazer? E disse-me que as passagens apontadas podiam ser tomadas como “alusão” [...] Lamentei muito que tal pudesse suceder, mas não era culpa minha evidentemente... E cheguei à conclusão seguinte: havia um equívoco em tudo aquilo. A Academia parece que desejava que eu falasse em seu nome... Mas eu pretendia falar em nome dos premiados...

Disse isso ao Dr. L. C., mostrando-lhe que as coisas eram um pouco diferentes... E, portanto, não chegamos a nenhum acordo...

Depois o professor Austregésilo ainda tentou, gentilmente, conciliar as coisas. Mas era um pouco tarde e eu estava sem paciência...

Foi só.¹⁴⁰

Em 1939, a educadora reassumiu suas atividades docentes na Escola Municipal Campos Sales, da rede de ensino do Distrito Federal. No ano seguinte, 1940, contraiu núpcias com o professor e engenheiro Heitor Vinicius da Silveira Grillo.

¹³⁹ Lôbo, Yolanda. *Memória e Educação: o Espírito Victorioso de Cecília Meireles*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, MEC/INEP, n. 189, p. 531, 1996.

¹⁴⁰ Cf. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1939, p. 4.

Heitor Grillo, engenheiro de formação humanística, foi responsável pela política de racionalização do abastecimento alimentar no Distrito Federal. Embora atuando em áreas distintas, Cecília encontrou nele um educador que, como ela, preocupava-se em aperfeiçoar a educação no Brasil.

Na direção da Escola Nacional de Agronomia,¹⁴¹ Heitor Grillo transformou essa escola num centro de pesquisa. Logo após o casamento, o casal passou a residir na zona rural, na casa destinada ao diretor em exercício da Escola, localizada no kilometro 47 da antiga estrada Rio - São Paulo.

No programa que instituiu para a Escola, Heitor Grillo ocupou-se em ampliar e modernizar suas instalações. Cecília participou desse projeto, com sugestões. Foi sua a ideia de convidar a artista plástica Maria Helena Vieira da Silva, em 1943, para fazer o painel em azulejos, em estilo marajoara, do refeitório dos estudantes. Heitor Grillo não somente acatou essa sugestão como também a de encomendar ao pintor Arpad Szenes, marido de Maria Helena, quatorze telas representativas dos cientistas responsáveis pelo desenvolvimento da Botânica, com a finalidade de decorar a sala de reuniões do Conselho da Escola.

Em 1940, Cecília aceitou o convite da Universidade do Texas para lecionar Literatura e Cultura Brasileira. Acompanhada do Professor Heitor Grillo, visitou a União Pan-Americana, em Washington.

A educadora itinerante percorreu, nas décadas de 1940 e 1950, a América Latina, Europa e Ásia, principalmente a Índia, onde recebeu da Universidade de Nova Delhi o título de Doutor *Honoris Causa*, que lhe foi entregue pelo Presidente desse país, em 1953.

Sua produção literária é intensa: em 1942 publicou *Vaga música*; em 1945, *Mar absoluto e outros poemas*; em 1949, *Retrato natural*; nos anos cinquenta são publicados *Amor em Leonoreta* (1951), *Doze noturnos da Holanda e o aeronauta* (1952).

¹⁴¹ Hoje, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Simultaneamente, desenvolvia atividades em vários campos: educação, jornalismo, literatura, tradução, dramaturgia, e novos trabalhos como pesquisadora. Assim é que, retomando suas atividades jornalísticas, colaborou com o Jornal *A Manhã* (1942/1944), do Rio de Janeiro, publicando um longo estudo sobre Folclore Infantil Comparado.

O folclore brasileiro foi objeto de ensaios e conferências a partir da década de 1930, constituindo-se em um dos campos a que dedicou parte do seu trabalho. “Entre 1926 e 1933 já a encontramos interessada no assunto, produzindo regularmente uma série de desenhos com a finalidade de estudar gestos e ritmos ligados à cultura negra no Rio de Janeiro”.¹⁴²

Colecionadora de objetos populares, Cecília tinha em sua casa no Rio de Janeiro, além de coleção de bonecas, vários objetos dessa arte do povo. Sobre folclore, escreveu crônicas, artigos e conferências, algumas publicadas no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, nos anos de 1940. Em 1954, profere discurso ao ser inaugurada a Exposição de Artes e Técnicas Populares, realizada no Pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo, no qual afirma que o folclore é “*um retrato do homem*”. E, assim sendo, “*tem todas as expressões da humanidade*”. Para ela, aquela exposição provocava “*em nosso espírito como uma coisa antiquíssima e atual, efêmera e eterna, e confunde o que somos no que fomos, seríamos ou seremos, conforme o ponto de onde a contemplamos*”¹⁴³.

E destaca:

Como brincam as crianças, como brincam os homens, com que brincam, como brincam? As invenções da alegria, nos sonhos da infância, nas façanhas da idade adulta, deixam aqui seus objetos e instrumentos, e dão-nos a medida da nossa humanidade e da nossa grandeza.¹⁴⁴

¹⁴² Abreu, Joana Cavalcanti, *Entre os símbolos e a vida: poesia, educação e folclore*. In Neves, Margarida de Souza; Lôbo, Yolanda; Mignot, A. C. (Orgs) “Cecília Meireles: A Poética da Educação”. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio e Loyola, 2001, p. 211.

¹⁴³ Meireles, Cecília, *O Estado de São Paulo*, 12 de setembro de 1953, p.7.

¹⁴⁴ Idem, *Ibidem*.

Em 1946, escreve para o teatro de marionetes, a peça folclórica “*A Nau Catarineta*”; em setembro de 1955 publica o ensaio “*Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de S. Miguel*” (*Revista Insulana*: Vol.XI, Ponte Delgada). Em 1957 pronuncia em Porto Alegre a conferência “*O Folclore na Literatura Brasileira*”.

Participa da Comissão Nacional do Folclore, desde sua instalação em 1948, tendo, inclusive, secretariado o 1º Congresso Nacional de Folclore, em 1951.

Volta a colaborar com o jornal *Diário de Notícias* no seu Suplemento Literário, em 1953; escreve, ainda, para os seguintes jornais e revistas: *A Nação*, *Folha Carioca*, *Diários Associados*, *A Noite e a Cigarra*.

Participa de programas culturais na Rádio Ministério da Educação e Cultura, redigindo crônicas para o Programa Literário “*Quadrante*” e para o Programa “*Vozes da Cidade*” da Rádio Roquette-Pinto. Esses programas contavam ainda com a participação de Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga.

Em 1953, apresenta o *Romanceiro da Inconfidência*, poesia épica, resultante de sua pesquisa sobre o movimento histórico da Inconfidência Mineira. Para realizar este trabalho passa longo período na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Dedica-se, com todo empenho, ao trabalho de tradução. De Rainer Maria Rilke, para a *Revista Acadêmica*, em 1947, “*A Canção de Amor e de Morte do Porta-Estandarte Cristóvão Rilke*”; de Virgínia Woolf, *Orlando* (1948, editora Globo de Porto Alegre); de Kathryn Hulne, “*Os Caminhos de Deus*” (1958, Reader’s Digest); de Federico García Lorca, “*Bodas de Sangue*” e “*Yerma*” (respectivamente, 1960 e 1963, pela Agir); de Taylor Caldwell, “*Amado e Glorioso Médico*” (1960, Reader’s Digest); de Rabindranath Tagore, “*Sete Poemas de Puravi, Minha Bela Vizinha, Mashí e o Carteiro do Rei*” (1961, Ministério de Educação e Cultura) e *Caturanga* (1962, Delta) e *Poesia de Israel*, com ilustrações de Portinari, (1962, Civilização Brasileira).

Traduz para o teatro, de Maeterlinck, *Peléas et Melisande*, levada à cena no Teatro Municipal do Rio de Janeiro pelo grupo “Comediantes”; de Casona, *A Dama da Madrugada*, representada no Teatro Universitário do Rio de Janeiro; de J. Anouilh, *Antígone*; de Ibsen, *Peer Gynt*; de Pushkin, *D. Juan*, representada na Cultura Inglesa do Rio de Janeiro; de Charles Dickens, *Um Conto de Natal*; de Bernard Shaw, *Santa Joana*.

Ainda para o teatro, produziu peças encenadas e publicadas, como: “O Menino Atrasado”, auto de Natal musicado por Luís Cosme, “A Nau Catarineta”, “O Ás de Ouro”, “Sombrias”, “O Jardim” e “Oratório de Santa Maria Egípcíaca”.¹⁴⁵

A literatura infantil foi, ao longo de sua trajetória, uma de suas preocupações constantes e essa questão levou-a a pronunciar uma série de conferências sobre o tema “*Problemas da Literatura Infantil*” que, reunidas num livro, integrou a “*Coleção Pedagógica*” da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1951.¹⁴⁶

Colabora com a Editora Nacional, de Monteiro Lobato, traduzindo clássicos infantis como os *Contos de Andersen*.

A obra de Cecília Meireles foi traduzida em livros e revistas em vários países da Europa, da Ásia e da América e em sucessivas reedições. Sua incansável luta pela educação, a única coisa deste mundo em que acreditou de maneira inabalável, faz de Cecília uma das principais representantes do pensamento educacional brasileiro.

Cecília Meireles faleceu a 9 de novembro de 1964, às 15 horas, na cidade do Rio de Janeiro. Deixou uma obra original e incomum, e inéditos.¹⁴⁷ Nas palavras que deixou escritas, e que “foram o corpo de seu pensamento e resumiram uma vida diferente,” pode-se

¹⁴⁵ Em *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam* pode-se encontrar a relação dessas peças.

¹⁴⁶ Desde 1931 ocupava-se desse tema, ocasião em que realizou o Inquérito de Leituras Infantis, que mereceu publicação do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em 1934.

¹⁴⁷ Em 2007, foi publicado o livro de Cecília Meireles, “Episódio Humano”, com textos publicados no *O Jornal* entre 1929 e 1930. Rio de Janeiro: Editoras Batel e Desiderata.

acompanhá-la, no seu longo percurso interior, em imagens para sempre. Lembrando, sobretudo que, para ela, “*a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.*”¹⁴⁸

Sobre a obra de Cecília Meireles, considere oportuno agregar a este estudo o trabalho elaborado pelo professor Jader de Medeiros Britto, sob o título *Cosmovisão de Cecília Meireles*.¹⁴⁹

Na obra de uma poetisa do porte de Cecília Meireles, ainda que o discurso filosófico não esteja, tecnicamente, entre as prioridades de sua elaboração literária, será possível identificar, subjacentes a sua produção poética, percepções da existência capazes de esboçar uma visão de mundo.

Na introdução à *Obra Poética* de Cecília, editada pela Aguillar em 1955, Darcy Damasceno procura traçar em grandes linhas o que seria um esboço espiritual, filosófico, estético e social da grande poetisa brasileira.

Assinala Darcy que Cecília surge na literatura brasileira em 1922, apresentada por um grupo de católicos em que se destacavam Tasso da Silveira e Andrade Muricy, que defendiam a renovação de nossas letras, a partir de uma proposta de equilíbrio e de uma perspectiva filosófica de cunho universalista. Observa que em seu livro de poemas *Viagem*, premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1938, já se delinea uma percepção existencial da realidade, em que há indagações sobre a brevidade da vida, a incompreensão humana, a descrença religiosa, atenta à ideia geral de que cada coisa existe, independe de si, e tudo se subordina à mecânica do universo. Para ela, em seu conjunto, todos os seres, todas as coisas latejam, crescem, brilham, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer e renovarem-se, numa percepção similar à do fluir do ser em vir-a-ser de Heráclito, filósofo pré-socrático, em seu *Logos*, no qual expressa sua compreensão da realidade. Na visão de Cecília, os sentidos configuram a realidade física que não dispensa o testemunho amoroso, como ressalta Darcy Damasceno, já que o mundo é aprazível aos sentidos. E a melhor maneira de realizar esse testemunho seria fazer do mundo

¹⁴⁸ Meireles, Cecília. *Reinvenção. Poesia Completa*. Editora Nova Fronteira, 2001, p.411.

¹⁴⁹ Britto, Jader de Medeiros. *Cosmovisão de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro, 2010, Mimeografado.

matéria de puro canto, captando-o em sua permanente mutação. Aliás, o emprego da poesia para tentar definir a realidade foi recurso de expressão também usado por Parmênides, também filósofo pré-socrático, em seu famoso poema, numa perspectiva oposta à de Heráclito. Afirmar ele nesse poema a permanência do ser ao enunciar “o ser é, o não ser não é”, princípio de identidade. Enquanto Heráclito ressalta que o ser está sempre em *devenir*, em vir-a-ser, o rio em perene mutação. “Ninguém se banha duas vezes nas águas de um rio”.

Uma constante nostalgia na ótica existencial de Cecília é anotada por Darcy. Para ela o tempo tudo corrói, tudo é transitório. Do ponto de vista filosófico, denotando ceticismo em sua visão metafísica, a existência carece de sentido, dada a fugacidade do tempo, a insegurança e a precariedade dos seres no universo; a cada passo a dúvida nos assalta, ficamos entre a vida e o sonho, entre a realidade e a fantasia. E no contraponto entre o mar tangível e o mar verdadeiro nos poemas de *Mar Absoluto* guarda singular analogia com o mundo das sombras no interior da caverna e o da realidade das ideias na concepção de Platão.

Não obstante, sua elaboração poética acaba se encaminhando para uma reconciliação entre a consciência e as coisas, construindo espaço no plano artístico para a reinvenção, de modo que a harmonia entre o mundo e o artista acaba resultando no exercício da solidão e do espírito claustal, como sugere Darcy, peculiar a uma lírica de tendência espiritualista, idealista e estética – ao escolher de todas as tendências o que enriquece ou facilita a expressão do ser. A tendência para o misticismo lírico, para o absoluto metafísico encontraria nela a mais pura expressão. Segundo ele, Cecília identifica-se com as substâncias da natureza, procurando as de natureza transcendente. Tratar-se-ia de uma metafísica de raiz mística, em que relaciona seu êxtase ao dos místicos, mediante uma poesia transfiguradora do sobrenatural, numa percepção do absoluto através do relativo, do uno através do múltiplo.

Já em termos de sensibilidade para o social, a ação de Cecília desenvolve-se em duas direções: a poética ilustrada no *Romanceiro da Inconfidência*, cujo poema “Do Negro nas Catas” denuncia a realidade da escravidão no Brasil colonial ao anunciar:

“Já se ouve cantar o negro./ Que saudade, pela serra!/ Os corpos, naquelas águas,/ – as almas por longe terra./ Em cada vida de escravo,/ que surda, perdida guerra!”

E com o sentimento dos profetas, faz a advertência, arrematando o poema:

“Deus do céu, como é possível/ penar tanto e não ter nada!”

A outra direção, a educacional, mereceu da poetisa incansável dedicação ao longo de sua existência, ora no trabalho do magistério com normalistas, ora ao comentar os problemas da vida educacional brasileira como jornalista em sua coluna no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Sua atuação nesse campo é marcada por um posicionamento decidido e coerente ao subscrever o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932 que propunha uma estratégia científica, modernizadora, capaz de levar os benefícios da educação a toda a população brasileira, através da escola pública, ministrando ensino gratuito e universal, sem discriminação de qualquer ordem. Identificada com as mesmas definições, subscreve também em 1959 o *Manifesto ao Povo e ao Governo*, juntamente com Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, ao lado de numerosos educadores, em defesa da escola pública e do acesso das classes menos favorecidas a todos os benefícios da educação, como fator de justiça social, a fim de contribuir para a construção de uma sociedade harmônica.

Post-mortem: imagens para sempre de Cecília Meireles

As imagens de Cecília ficaram para sempre, escreveu Carlos Drummond de Andrade. Nas escolas, nas bibliotecas, nas cidades, no cinema, na música, no teatro, em todas as múltiplas formas em que deixou registrado seu pensamento. No Brasil e no mundo, homenagens são prestadas a essa singular e múltipla criatura humana. Na impossibilidade de registrar todas as homenagens, destaco algumas delas, a seguir.

a) A homenagem que lhe prestou Carlos Drummond de Andrade,¹⁵⁰ em crônica escrita sob o título “Imagens para sempre”:

Às 15 horas de segunda feira, nove de novembro de 1964, os poemas de Cecília Meireles alcançaram a perfeição absoluta.

¹⁵⁰ Drummond de Andrade, Carlos. Imagens para Sempre. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1964, p. 4.

Não há mais um toque de sutileza a acrescentar-lhes, nem sequer um acento circunflexo a suprimir-lhes – aquele acento que ela, certa vez, em um poema retirou de outro poema com a leveza de mãos de quem opera uma borboleta. Não virão outros versos fazer-lhes sombra ou solombra. O que foi escrito adquiriu segunda consistência, essa infrangibilidade que marca o definitivo, alheio e superior à pessoa que o elaborou. Vendo-os desligar-se de sua matriz humana, é como se eu os visse pela primeira vez e à luz material, sem o enleio que me despertava um pouco o ser encantado ou encantador, chamado Cecília Meireles. Falo em encantamento no sentido original da palavra, “de que há muitos exemplos nos livros de cavalaria e poetas”. Não me parecia uma criatura inquestionavelmente real; por mais que aferisse os traços positivos de sua presença entre nós, marcada por gesto de cortesias e sociabilidade, restava-me a impressão de que ela não estava onde nós a víamos, estava sem estar, para criar uma ilusão fascinante, que nos compensasse de saber incapturável a sua natureza. Distância, exílio e viagem transpareciam no sorriso benevolente com que aceitava participar do jogo de boas maneiras da convivência, e era um sorriso de tamanha beleza, iluminado por um verde tão exemplar de olhos e uma voz de tão pura melodia, que mais confirmava, pela eficácia do sortilégio, a irrealidade do indivíduo.

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, respondendo à indagação de um curioso, admitiu ser seu principal defeito “uma certa ausência do mundo”? Do mundo como teatro em que cada espectador se sente impelido a tomar parte frenética no espetáculo, sim; não, porém, do mundo de essências, em que a vida é mais intensa porque se desenvolve em estado puro, sem atritos, liberta das contradições da existência. Um estado em que a sabedoria e beleza se integram e se dissolvem na perfeição de paz.

Para chegar até ele, Cecília caminhou entre formas selecionadas,

que ia interpretando mais do que descrevendo; suas anotações de natureza são esboços de quadros metafísicos, com objetos servindo de signos de uma organização espiritual onde se consuma a unidade do ser com o universo. Cristais, pedras rosicleres, flores, insetos, nuvens, peixes, tapeçarias, paisagens, um escultural cavalo morto, “um trevo solitário pesando a prata do orvalho”, todas essas coisas percebidas pelo sentido são carregadas para a região profunda onde se decantam e sublimam. Nesta viagem incessante, para além da Índia, para além do mistério das religiões e dos sonhos, Cecília Meireles consumiu sua vida. Não é de estranhar que a achássemos diferente do retrato comum dos poetas e das mulheres.

Revisitando agora a imaculada galeria de seus livros, desde “Viagem” até os livros infantis de “Ou Isto ou Aquilo”, passando pelas estações clássicas de “Vaga Música”, “Mar Absoluto” e “Retrato Natural”, penetrando no túnel lampejante de “Solombra”, é que esta poesia sem vocabular e fluidez de atmosfera nos aparece como a razão maior de haver existido um dia Cecília Meireles. A mulher extraordinária foi apenas ocasião, um instrumento, afinadíssimo, a revelar-nos a mais evanescente e precisa das músicas. E esta música hoje não depende de executante. Circula no ar, para sempre.

b) Na cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado da Guanabara, em 1965, o Governador Carlos Lacerda presta-lhe uma homenagem nomeando a nova Sala de Concertos de Cecília Meireles.

c) Nos Açores, o nome Cecília Meireles foi dado à escola básica da Freguesia de Fajã de Cima, Conselho de Ponta Delgada, e uma de suas avenidas chama-se Avenida Cecília Meireles.

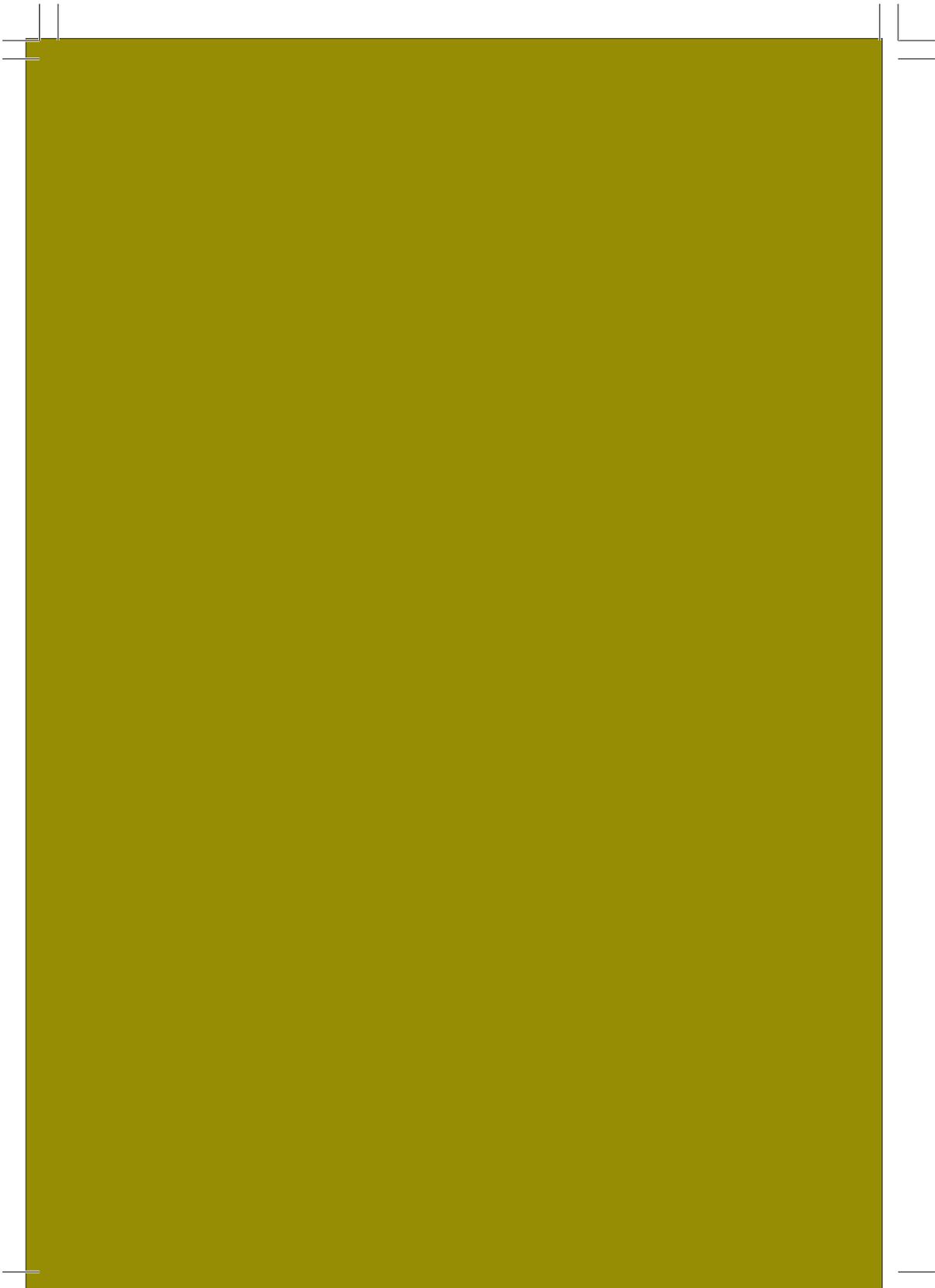
d) No Rio de Janeiro, a Biblioteca do Instituto de Educação traz o nome Cecília Meireles.

e) A Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe, em 1965, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.



Yolanda Lôbo é doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professora do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 1990 e 1998 e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 1991 e 1996. É professora do programa de pós-graduação em sociologia política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Desde 1980 desenvolve pesquisas sobre ideias e tendências através de personagens públicas, procurando identificar as relações do campo intelectual com o poder num determinado momento histórico (Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Bertha Lutz, Branca Fialho, Francisco Campos, Myrthes Wenzel, Maria Yedda Linhares, Yara Vargas, Darcy Ribeiro). Coordena o Núcleo de Estudos da Educação Fluminense, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).





TEXTOS SELECIONADOS

A escola moderna¹⁵¹

Todos os dias é tempo de se fazer o elogio da nova educação, ainda que sintamos passada a sua fase consagradora, transformada no culto cada vez mais constante daqueles que realmente a tenham compreendido. Todos os dias brota espontaneamente do nosso entusiasmo esse elogio, pois à medida que caminhávamos por estes novos campos é que sentimos como aqui se expande sinceramente a vida e cada elemento individual pode modelar com liberdade a sua forma de modo que, no milagre das realizações posteriores, esteja cada valor em seu lugar próprio e nenhum poder fique sem aproveitamento.

Talvez a importância da escola moderna não resida tanto nas suas intenções, que, propriamente, sempre existiram na inquietude daqueles que, em passados vários, contemplaram o processo da vida e a formação humana de um ponto que lhes permitisse uma visão universal total: o que é mais curioso, o que na verdade nos interessa, pela revelação que nos faz deste instante de evolução, é a generalização que tomaram essas ideias, é a sua propagação, ou seu aparecimento simultâneo sobre diversos pontos da terra, fazendo crer numa nivelção geral de desenvolvimento, entre povos das mais diversas origens e tradições. Vemos neste momento passar para o

¹⁵¹ Meireles, Cecília. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro: Editora Anuário do Brasil, 1929, cap. 1, pp. 7-11.

domínio popular uma vasta quantidade de pensamentos que até aqui representavam limitadas propriedades de sonhadores e pensadores. Assistimos a esse fenômeno com admiração: e com mais admiração ainda vemos que não só essas ideias se transferem, assim, de um ambiente para outro, de um pequeno mundo individual para o grande mundo coletivo, como também não permanecem como simples ideais, antes adquirem forma, corpo, atividade, de modo a sentirmos com uma evidência indiscutível que há uma forma positiva para todas as aspirações humanas, e que o sonho não é mais que uma antecipação de realidades adiantadas.

Possivelmente, chegou-nos, a nós, os de agora, um profundo tédio de só pensar e sentir. O passado apresenta-se-nos oculto, subterrâneo, feito de mistérios e torturas como o caminho silencioso das raízes. Nosso presente conhece que seiva lhe chegou, com gostos das terras mais distantes, virtudes das profundezas mais variadas e, sobretudo, o valor dos entrecruzamentos livremente operados através desses longos caminhos.

Há ímpeto demais nessa energia que nos vem de tão longe: não cabe mais em nós contê-la dentro da nossa individualidade. Mais do que nunca sentimos uma ansiedade grande de dar. Porque recebemos demais, porque transformamos demais, também.

E a nossa alegria consiste nisso: conhecermos o que trazemos, sentirmos o instante que ocupamos e as criaturas a que nos dirigimos.

Ora, nosso gesto não exprime somente transmissão. Damos-lhe um sentido de oferenda, que envolve o nosso sacrifício. Porque hoje temos de dar o que nos foi legado com todas as repercussões que essa herança tenha acordado em nós. E damo-lo com uma intenção de renúncia: para que não permaneça, mas para que se transforme. Nós, os de hoje, podemos tentar uma eternidade assim: sem o egoísmo da nossa fixação.

Que sabemos nós, de tudo quanto possamos ter aprendido, senão que a vida é uma perpétua instabilidade e que a sua forma

de definição suprema é a constância de um movimento de sempre renascentes ritmos?

Do reconhecimento da marcha das aparências sobre a irrevelação invariável ficou, para os espíritos que a observaram, uma larga sede de rumos e de fins. Mas a vida, bem se vê, é uma continuidade, não é apenas uma direção. Ela está em si mesma, com as suas formações precárias, florindo como os sonhos sobre uma noite imperturbável. Mas é a mesma a natureza dessa noite e desse sonho. Entre uma e os outros opera, unicamente, a magia transfiguradora do movimento.

Nestes sucessivos cenários efêmeros que resultam da nossa própria efemeridade é preciso que não nos arroguemos nenhuma atitude irremovível, porque seria recusar-nos a seguir a correnteza natural em que, sem explicações, aparecemos. Nosso desacordo com a natural sequência nos insularia num espontâneo exílio em que não participaríamos nem da aparência transitória nem da inviolável eternidade, porque é preciso sentirmos a deslocação dolorosa de uma para possuímos em nós o gosto profundo e absoluto da outra.

Temos que lutar todos os dias contra a inércia. Não podemos permitir que a nossa existência pare, nesta assombrosa continuidade dos acontecimentos. E, para isso, precisamos, antes de tudo, reagir contra a invasão das ideais comuns, do comodismo de certas fórmulas, servilmente aceitas, da passividade das atitudes que se ficam repetindo, pela incapacidade de tentar outras melhores, ou pelo temor de enfrentar qualquer risco.

Precisamos resistir à sugestão perigosa, ao erro do exemplo. Não há exemplos. Há experiências, realizadas em certas épocas, por certas criaturas, em certas circunstâncias. Nunca seria possível reproduzir esse exemplo, sem forçarmos a própria natureza, porque o processo da vida não permite repetições. Apenas nos podem valer essas experiências como elemento de cultura, como o

histórico da humanidade que nos precedeu, e em que podemos contemplar, na alternativa de todas as variantes, a lei de movimento que imperativamente as determina.

A sucessiva destruição de teorias e doutrinas deve conduzir-nos à sinceridade e à humildade. A íntima confissão da nossa impossibilidade de resolver definitivamente os absorventes enigmas que nos cercam, em vez de dívidas e covardias, deve dar-nos o heroísmo de, verificando os fracassos já vividos, não querer constituir em dogma orgulhoso e enganoso nenhuma experiência recebida e vivida. Caminhamos para uma época sem predeterminações. Consideremos os homens que veem para essas épocas futuras libertos ainda dos preconceitos que tivemos de remover dos nossos passos. Que lhes podemos nós oferecer que não lhes venha a ser um estorvo? Que passado quereremos ser nós, para esses que ainda neste momento são apenas uma probabilidade futura? Conscientemente, tanto quanto nos é possível ser conscientes, como iremos agir sobre esse elemento misterioso que se apresenta a cada um de nós?

Neste instante em que uma claridade nova parece percorrer o mundo e uma compreensibilidade mais ampla reúne as criaturas, a escola moderna parece uma resposta a todas essas inquietações, e uma consequência dessa visão de responsabilidade e desse desejo de acertar, que nos fazem tão apreensivos.

A escola moderna é, preliminarmente, a visão do conjunto das atualidades, a sua comparação com as atualidades que se foram e as que veem. Dessa visão resulta, compreendida a situação humana, a conclusão de que, para construir a nova tentativa dos homens de hoje, em localizações futuras, é preciso partir do mais longínquo ponto inicial, daquele, pelo menos, que, nas contingências terrenas, se nos afigura o próprio começo da vida.

E é assim que nos colocamos nesta hora face a face com os homens futuros que nos virão suceder em todas as cogitações e ansiedades, e que são, por enquanto, apenas as crianças que as es-

colas recebem e que, num certo número de anos, os professores se obrigam a educar.

Com ser ativa, prática, viva, por excelência, não é do espírito dessa escola reduzir o indivíduo de hoje a um tipo especialmente utilitarista, material, interesseiro. Seria substituir o formalismo teórico, inaproveitável, rotineiro da escola tradicionalista do passado por um novo formalismo, talvez ainda mais perigoso.

O que a escola moderna pretende, acima de tudo, é restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de sentimento justo e de vontade equilibradora, reconquistando-lhe a independência de qualquer preconceito novo, pelo estímulo da sua iniciativa de observar, do seu destemor de experimentar, da sua coragem de agir, uma vez desenvolvidas, prévia e sabiamente, todas as suas faculdades, num ambiente de iniciações favoráveis.

Trabalho já difícil em teoria, sobe de gravidade na prática, pelas contingências fatais do meio, pela “rotina infantil” de que já vão as crianças impregnadas para a escola, pelos absurdos assimilados, pelos preconceitos, pela má vontade, pelo artificialismo, enfim, que as deforma e que somente a ação simultânea da família e dos professores poderá ir atenuando, para que se possa, afinal, obter essa coisa hoje impossível: o aluno isento de influxos desorientadores, capaz de receber a vida com o espírito de beleza que, dentro do ideal dos homens de hoje, a escola se esforça nobremente por lhe dar, exprimindo nessa dádiva o amor e a solidariedade intemeratos daqueles que se vão, saciados de experiência, àqueles que começam a vir, com uma nova sede, na sucessão sempre diversa, mas quase tão semelhante...

A formação do professor¹⁵²

A ânsia espiritual formulada nas aspirações da escola nova não pertence já, e cada vez pertencerá menos, a uma limitada plêiade. Dos nomes radiosos que esta renascença educativa reuniu num momento, desgalharam-se as ideias a todos os ventos, e multiplicaram-se em todas as direções, tão realmente oportuna era a transformação, tão aguardada já nos mais obscuros e distantes silêncios.

São, na verdade, heróis aqueles que, vindos da cadência tradicional, tiveram a coragem de arriscar-se à aventura desta era nova.

E digo que são heróis porque a reforma que vão tentar exige deles uma transformação profunda; porque eles mesmos tem de fazer em si a experiência da renovação, ainda quando as fadigas que se recebem na vida os estejam querendo dobrar a um repouso fácil e à enganosa sedução das felicidades tranquilas.

Não pode imprimir às vidas em formação uma íntegra noção do seu próprio sentimento de liberdade, não pode receber com encanto a infância nova, nem fazê-la despertar livre de tiranias e dogmatismos quem não esteja numa situação análoga a essa que deseja criar, quem não tenha, espontânea ou voluntariamente, abdicado das ideias feitas, dos moldes de pensamento já encontrados, quem não esteja, enfim, construindo todos os dias a sua personalidade, com essa religiosa inquietude de acompanhar a marcha dos homens, surpreendendo-lhe o ritmo oculto, compreendendo-o, e obedecendo-lhe com alegria.

Se é verdade que o ideal da escola moderna não está mais circunscrito a uma pequena plêiade, será verdade também que se tenha generalizado completamente e profundamente, de modo que nenhum obstáculo exista ao seu desenvolvimento e à sua realização?

Parece-me que este momento educacional, tendo resolvido em definição o problema do ensino, necessita, para lhe dar eficiência real, resolver o problema da formação do mestre.

¹⁵² Meireles, Cecília. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro: Editora Anuário do Brasil, 1929, cap.2, pp. 12-23.

Tudo está demonstrando que, entre nós, como na maior parte do mundo, o mestre é neste momento o mais importante fator na preparação da sociedade futura. O mestre aparece-nos hoje não mais com a sua velha aparência de transmissor de conhecimentos imóveis, mas como um artista e como um homem, criando largamente com tudo que houver de preclaro na sua inteligência, de puro no seu sentimento e de nobre na sua atividade.

Um conhecimento completo da história da vida; a sensibilidade para os fenômenos de cada época; a compreensão simpática da natureza humana, com todo o seu heroísmo de virtudes e vícios; a capacidade de amar largamente o passado, sem se curvar a ele; de perceber o presente, tanto quanto é possível vê-lo de perto, sem oferecer, no entanto, como uma era definitiva; e, entre um e outro, ter essa alegria do futuro que se espera sempre como um bem maior.

Um mestre que se tenha formado de tal modo que nunca palpite nele o temor quando, conscientemente enfrentando a infância, considere que vai tocar no elemento primordial da vida, que vai atuar sobre princípios fundamentais sagrados, “vivos”, que vai tocar a substância mesma da criação.

Um mestre que se sinta irmanado às crianças que lhe são entregues como um simples homem, que já foi criança, a uma simples criança, que será um homem.

Um mestre que tenha provado o gosto da vida, intensamente; não que esteja existindo, apenas, dentro da função de ensinar; um mestre que transmita dos discípulos não o sabor que os seus lábios sentiram, mas o desejo comovido e elevado de tocar com a sua boca essa bebida e distinguir-lhe o duplo ressabio de eternidade e permanência.

A prática da escola pode ser instruir: mas a sua finalidade deve ser educar.

Chegamos a uma época de nivelamentos sociais que reconhece em cada indivíduo, antes de tudo, a sua qualidade de homem. E

essa qualidade lhe deve conferir vantagens igualitárias ou, pelo menos, a permissão de livremente conquistar essas vantagens.

Para pô-lo em contato com o mundo em que ele se definirá a si mesmo, só possuímos dois meios: a observação e a experiência, que, ao mesmo tempo que desenvolvem e robustecem as capacidades de aquisição, enriquecem o campo da cultura, e produzem, por íntimas reações, a fisionomia geral de cada indivíduo.

O mestre é apenas um auxiliar, nesse processo. Apenas. Mas que infinito existe nesse “apenas”! Ser a criatura plenamente desenvolvida, com um ambiente que as circunstâncias lhe teceram, preso às contingências do seu estado de adulto – e retroceder com alegria à criança que já se foi (e que tão facilmente se esquece e despreza), para estar assistindo todos os dias aos que ainda se demoram na sua condição de infância. Ser o grande amor que silenciosamente acompanha a evolução de uma criatura, compreendendo-a, sem desviá-la do seu mundo, explicando-o, sem a separar dele: ser mais que as mães que dão um corpo aos filhos – um espírito que segue ao lado de outro espírito.

E como é que se pode encher a alma do mestre dessa forma de amor, que não leva em si nenhum egoísmo original, nenhuma pretensão futura, nenhum interesse, nenhuma vaidade?

Certamente, a Psicologia já faz despontar nos que a estudam um carinho profundo pelo “objeto humano”. Abre-se um mundo novo e complexo aos olhos de quem pode ver na criança o mecanismo admirável que a ciência descobriu que é.

Pela História da Educação, viajando pelos caminhos pedagógicos do passado, colhendo em cada um o sentido contido na expressão de cada método, de cada educador, de cada êxito e de cada fracasso, também, haverá, sem dúvida, oportunidade para analisar a marcha das fórmulas experimentadas na solução do problema humano, e para se chegar à compreensão desse problema, principalmente.

Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver, e viver para quê?

Nesse ponto detém-se a História da Educação, como se detém a Sociologia, porque é o limite de um campo mais misterioso, aonde se vai por sendas mais difíceis, mais entrecruzadas, mais sombrias e mais secretas, talvez.

Não há uma coisa só realizada sobre a terra que não contenha, explícita ou implicitamente, a inquietação dessa pergunta, ou não procure ser a sua resposta.

Deem-lhe nomes vários, revistam-no de aparências menos imediatas, ocultem-no, mesmo, sob ceticismos ou conclusões fáceis, o problema permanece. Permanece porque é o próprio homem, é a sua talvez única realidade, a realidade espiritual, interrogando a sua mesma razão de ser. Uma constatação e um desconhecimento. E uma necessidade angustiosa de conciliação entre os dois.

Toda a história da humanidade é apenas a luta por essa conciliação. E não uma luta teórica, somente: porque a investigação especulativa quando constrói os seus mais altos edifícios de ideias puras está jogando, apenas, com a essência das realidades vividas, mais “sofridas”. As explicações acompanham as perguntas: não as precedem. Primeiro, o homem percebeu o seu mistério. E, desde então, anda procurando desvendá-lo.

E, se há um caminho por onde o possamos acompanhar lado a lado, no seu longo percurso interior, esse está nas palavras que nos deixou escritas, nessas palavras que forma o corpo do seu pensamento e resumiram uma vida diferente, às vezes, da de todos os dias, mas de realidades frequentemente ainda mais fortes, porque, vencendo a resistência das possibilidades concretas, se efetuaram nas sugestões exaustivas do sonho.

A literatura nos mostra o homem com uma veracidade que as ciências talvez não tenham. Ela é o documento espontâneo da vida em trânsito. É o depoimento vivo, natural, autêntico. Os pró-



prios subterfúgios são trajes novos que encobrem, mas não desfiguram as formas que conduzem. Quando um poeta canta é que nele se operou todo o processo de síntese: sua sensibilidade, sua personalidade recolheu os elementos esparsos do momento, da raça, da terra, dos contatos sociais e espirituais; todo o complexo da vida, na receptividade ativa e criadora de um homem, pode produzir máquinas ou leis, sistemas ou canções.

Mas as canções parece que vêm muito mais diretamente da sua origem à sua forma exterior, ou, então, talvez abram mais facilmente passagem até as almas: porque por elas se aproximam distâncias, se compreendem as criaturas, e os povos se comunicam as suas dores e alegrias sempre semelhantes.

CRONOLOGIA

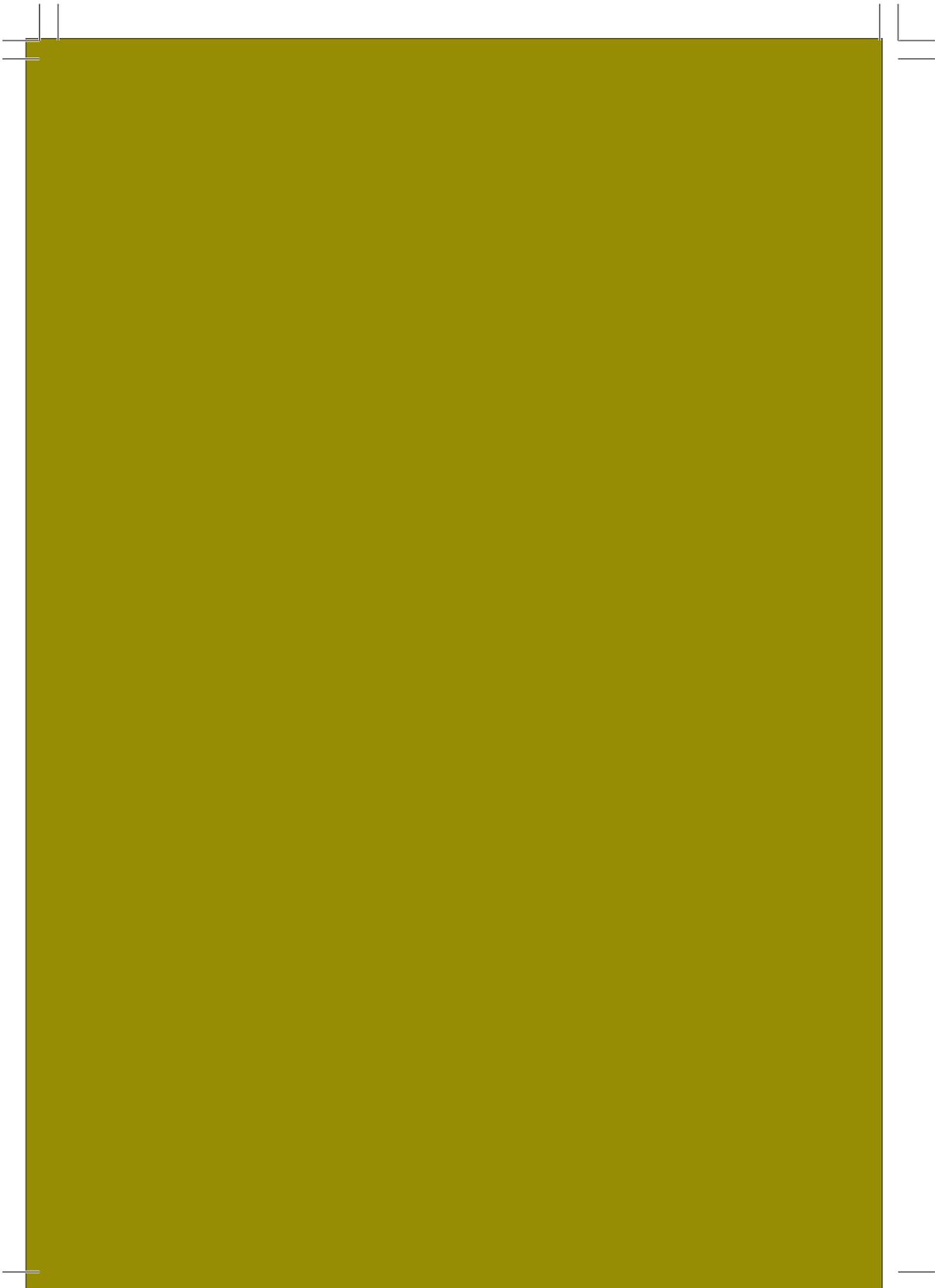
- 1901 - Nasce a 7 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e de Mathilde Benevides Meireles, descendente de família açoriana de São Miguel, professora da rede pública de ensino primário do Distrito Federal. O pai faleceu antes do seu nascimento.
- 1904 - Fica órfã, aos três anos, com a morte da mãe; vai morar com a avó materna, Jacintha Garcia Benevides, na mesma cidade do Rio de Janeiro.
- 1910 - Conclui o curso primário na Escola Municipal Estácio de Sá no Rio de Janeiro.
- 1910 - Recebe a Medalha Olavo Bilac, prêmio pelo bom desempenho no curso primário.
- 1911 - Ingressa na Escola Normal do Distrito Federal.
- 1917 - Diploma-se professora pela Escola Normal do Distrito Federal.
- 1918 - Inicia o exercício de magistério como professora da rede pública municipal do Distrito Federal na Escola Deodoro da Fonseca no bairro da Glória, Rio de Janeiro.
- 1919 - Publica o livro de poesia *Espectros*, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro.
- 1920 - Ingressa no magistério do Ensino Médio, lecionando a disciplina Desenho na Escola Normal do Distrito Federal.
- 1922 - Casa-se com o artista plástico Fernando Correia Dias.
- 1922 - Publica poemas na revista *Árvore Nova*.
- 1923 - Nasce sua primeira filha, Maria Elvira.
- 1923 - Publica o livro *Nunca mais... e poemas dos poemas*, pela Editora Leite Ribeiro & Associados do Rio de Janeiro.
- 1924 - Nasce sua segunda filha, Maria Mathilde.
- 1924 - Publica o livro *Criança, meu amor*, com ilustrações de Correia Dias, pelo Anuário do Brasil.

- 1924 - Publica poemas na revista *Festa*.
- 1925 - Publica *Baladas para El-Rei*, também com ilustrações de Correia Dias, pela Editora Brasileira Lux do Rio de Janeiro.
- 1925 - Nasce sua terceira filha, Maria Fernanda.
- 1929 - Publica a tese *O espírito victorioso*, pela Editora Lux, Rio de Janeiro.
- 1930 - Publica folheto, com ilustrações de Correia Dias, sob o título *Saudação à menina de Portugal*. Conferência pronunciada no Real Gabinete Português de Leitura.
- 1930 - Dirige a Página de Educação do *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, e, nesta página, passa a escrever a coluna diária *Comentário*.
- 1930 - Dirige a Página das Crianças no *Diário de Notícias*.
- S/D - Traduz *As mil e uma noites*, com ilustrações de Correia Dias. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil.
- 1932 - Assina o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*.
- 1933 - Escreve seu último *Comentário* na Página de Educação do *Diário de Notícias*.
- 1933 - Expõe seus desenhos na Pró-Arte, no Rio de Janeiro, com a participação da escola de samba Portela na solenidade de abertura da exposição.
- 1934 - É designada para o exercício no Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal.
- 1934 - Organiza a primeira biblioteca infantil pública brasileira, no Pavilhão Mourisco, inaugurada em 15 de agosto com denominação de Centro de Cultura Infantil, na gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal.
- 1934 - Publica poemas na revista *Festa*.
- 1934 - Viaja, com o marido Correia Dias, a Portugal, a convite do Secretariado de Propaganda, onde faz conferências nas Universidades de Lisboa e Coimbra sobre Literatura Brasileira. Conhece a terra natal e a família de Correia Dias em Moledo de Penajóia.
- 1935 - Fica viúva, com a morte de seu marido Fernando Correia Dias.
- 1935 - Leciona as disciplinas Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal.
- 1935 - Publica *Batuque, samba e macumba*. Lisboa, Separata do *Mundo português*.
- 1935 - Publica folheto *Notícia da poesia brasileira*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade.
- 1938 - Ganha o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, com seu livro de poesia *Viagem*.
- 1939 - Publica o livro de poesia *Viagem*. Lisboa, Editora Ocidente.
- 1939 - Publica *Rute e Alberto resolveram ser turistas*. Porto Alegre, Editora Globo.

- 1939 - Retorna à regência de turma, no Jardim de Infância Campos Salles, pertencente à rede municipal de ensino do Distrito Federal.
- 1939 - Trabalha como repórter para o jornal *Observador Econômico e Financeiro*.
- 1940 - Casa-se com o engenheiro Heitor Vinicius da Silveira Grillo, no Rio de Janeiro.
- 1940 - Leciona Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas.
- 1941 - Escreve a coluna *Professores e estudantes*, crônicas de Educação, no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro.
- 1941 - Edita a revista *Travel in Brazil*, do Departamento de Imprensa e Propaganda.
- 1942 - Publica *Vaga música*. Rio de Janeiro, Editora Pongetti.
- 1942 - Escreve crônicas de educação em sua coluna *Professores e estudantes* no jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro.
- 1944 - Publica *Poetas novos de Portugal* (Seleção e prefácio). Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos.
- 1944 - Visita o México, Uruguai e a Argentina onde faz conferências sobre literatura, folclore e educação.
- 1945 - Publica *Rute e Alberto*. Boston, D.C. Heath.
- 1945 - Publica *Mar absoluto e outros poemas*. Porto Alegre, Globo.
- 1945 - Publica crônicas intituladas *Rumo ao Sul*.
- 1946 - Escreve para o teatro de marionetes a peça *A nau catarineta*.
- 1946 - Ministra cursos de teatro de bonecos na Sociedade Pestalozzi.
- 1947 - Traduz *A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke. Rio de Janeiro, Revista Acadêmica.
- 1948 - Traduz *Orlando*, de Virginia Wolf. Porto Alegre, Globo.
- 1948 - Publica *Evocação lírica de Lisboa*. Lisboa, Separata de Atlantico, Revista Luso-Brasileira, nº 6.
- 1948 - Participa de Seminário sobre Educação em Minas Gerais
- 1949 - Publica *Rui*: pequena história de uma grande vida. Rio de Janeiro, Editora Livros de Portugal.
- 1949 - Publica *Retrato natural*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1949 - Foi transferida para a Escola Medeiros e Albuquerque, da rede pública municipal do Distrito Federal.
- 1949 - Nomeada para a direção da Escola Bahia, da rede pública municipal do Distrito Federal.
- 1951 - Publica *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial.
- 1951 - Publica *Amor em leonoreta*. Rio de Janeiro, Hipocampo.
- 1951 - Aposenta-se do cargo de professora da rede pública municipal do Distrito Federal.

- 1952 - Publica *Doze noturnos da Holanda e o aeronauta*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1952 - Publica o ensaio Artes Populares, In: *As artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Larragoiti.
- 1953 - Pronuncia conferência *Gandhian Outlook and Techniques*, na Índia, em congresso sobre a obra de Gandhi. Nova Delhi, Ministry of Education.
- 1953 - Viaja à Índia, Goa e países da Europa.
- 1953 - Publica o *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1954 - Viaja à Europa e Açores.
- 1955 - Publica *Pequeno oratório de Santa Clara*, apresentado em caixa de madeira pintada, em forma de oratório. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1955 - Publica *Pistoia, cemitério militar brasileira*, com Xilogravuras de Manuel Segalá. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1956 - Publica *Canções*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1956 - Pronuncia conferência *O Elemento oriental em García Lorca*, na Fundação Dulcina, em comemoração ao vigésimo aniversário da morte do poeta.
- 1956 - Publica Giroflê, Giroflá. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- 1957 - Pronuncia conferência *O folclore na literatura brasileira*, em Porto Alegre.
- 1957 - Publica *Romance de Santa Cecília*. Rio de Janeiro, Philobiblion.
- 1957 - Publica *A rosa*, com ilustrações de Lygia Sampaio. Salvador, Dinamene.
- 1957 - Visita Porto Rico.
- 1958 - Viaja à Israel.
- 1958 - Traduz *Os caminhos de Deus*, de Kathryn Hulne. Rio de Janeiro, Seleções do Reader's Digest.
- 1958 - Publica o ensaio Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de São Miguel, In: *Revista Insulana*, vol XI, Ponte Delgada, 1 de setembro.
- 1958 - Publica *Obras completas*, pela Aguilar.
- S/D - Publica folheto *A Bíblia na poesia brasileira*. Rio de Janeiro. Centro Cultural Brasil/Israel.
- S/D - Publica o ensaio Gandhi, In: *Quatro apóstolos modernos*. São Paulo, Coleção Grandes Vocações, Donato Editores.
- 1959 - Publica *Eternidade de Israel*. Rio de Janeiro, Centro Cultural Brasil-Israel.
- 1959 - Publica o ensaio Expressão Feminina da Poesia na América. In: *Três Conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, Coleção Cadernos de Cultura.
- 1960 - Publica *Metal Rosicler*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1960 - Traduz *Bodas de sangue*, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro, Editora Agir.

- 1960 - Traduz *Amado e glorioso médico*, de Taylor Caldwell. Rio de Janeiro, Seleções Reader's Digest.
- 1961 - Traduz *Sete poemas de Puravi, Minha bela vizinha, Conto, Masbi e O carteiro do rei*, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, edição comemorativa do centenário de nascimento do autor.
- 1961 - Publica folheto *Rabindranath Tagore and the East West Unity*. Brazilian National Commission for Unesco.
- 1962 - Traduz *Poesia de Israel*, com ilustrações de Portinari. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- 1962 - Traduz *Caturanga*, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro, Delta, Coleção Prêmios Nobel de Literatura.
- 1963 - Traduz *Yerma*, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro, Editora Agir.
- 1963 - Profere conferência na Associação Brasileira de Imprensa sobre a presença da poesia em textos litúrgicos e na Bíblia, por ocasião da quaresma, promovida pela juventude Independente Católica.
- 1963 - Publica *Solombra*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- 1964 - Publica *Escolha seu sonho*. Rio de Janeiro, Record.
- 1964 - Publica *On isto ou aquilo*. São Paulo, Editora Giroflê.
- 1964 - Recebe o título de Comendador da Ordem do Mérito no Chile.
- 1964 - Falece a 9 de novembro, às 15 horas, no Hospital dos Servidores, na cidade do Rio de Janeiro.



BIBLIOGRAFIA

Títulos da coluna Comentário e da Página de Educação do *Diário de Notícias*

MEIRELES, CECÍLIA. Escola e Família: Como fazer sua aproximação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 14, jun., 1930.

_____. Exercício de aritmética. _____, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, jun., 1930.

_____. Coisas que se deve combater. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 17, jun., 1930.

_____. As férias de junho. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 18, jun., 1930.

_____. Os poetas como precursores do novo idealismo educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 19, jun., 1930.

_____. O serviço das substitutas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 20, jun., 1930.

_____. Kou – Hyng – Ming e o espírito do povo chinês. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 20, jun., 1930.

_____. Comentário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 21, jun., 1930.

_____. Exercícios de Português. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 22, jun., 1930.

_____. Comentário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 23, jun., 1930.

_____. O ambiente escolar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 25, jun., 1930.

_____. O professor moderno e a sua formação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 26, jun., 1930.

_____. Educação e fraternidade ocidental. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 27, jun., 1930.

_____. Literatura Infantil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 28, jun., 1930.

_____. Solenidades Cívicas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 29, jun., 1930.

_____. Ensino Secundário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 2, jul., 1930.

_____. Leituras educativas – Um livro de Man Chispe para os jovens da América. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 2, jul., 1930.

_____. O indelével convívio. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 3, jul., 1930.

_____. As condições físicas do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 4, jul., 1930.

_____. O ensino da música nas escolas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 5, jul., 1930.

_____. A escola que educa e deseduca. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 6, jul., 1930.

_____. A arte geradora da beleza do corpo e do espírito. Doutrina estética e visão educacional do professor Pierre Michailowsky. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 6, jul., 1930.

_____. Professores de Amanhã. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 8, jul., 1930.

_____. A função da escola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, jul., 1930.

_____. O louvor da Mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7,11, jul., 1930.

_____. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7,12, jul., 1930.

_____. As projeções fixas na escola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, jul., 1930.

_____. A escola paulista. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, jul., 1930.

_____. O mal da autoridade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, jul., 1930.

_____. Eduquemos a criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 19, jul., 1930.

_____. Um episódio inesquecível. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 20, jul., 1930.

_____. Vestuário do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 22, jul., 1930.

_____. Sua majestade o pistolão... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, jul., 1930.

_____. Excessos de entusiasmo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 24, jul., 1930.

_____. Conversando com o inspetor Crescêncio Cóccaro – Os problemas da educação em várias partes do mundo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, 24, jul., 1930.

_____. Dramatizações. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, jul., 1930.

_____. Duas atitudes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, jul., 1930.

_____. O aluno que ri. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, jul., 1930.

_____. Educação Nacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 29, jul., 1930.

_____. Sacrifícios do Educador. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, jul., 1930.

_____. Escola atraente. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 31, jul., 1930.

_____. Medida de valores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 01, ago., 1930.

_____. Um livro símbolo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, ago., 1930.

_____. Jornalismo e educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, ago., 1930.

_____. Fatores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 05, ago., 1930.

_____. Grandes e pequenos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, ago., 1930.

_____. Intercâmbio escolar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, ago., 1930.

_____. A adolescência. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, ago., 1930.

_____. O que lêem os adolescentes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, ago., 1930.

_____. Qualidades do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, ago., 1930.

_____. As crianças pobres. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 12, ago., 1930.

_____. Os que perturbam sem o saberem. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, ago., 1930.

_____. Conferências pedagógicas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 14, ago., 1930.

_____. Lição de História do Brasil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 15, ago., 1930.

_____. Qualidades do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 16, ago., 1930.

_____. Desarmonia do ambiente Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, ago., 1930.

_____. Aula de normalistas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, ago., 1930.

_____. Educação Estética e embelezamento do lar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 19, ago., 1930.

_____. A alma do adolescente. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, ago., 1930.

_____. O ensino secundário na opinião de um preparatoriano. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, ago., 1930.

_____. Como se distingue o educador. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 22, ago., 1930.

_____. Concursos de beleza. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 23, ago., 1930.

_____. Formação do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, ago., 1930.

_____. Moral e Cívica. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 26, ago., 1930.

_____. Idealismo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 27, ago., 1930.

_____. Uma inscrição. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 28, ago., 1930.

_____. Responsabilidade dos reformadores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 29, ago., 1930.

_____. O Ministério da Educação Pública. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, ago., 1930.

_____. Escotismo e Escoteiros. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, ago., 1930.

_____. O respeito pela vida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 02, set., 1930.

_____. A significação da Literatura na formação do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, 02, set., 1930.

_____. A surpresa da liberdade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, set., 1930.

_____. Professores e anúncios. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, set., 1930.

_____. A visita de um pedagogo notável. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, set., 1930.

_____. O mundo dos adultos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 18, set., 1930.

_____. Um problema do Magistério. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 19, set., 1930.

_____. A festa da árvore. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 20, set., 1930.

_____. A futura Escola Normal. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 21, set., 1930.

_____. A responsabilidade da imprensa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 23, set., 1930.

_____. A margem da “reunião educacional”. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 24, set., 1930.

_____. A autoridade das autoridades. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 25, set., 1930.

_____. Os programas inesquecíveis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 26, set., 1930.

_____. Palavras e fatos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 30, set., 1930.

_____. Falsos motivos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 14, out., 1930.

_____. A consciência dos educadores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 01, out., 1930.

_____. A única atitude. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 02, out., 1930.

_____. O gosto da verdade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 03, out., 1930.

_____. A crise brasileira de educação e as sugestões do professor Sud Mennucci. Um livro que todo Brasil precisa ler. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.4, 03, out., 1930.

_____. Reuniões de Inspetores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 05, out., 1930.

_____. A vida que não está sendo vivida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 09, out., 1930.

_____. Liberdade e espontaneidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 10, out., 1930.

_____. A ideologia dos educadores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 11, out., 1930.

_____. O amor à infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 12, out., 1930.

_____. Falsos motivos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 14, out., 1930.

_____. Grandes e pequenos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 15, out., 1930.

_____. Um telegrama sugestivo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 16, out., 1930.

_____. A criança e o segredo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 17, out., 1930.

_____. As qualidades do educador. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 18, out., 1930.

_____. A esperança do educador. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 19, out., 1930.

_____. A criança e os brinquedos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 21, out., 1930.

_____. Jornais infantis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 22, out., 1930.

_____. Diretores de escola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, out., 1930.

_____. Nós e as crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, out., 1930.

_____. A alma de uma educadora. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 29, out., 1930.

_____. As crianças e a revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.12, 30, out., 1930.

_____. Educação e revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 31, out., 1930.

_____. O respeito pela mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p. 12, 01, nov., 1930.

_____. Os políticos com a psicologia. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, nov., 1930.

_____. O valor das experiências alheias. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, nov., 1930.

_____. O Ministério do Trabalho e a educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, nov., 1930.

_____. Reformas. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.7, 08, nov., 1930.

_____. Livros para crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, nov., 1930.

_____. Sobre a nova educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 11, nov., 1930.

_____. Educação artística e nacionalizadora. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 13, nov., 1930.

_____. Sinal dos tempos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.15, 14, nov., 1930.

_____. Como as crianças cantam. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, nov., 1930.

_____. Política e Pedagogia. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, nov., 1930.

_____. O papel da escola primária na educação popular. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 19, nov., 1930.

_____. Educação artística. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, nov., 1930.

_____. Ouvindo as crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, nov., 1930.

_____. Escola para a criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 22, nov., 1930.

_____. A escola para as crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, nov., 1930.

_____. O momento educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, nov., 1930.

_____. O espírito poético da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, nov., 1930.

_____. A responsabilidade da revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, nov., 1930.

_____. O tipo de professor para esta época. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, nov., 1930.

_____. O problema educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 29, nov., 1930.

_____. Interpretações. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, nov., 1930.

_____. Educação estética na infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, dez., 1930.

_____. Um dos resultados da revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, dez., 1930.

_____. Uma declaração oportuna. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, dez., 1930.

_____. Exposições infantis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 05, dez., 1930.

_____. A reforma de ensino e o movimento da mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, dez., 1930.

_____. Educação – palavra imensa... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, dez., 1930.

_____. Prédios escolares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, dez., 1930.

_____. Ainda as exposições. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, dez., 1930.

_____. Consequências das exposições escolares... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 11, dez., 1930.

_____. Educação e trabalho. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, dez., 1930.

_____. O respeito à infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, dez., 1930.

_____. Como dizíamos ontem. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, dez., 1930.

_____. Prêmios Escolares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, dez., 1930.

_____. O programa educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, dez., 1930.

_____. Os indícios da alma infantil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, dez., 1930.

_____. As iniciativas educacionais de após-revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, dez., 1930.

_____. A infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, dez., 1930.

_____. O interesse pelas crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, dez., 1930.

_____. A finalidade educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, dez., 1930.

_____. Continuando. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, dez., 1930.

_____. O método das crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, dez., 1930.

_____. Essa história de papai Noel. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, dez., 1930.

_____. Desigualdades. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, dez., 1930.

_____. Atitudes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, dez., 1930.

_____. Uma obra digna de atenção. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, dez., 1930.

_____. Um voto no primeiro dia do ano. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 01, jan., 1931.

_____. Educação artística. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, jan., 1930.

_____. Adaptações. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, jan., 1930.

_____. O caso que o leitor conhece... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, jan., 1930.

_____. A extensão da nossa liberdade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, jan., 1930.

_____. Uma Página de Adolpho Ferrière. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, 09 de agosto de 1930.

_____. Palavras e atos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, pp. 7-14, fev., 1931.

_____. Relações entre o lar e a escola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, jan., 1931.

_____. C'est le deus. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, jan., 1931.

_____. O que se espera e o que se teme. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, jan., 1931.

_____. A experiência alheia. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, jan., 1931.

_____. Pais e filhos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, jan., 1931.

_____. Espírito de justiça. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, jan., 1931.

_____. A preocupação educacional do momento. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jan., 1931.

_____. A formação do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, jan., 1931.

_____. A atuação do professor moderno. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, jan., 1931.

_____. A circular aos inspetores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, jan., 1931.

_____. A visão da infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, jan., 1931.

_____. O canto do galo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, jan., 1931.

_____. O prestígio materno. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, jan., 1931.

_____. O conceito da vida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, jan., 1931.

_____. O direito do não. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, jan., 1931.

_____. Os intransigentes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, jan., 1931.

_____. A circular aos inspetores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, jan., 1931.

_____. Quando a criança chora. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 29 jan., 1931.

_____. Um professor de entusiasmo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, jan., 1931.

_____. A passagem dos ideais. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, jan., 1931.

_____. O momento atual e o verdadeiro sentido da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 1, fev., 1931.

_____. Duas perguntas difíceis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, fev., 1931.

_____. A criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, fev., 1931.

_____. As palavras de um ministro. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, fev., 1931.

_____. As circulares da subdiretoria técnica. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, fev., 1931.

_____. Os bons exemplos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, fev., 1931.

_____. A criança e as desarmonias ambientais. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, fev., 1931.

_____. A Circular aos inspetores escolares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 11, fev., 1931.

_____. Justiça social para a criança brasileira! – Percorrendo institutos de proteção e educação especializada para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 11, fev., 1931.

_____. Um pedido das vésperas do carnaval. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, fev., 1931.

_____. Justiça social para a criança brasileira! – Percorrendo institutos de proteção e educação especializada para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 12, fev., 1931.

_____. Um compromisso da revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 26, fev., 1931.

_____. Palavras e atos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, fev., 1931.

_____. Justiça social para a criança brasileira! – Percorrendo institutos de proteção e educação especializada para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 14, fev., 1931.

_____. Um poeta que ama as crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, fev., 1931.

_____. Criações sobre três versos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, fev., 1931.

_____. Um grande espírito a serviço da criança – Conversando com Mme. Artus Perrelet – O sentido da Educação. A alegria de criar – Uma evocação na Grécia à criança – Por que vovô fez “chut” – Ex oriente lux – Conclusão. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 20, fev., 1931.

_____. O mal de ter sido criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, fev., 1931.

_____. Educação Musical. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, fev., 1931.

_____. Imprudências domésticas... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, fev., 1931.

_____. Os professores e a sua atuação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, fev., 1931.

_____. Justiça social para a criança brasileira! – Percorrendo institutos de proteção e educação especializada para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 26, fev., 1931.

_____. Criança e o quintal do vizinho. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, fev., 1931.

_____. Cooperação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, fev., 1931.

_____. Justiça social para a criança brasileira! – Percorrendo institutos de proteção e educação especializada para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 28, fev., 1931.

_____. O ensino na zona rural. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, mar., 1931.

_____. A inauguração do ano letivo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, mar., 1931.

_____. Três pessoas apavoradas e um apelo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, mar., 1931.

_____. O recrutamento para a zona rural. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 05, mar., 1931.

_____. Uma recordação da juventude. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, mar., 1931.

_____. O espírito da Nova Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, mar., 1931.

_____. A reforma Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino primário no Distrito Federal – Opinião e projetos da presente administração. Uma entrevista com o sr. Raul de Farias. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 07, mar., 1931.

_____. A noção de responsabilidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, mar., 1931.

_____. Os que trabalham com alegria. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, mar., 1931.

_____. A Educação como fundamento das revoluções. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, mar., 1931.

_____. A criança vista pelos grandes espíritos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, mar., 1931.

_____. A arte como instrumento de Educação na Reforma. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7 e p.15, 12, mar., 1931.

_____. Qual é o critério? Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, mar., 1931.

_____. A criança e os castigos corporais. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, mar., 1931.

_____. A situação atual do ensino no Distrito Federal – A reforma Fernando de Azevedo, suas realizações e suas possibilidades através de uma entrevista com o Dr. Frota Pessoa, subdiretor administrativo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 14, mar., 1931.

_____. O exemplo do México. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, mar., 1931.

_____. A inquietação da escola nova e a renovação do mundo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, mar., 1931.

_____. O professor para a escola rural. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, mar., 1931.

_____. O curso de Mme. Artus, as diretorias e os inspetores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos – A segunda aula do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 20. mar., 1931.

_____. Uma pergunta difícil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A segunda lição do curso de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 21, mar., 1931.

_____. Uma fábula de La Fontaine. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 22, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A terceira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 22, mar., 1931.

_____. Como as crianças pensam. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos. – A terceira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 24, mar., 1931.

_____. Uma tragédia como outras... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, mar., 1931.

_____. Crianças mendigas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A quarta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 26, mar., 1931.

_____. Educação com e pequeno... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A quarta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 27, mar., 1931.

_____. A professora. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – Quinto curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 28, mar., 1931.

_____. O mistério das circulares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A primeira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 29, mar., 1931.

_____. O assunto primordial. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, mar., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A sexta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 31, mar., 1931.

_____. A infância e os preconceitos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 01, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A sétima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 01, abr., 1931.

_____. A margem de um livro de Victor Hugo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A sétima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 02, abr., 1931.

_____. Amor à fórmula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, abr., 1931.

_____. Vienna atual e o seu culto pela criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, abr., 1931.

_____. O de Iscariotes e outros... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, abr., 1931.

_____. Leituras perniciosas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, abr., 1931.

_____. O silêncio é pior... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, abr., 1931.

_____. As criaturas admiráveis... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A oitava lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 09, abr., 1931.

_____. A poesia das crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A oitava lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 10, abr., 1931.

_____. A qualche chose... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 11, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A nona lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 11, abr., 1931.

_____. A perfídia dos tests... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 12, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A nona lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 12, abr., 1931.

_____. Gente grande. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 14, abr., 1931.

_____. O dia pan-americano. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, abr., 1931.

_____. O exemplo dos estudantes espanhóis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, abr., 1931.

_____. O dia da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, abr., 1931.

_____. Escola Normal ou Universidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-primeira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 18, abr., 1931.

_____. Os ritmos decorativos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-primeira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 19, abr., 1931.

_____. Constancio C. Vigil. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.6, 21, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-segunda lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 21, abr., 1931.

_____. Tiradentes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 22, abr., 1931.

_____. Ensino Universitário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-segunda lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 23, abr., 1931.

_____. Um caso doloroso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 24, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima segunda lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 24, abr., 1931.

_____. À margem das reformas de Francisco Campos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, abr., 1931.

_____. Nada de novo na frente ocidental. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-terceira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 26, abr., 1931.

_____. Educação da Saúde. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-quarta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 28, abr., 1931.

_____. Um exemplo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 29, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-quarta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 29, abr., 1931.

_____. Pedagogia de ministro. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, abr., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-quinta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 30, abr., 1931.

_____. Como se originam as guerras religiosas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, maio, 1931.

_____. O espírito da mocidade. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.7, 03, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-sexta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 03, maio, 1931.

_____. As crianças e a religião. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.7, 05, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-sexta e a décima-sétima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 05, maio, 1931.

_____. Questões de liberdade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, maio, 1931.

_____. O movimento de “les compagnons”: Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, maio, 1931.

_____. Perguntas para o ar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-oitava lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 08, maio, 1931.

_____. Pobre escola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A décima-nona lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 09, maio, 1931.

_____. O ensino religioso nas escolas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, maio, 1931.

_____. Um concurso de literatura na China. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 12, maio, 1931.

_____. Um autógrafo precioso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 13, maio, 1931.

_____. Entre as pontas do dilema. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-primeira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 14, maio, 1931.

_____. Abolição. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.7, 15, maio, 1931.

_____. Um livro lindo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, maio, 1931.

_____. Cenas de todos os dias. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 17, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-segunda lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 17, maio, 1931.

_____. *The right man...* . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-terceira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 20, maio, 1931.

_____. Continuando... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-terceira lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 21, maio, 1931.

_____. Os livros de Constancio Vigil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 22, maio, 1931.

_____. Fantasmagoria. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-quarta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 23, maio, 1931.

_____. O mal de crescer. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-quinta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 26, maio, 1931.

_____. Uma sintonia talvez grave. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 27, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-quinta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 27, maio, 1931.

_____. Cultive ta statue. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, maio, 1931.

_____. Aquele desastrado decreto... Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 29, maio, 1931.

_____. A entrevista do Capitão João Blex. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, maio, 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-quinta e a vigésima-sexta lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 30, maio, 1931.

_____. Para as crianças da América. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 31, maio, 1931.

_____. O vampiro de Dusseldorf. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 02, jun., 1931.

_____. Uma estatística necessária. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, jun., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-sétima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 03, jun., 1931.

_____. Ainda o nefando decreto. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 04, jun., 1931.

_____. El espíritu Universitário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 05, jun., 1931.

_____. Desenho, modelagem e jogos educativos – A vigésima-sétima lição do curso de aperfeiçoamento de Mme. Artus Perrelet. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.7, 05, jun., 1931.

_____. Censura e educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, jun., 1931.

_____. O Sr. Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, jun., 1931.

_____. Um artigo de uma revista. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, jun., 1931.

_____. Contraste... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 10, jun., 1931.

_____. Um ofício do Sr. Bergamini. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p. 7, 11, jun., 1931.

_____. Uma página de remarque. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, jun, 1931.

_____. Ellas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, jun., 1931.

_____. É hora do espetáculo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 14, jun., 1931.

_____. Feminismo e Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 16, jun., 1931.

_____. Os olhos observadores da infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, jun., 1931.

_____. Aquele decreto. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, jun., 1931.

_____. Cinema educativo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, jun., 1931.

_____. Direito à vida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, jun., 1931.

_____. Proibições infantis. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 21, jun, 1931.

_____. O Convite para a vida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, jun., 1931.

_____. O ambiente infantil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, jun, 1931.

_____. Aguardando... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 25, jun., 1931.

_____. Livros para a criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, jun., 1931.

_____. Repercussões. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, jun., 1931.

_____. O cachorro que fala. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 28, jun., 1931.

_____. Pela criança!. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 30, jun., 1931.

_____. Vida sem limites. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, jul., 1931.

_____. Belém de Sárraga: as ideias e os propósitos da ilustre jornalista que aqui vem realizar várias conferências. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 01, jul., 1931.

_____. Legiões e religiões. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 03, jul., 1931.

_____. Um hábito. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 04, jul., 1931.

_____. A criança no lar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 05, jul., 1931.

_____. Os poetas e a infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p. 07, jul., 1931.

_____. Certas coisas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, jul., 1931.

_____. O sentido da terra. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 09, jul., 1931.

_____. O homem que salvou o Brasil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, jul., 1931.

_____. Educação musical. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, jul., 1931.

_____. Sugestões do teatro da criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 12, jul., 1931.

_____. Depois do espetáculo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 14, jul., 1931.

_____. A imaginação maravilhosa da infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jul., 1931.

_____. O problema educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, jul., 1931.

_____. Um problema insolúvel. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, jul., 1931.

_____. O que todos sabem, menos um... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 19, jul., 1931.

_____. Uma frase. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 21, jul., 1931.

_____. Duas frases de Ildelfonso Pereda Valdes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 23, jul., 1931.

_____. Educação em São Paulo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, jul., 1931.

_____. Uma criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 28, jul., 1931.

_____. A superstição do alfabeto. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, jul., 1931.

_____. Educação Musical. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 30, jul., 1931.

_____. Pequenos e Grandes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 31, jul., 1931.

_____. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, ago., 1931.

_____. Coisas evidentes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 04, ago., 1931.

_____. Os donos da criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, ago, 1931.

_____. O fraque. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.9, 06, ago., 1931.

_____. O fenômeno “lampião”. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, ago., 1931.

_____. Um dia memorável. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, ago., 1931.

_____. A crise educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 09, ago., 1931.

_____. Ensino religioso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 11, ago., 1931.

_____. A velhice dos livros e das ideias. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, ago, 1931.

_____. Noção de humanidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 13, ago., 1931.

_____. O novo tipo de educador. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, ago., 1931.

_____. Um grande passo pedagógico. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, ago., 1931.

_____. Discurso por Vigílio. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 18, ago., 1931.

_____. Discurso por Vigílio. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, ago., 1931.

_____. Efeitos que se devem contemplar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 20, ago., 1931.

_____. Sob o símbolo de Chaplin. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, ago., 1931.

_____. Circuitos de pais e professores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, ago, 1931.

_____. Quatro homens. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 23, ago., 1931.

_____. Fantasia do analfabetismo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 25, ago., 1931.

_____. A infância eterna de “Leonardo da Vinci”. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 26, ago., 1931.

_____. Epílogo... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 27, ago., 1931.

_____. Diógenes e a sua lanterna. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, ago., 1931.

_____. Expectativa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, ago., 1931.

_____. O prestígio do passado e a esperança do porvir... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, ago., 1931.

_____. A mocidade de hoje. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, set., 1931.

_____. Um problema da revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 02, set., 1931.

_____. México e Brasil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 03, set., 1931.

_____. O movimento universitário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, set., 1931.

_____. Ministério da Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, set., 1931.

_____. O “Salon”. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 06, set., 1931.

_____. Ainda o ministério. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, set., 1931.

_____. Uma lembrança desagradável. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, set., 1931.

_____. Outra vez, o ministério. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, set., 1931.

_____. O professor primário. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, set., 1931.

_____. Coisas de educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, set., 1931.

_____. O Hino Nacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 13, set., 1931.

_____. Um poeta é uma criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, set., 1931.

_____. O caso do Ministério da Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, set., 1931.

_____. A greve dos estudantes de Belas Artes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.11, 17, set., 1931.

_____. Uma história das mil e uma noites. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, set., 1931.

_____. O momento educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, set., 1931.

_____. Uma notável série de Conferências. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 20, set., 1931.

_____. O dever para com a mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, set., 1931.

_____. Uma esperança para a instrução municipal. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, set., 1931.

_____. Um momento único. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, set., 1931.

_____. Prudência, coronel. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, set., 1931.

_____. Matéria educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, set., 1931.

_____. O caminho certo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 26, set., 1931.

_____. Imprudência do coronel. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, set., 1931.

_____. Um sonho. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, set., 1931.

_____. Diante de um destino. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, out., 1931.

_____. O caso da escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, out., 1931.

_____. A vontade dos estudantes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, out., 1931.

_____. Tempos novos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, out., 1931.

_____. A gravidade de ser interventor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, out., 1931.

_____. Tempos Novos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, out., 1931.

_____. Mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, out., 1931.

_____. Um exemplo sugestivo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 11, out., 1931.

_____. Educar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, out., 1931.

_____. Nomeação do Dr. Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, out., 1931.

_____. Para honra da revolução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, out., 1931.

_____. Justiça. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, out., 1931.

_____. Fábula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, out., 1931.

_____. Uma entrevista com o Novo Diretor da Instrução – as ideias, os planos e a visão geral do Dr. Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 17, out., 1931.

_____. Edison. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 18, out., 1931.

_____. Edison – para sempre. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 20, out., 1931.

_____. Edison. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 20, out., 1931.

_____. Um grande amigo da criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, out., 1931.

_____. O caso da Escola de Bellas Artes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 22, out., 1931.

_____. O coração da infância. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, out., 1931.

_____. A confissão do Sr. Francisco Campos... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, out., 1931.

_____. Aspirações nacionais. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.11, 25, out., 1931.

_____. Uma palestra com o filósofo sonhador da Rythm analyse – O Dr. Lucio dos Santos, o mundo dos seus pensamentos e a sua visão do Brasil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.11, 25, out., 1931.

_____. Coisas de Maquinas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 27, out., 1931.

_____. Mocidade – primavera da vida. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 28, out., 1931.

_____. Confiança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 29, out., 1931.

_____. Exposições escolares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, out., 1931.

_____. Cinema deseducativo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 31, out., 1931.

_____. Os grandes inspiradores – José Ingenieros e o seu legado à mocidade latino-americana. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 31, out., 1931.

_____. O problema do professor. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.9, 03, nov., 1931.

_____. Livros para crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, nov., 1931.

_____. Círculos de pais e professores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, nov., 1931.

_____. Cooperação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, nov., 1931.

_____. Semana da paz. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 08, nov., 1931.

_____. Uma questão de atitude. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 10, nov., 1931.

_____. A situação do nosso problema educacional. O subdiretor da Instrução, ao lado do diretor geral, ajusta o equilíbrio das necessidades e possibilidades da atuação escolar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 10, nov., 1931.

_____. Inspeção médica e a educação sanitária. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, nov., 1931.

_____. Ainda uma vez a escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 12, nov., 1931.

_____. Uma pergunta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, nov., 1931.

_____. Pela educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, nov., 1931.

_____. O fundo escolar. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 15, nov., 1931.

_____. Coisas complicadas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 17, nov., 1931.

_____. A responsabilidade dos revisores. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, nov., 1931.

_____. Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 19, nov., 1931.

_____. Uma criança japonesa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, nov., 1931.

_____. Uma iniciativa útil. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, nov., 1931.

_____. Harmonias celestiais... . Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 22, nov., 1931.

_____. Lobagola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 24, nov., 1931.

_____. O pensamento poético do filósofo Lucio dos Santos – Da “infância eterna” de Leonardo à metodologia do ensino da matemática. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 24, nov., 1931.

_____. Uma fábula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, nov., 1931.

_____. Esperança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 26, nov., 1931.

_____. Presença. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, nov., 1931.

_____. O fim da fábula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 28, nov., 1931.

_____. O ministério da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 29, nov., 1931.

_____. O ministério da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 01, dez., 1931.

_____. Inauguração da série de Conferências pedagógicas – O compromisso de educar tem de ser assumido sem o delírio dos frívolos entusiasmos nem a amargura dos desânimos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 01, dez., 1931.

_____. Uma aposta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, dez., 1931.

_____. Variações em torno de uma aposta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, dez., 1931.

_____. A diretoria de instrução Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, dez., 1931.

_____. A questão das médias. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, dez., 1931.

_____. Aquela aposta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, dez., 1931.

_____. Os cavadores da educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 10, dez., 1931.

- _____. Sustentando a aposta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, dez., 1931.
- _____. O ensino religioso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, dez., 1931.
- _____. A 4ª Conferência. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 15, dez., 1931.
- _____. A proposta de Crianças. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, dez., 1931.
- _____. Sobre o comentário de ontem. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 17, dez., 1931.
- _____. Sugestões de música. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, dez., 1931.
- _____. Questão de nome Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, dez., 1931.
- _____. Possibilidades... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, dez., 1931.
- _____. A 4ª Conferência. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 22, dez., 1931.
- _____. Natal. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, dez., 1931.
- _____. Congressos de educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 24, dez., 1931.
- _____. Um leader. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, dez., 1931.
- _____. Primeiro dia de aula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, dez., 1931.
- _____. O primeiro dia de aula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 27, dez., 1931.
- _____. Minha aposta... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 29, dez., 1931.
- _____. Porque a escola deve ser leiga. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 29, dez., 1931.
- _____. Quem é o Sr. Francisco Campos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, dez., 1931.
- _____. O primeiro dia de aula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 31, dez., 1931.

_____. Fraternidade universal. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, jan., 1932.

_____. Para começar Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, jan., 1932.

_____. Ensino Católico. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 03, jan., 1932.

_____. Para a monarquia!. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 05, jan., 1932.

_____. Gandhi!. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, jan., 1932.

_____. O poema do vendedor de frutas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 07, jan., 1932.

_____. A canção do cárcere. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, jan., 1932.

_____. O brinquedo da Guerra. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, jan., 1932.

_____. Os adultos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, jan., 1932.

_____. Cegueira. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 12, jan., 1932.

_____. Desarmamento. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, jan., 1932.

_____. Pela educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 14, jan., 1932.

_____. Uma questão de solidariedade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jan., 1932.

_____. O Ministério da Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, jan., 1932.

_____. Kerschensteiner. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 17, jan., 1932.

_____. Pulgarcito. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 19, jan., 1932.

_____. O céu e os anjos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, jan., 1932.

_____. Cruzada nacional de Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, jan., 1932.

_____. Fraternidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, jan., 1932.

_____. A revolução e a criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 26, jan., 1932.

_____. Fascismo e educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, jan., 1932.

_____. A guerra santa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 28, jan., 1932.

_____. Educação Artística. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, jan., 1932.

_____. Um decreto do Dr. Pedro Ernesto. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, jan., 1932.

_____. China e Japão. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 31, jan., 1932.

_____. Psicologia. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, fev., 1932.

_____. A desilusão da mocidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, fev., 1932.

_____. As crianças abandonadas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, fev., 1932.

_____. Questão de educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, fev., 1932.

_____. Leigo e religioso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, fev., 1932,

_____. Carnaval. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.7, 07, fev., 1932.

_____. No meio do carnaval. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.11, 11, fev., 1932.

_____. O recurso extremo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, fev., 1932.

_____. Vamos brincar de rei? Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, fev., 1932.

_____. Uma palavra oportuna. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.4, 14, fev., 1932.

_____. Asas de borboleta. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 16, fev., 1932.

_____. Bina Das. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, fev., 1932.

_____. O músico cego. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 18, fev., 1932.

_____. Ensino Agrícola. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, fev., 1932.

_____. Excesso de severidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, fev., 1932.

_____. Uma criança infeliz. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 21, fev., 1932.

_____. Cooperação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, fev., 1932.

_____. A hora do fogo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 25, fev., 1932.

_____. Dois poemas chineses. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, fev., 1932.

_____. Coisas da instrução. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.16, 28, fev., 1932.

_____. A 3ª Conferência da Senhora Cecília Meireles. Por que a escola deve ser leiga. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.16, 28, fev., 1932.

_____. O cavalo da estátua. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 01, mar., 1932.

_____. A 3ª Conferência da Senhora Cecília Meireles. Por que a escola deve ser leiga. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 01, mar., 1932.

_____. Uma prova a mais. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p. 6, 02, mar., 1932.

_____. A 3ª Conferência da Senhora Cecília Meireles. Por que a escola deve ser leiga. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 02, mar., 1932.

_____. Assim não... . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 03, mar., 1932.

_____. A escola da paciência. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, mar., 1932.

_____. A 3ª Conferência da Senhora Cecília Meireles. Por que a escola deve ser leiga. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 04, mar., 1932.

_____. A tristeza de ser criança. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, mar., 1932.

_____. Variações em torno da cadeira elétrica. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 06, mar., 1932.

_____. Orpheons escolares. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 08, mar., 1932.

_____. Dois dias de aula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, mar., 1932.

_____. O dia de engolir a cápsula. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, mar., 1932.

_____. As grandes vidas. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, mar., 1932.

_____. Libertação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 13, mar., 1932.

_____. Um caso curioso. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 15, mar., 1932.

_____. O arrependimento. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, mar., 1932.

_____. Por que não se lê. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 17, mar., 1932.

_____. Um instante definitivo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, mar., 1932.

_____. O valor dos manifestos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 19, mar., 1932.

_____. A função educativa da imprensa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 20, mar., 1932.

_____. Goethe. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 22, mar., 1932.

_____. Goethe. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 24, mar., 1932.

_____. Goethe. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, mar., 1932.

_____. Goethe. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 27, mar., 1932.

_____. O pensamento educacional. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 29, mar., 1932.

_____. Entrevista do Dr. Fernando de Azevedo sobre as relações do Dr. Anísio Teixeira na diretoria geral da Instrução Pública. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.5, 29, mar., 1932.

_____. Finalidade. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Coluna Comentário, p.6 , 30, mar., 1932.

_____. O menino Lindbergh. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 31, mar., 1932.

_____. A propósito da paz. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, abr., 1932.

_____. O caso da escola Epitácio Pessoa. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, abr., 1932.

_____. Entrevista com o Dr. Frota Pessoa, Subdiretor Administrativo, da Instrução Pública. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.14, 03, abr., 1932.

_____. Imprensa e Educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.14, 03, abr., 1932.

_____. A questão dos técnicos. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, abr., 1932.

_____. Sede de escândalo. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 07, abr., 1932.

_____. Cruzada da juventude. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, abr., 1932.

_____. Anonimato. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, abr., 1932.

_____. Solidão. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 10, abr., 1932.

_____. A pena de aço. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 12, abr., 1932.

_____. Felicidade. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, abr., 1932.

_____. O ensino no D.F. . Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 13, abr., 1932.

_____. Em torno de uma lenda. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, abr., 1932.

_____. Goethe e as meninas do Lyceu. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, abr., 1932.

_____. Sobre um discurso de Afonso Reyes. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, abr., 1932.

_____. A simples glória humana. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 17, abr., 1932.

_____. A criança e a educação. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, abr., 1932.

_____. Um pouco de Panait Istrati. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, abr., 1932.

_____. Tiradentes. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, abr., 1932.

_____. Brincando de escola. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, abr., 1932.

_____. Em louvor de Quijano. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, abr., 1932.

_____. As escolas italianas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 24, abr., 1932.

_____. Livros para crianças. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, abr., 1932.

_____. Proteção à criança. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, abr., 1932.

_____. O dia das mães. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, abr., 1932.

_____. Manifestação ao interventor. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, abr., 1932.

_____. Atenea Política. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, maio, 1932.

_____. Para Afonso Reyes. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, maio, 1932.

_____. Inquéritos pedagógicos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, maio, 1932.

_____. Crimes contra a violência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, maio, 1932.

_____. Ciclo de Helena – o Livro do Sr. Francisco Campos num estudo em dois planos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 06, maio, 1932.

_____. Maternidade. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, maio, 1932.

_____. Hoje os órfãos recordarão sua mãe. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 08, maio, 1932.

_____. Favorecendo a criança brasileira. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, maio, 1932.

_____. Escola para pobres. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, maio, 1932.

_____. As realizações de Anísio Teixeira na Diretoria da I.P. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 11, maio, 1932.

_____. As razões do lobo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, maio, 1932.

_____. 13 de maio. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, maio, 1932.

_____. Cooperação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, maio, 1932.

_____. Uma atitude histórica. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 27, maio, 1932.

_____. A propósito da escola pública. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, maio, 1932.

_____. Escrupulos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, maio, 1932.

_____. Um punhado de considerações. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 29, maio, 1932.

_____. Um por todos e todos por um. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, jun., 1932.

_____. Uma entrevista com o diretor da Escola Secundária do Instituto de Educação – como se trabalha e o que se procura fazer nesse importante estabelecimento de ensino. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 07, jun., 1932.

_____. Revolução e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, jun., 1932.

_____. Nitidez de intuítos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, jun., 1932.

_____. Camões. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, jun., 1932.

_____. Café e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, jun., 1932.

- _____. Aniversário. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 12, jun., 1932.
- _____. La escuela en la república. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jun., 1932.
- _____. O caso estudantes pernambucanos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jun., 1932.
- _____. O caso dos estudantes pernambucanos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, jun., 1932.
- _____. Sobre a Nova Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 17, jun., 1932.
- _____. O “plantie”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, jun., 1932.
- _____. A formação do professor. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, jun., 1932.
- _____. Beleza. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, jun., 1932.
- _____. Klim. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, jun., 1932.
- _____. Aleph, ba, ta Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, jun., 1932.
- _____. Atitude. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, jun., 1932.
- _____. Um pássaro. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, jun., 1932.
- _____. Camaradagem. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, jun., 1932.
- _____. Sooky. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, jun., 1932.
- _____. Cartas de estudantes mortos na Guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, jun., 1932.
- _____. Cartas de estudantes alemães mortos na Guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, jul., 1932.
- _____. Cartas de estudantes alemães mortos na Guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 03, jul., 1932.
- _____. Cartas de estudantes alemães mortos na Guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6,

_____. Vida prática. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, jul., 1932.

_____. Vainamoinen. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, jul., 1932.

_____. Educação e política. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, jul., 1932.

_____. Deuses e Mártires. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, jul., 1932.

_____. O manifesto da nova educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 10, jul., 1932.

_____. A margem do “Credo” de Einstein. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, jul., 1932.

_____. Grandes considerações sobre um pequeno motivo Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, 13, jul., 1932.

_____. 14 de julho. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, julho, 1932.

_____. O crime de ser poeta. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, jul., 1932.

_____. Uma criança, mais quatro crianças, mais um cachorro. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, jul., 1932.

_____. Um suicídio. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 17, jul., 1932.

_____. Escola velha e escola nova. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 19, jul., 1932.

_____. Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 20, jul., 1932.

_____. Pró paz... . Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, jul., 1932.

_____. Escola Nova. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, jul., 1932.

_____. Uma coisa maravilhosa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, jul., 1932.

_____. Carlito, Gandhi, etc. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 24, jul., 1932.

_____. Santos Dumont. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.5, 26, jul., 1932.

_____. Brasil Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, jul., 1932.

_____. História do livro, do colégio, do navio e da moça Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, jul., 1932.

_____. A hora do fogo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, jul., 1932.

_____. Folk-lore e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, jul., 1932.

_____. Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 31, jul., 1932.

_____. Progresso ... Cativoiro Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, ago., 1932.

_____. Paz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, ago., 1932.

_____. O autor do bem. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, ago., 1932.

_____. Solução. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, ago., 1932.

_____. Mussolini e a paz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, ago., 1932.

_____. Santos Dumont e a infância. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 07, ago., 1932.

_____. Continuação... . Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, ago., 1932.

_____. Brinquedos... . Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, ago., 1932.

_____. A paz pela educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, ago., 1932.

_____. Rodin e Rilke. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, ago., 1932.

_____. Fraternidade. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, ago., 1932.

_____. Combate ao sensacionalismo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 14, ago., 1932.

_____. Ternura chinesa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, ago., 1932.

_____. Cooperação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, ago., 1932.

_____. Sensacionalismo e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, ago., 1932.

_____. Frigyes Karinthy. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, ago, 1932.

_____. Um grande exemplo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, ago, 1932.

_____. Um caso muito triste. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 21, ago., 1932.

_____. A dificuldade de ser professor. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, ago., 1932.

_____. Gandhi e a educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, ago., 1932.

_____. Considerações. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, ago., 1932.

_____. A margem de uma conferência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, ago., 1932.

_____. Notas de um caderno de guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, ago., 1932.

_____. Um símbolo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 28, ago., 1932.

_____. Os educadores e a paz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, ago., 1932.

_____. Tagore e a educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 31, ago, 1932.

_____. O exemplo do poeta. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, set., 1932.

_____. Instruir e educar. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, set., 1932.

_____. As cantigas de embalar de Gabriela Mestral. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, set., 1932.

_____. Adoradores de estátuas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 04, set., 1932.

_____. Goethe, mais uma vez. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, set., 1932.

_____. Bacharelato. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, set., 1932.

_____. Bacharelato. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, set., 1932.

_____. Serviço de música e Canto orfeônico. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, set., 1932.

_____. Código do estudante brasileiro. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, set., 1932.

_____. A criança preguiçosa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 11, set., 1932.

_____. A criança preguiçosa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, set., 1932.

_____. A criança preguiçosa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, set., 1932.

_____. Uma esperança de educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, set., 1932.

_____. Ginásio e escola Normal de Niterói – lembrando os restos da escola antiga e antevedendo a escola Nova. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 15, set., 1932.

_____. Ghandi, o mártir. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, set., 1932.

_____. Adolescência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, set., 1932.

_____. Livros infantis. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 18, set., 1932.

_____. Educação, acima de tudo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, set., 1932.

_____. Gandhi. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, set., 1932.

_____. A educação do Samurai. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, set., 1932.

_____. Um pouco de luz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, set., 1932.

_____. A penitência da fraternidade. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 25, set., 1932.

_____. Amor. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, set., 1932.

_____. Um memorável discurso. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, set., 1932.

_____. Herriot e von Pape. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, set., 1932.

_____. Vida e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, set., 1932.

_____. Armistício. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, out., 1932.

_____. Um instrumento de torturas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 02, out., 1932.

_____. O Sonho da Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, out., 1932.

_____. Juan Montalvo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, out., 1932.

_____. Esse glorioso México. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, out., 1932.

_____. Precocidade. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, out., 1932.

_____. Política, liberdade e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, out., 1932.

_____. Um discurso. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, out., 1932.

_____. Vida. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 09, out., 1932.

_____. 12 de outubro. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, out., 1932.

_____. O sacrifício dos heróis. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, out., 1932.

_____. O sacrifício dos heróis. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, out., 1932.

_____. Um poema de Costis Palamas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, out., 1932.

_____. A questão dos técnicos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 16, out., 1932.

_____. Romance del camino de mi infância. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, out., 1932.

_____. Considerações. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, out., 1932.

_____. Abrigo de proteção de animais. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, out. 1932.

_____. Uma curiosa contradição. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, out., 1932.

_____. A propósito de Chopin. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, out., 1932.

_____. O ponto de vista de Chaplin. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 23, out., 1932.

_____. Phoenix. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, out., 1932.

_____. Nossa ignorância. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, out., 1932.

_____. Combatendo o plágio. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, out., 1932.

_____. Suplemento de arte da “enciclopédia de educación”. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, out., 1932.

_____. Para acabar com a guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, out., 1932.

_____. Equilíbrio. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 30, out., 1932.

_____. Boletim de Educação Pública. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, nov., 1932.

_____. Os mortos. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, nov., 1932.

_____. Esse fantasma de guerra. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, nov., 1932.

_____. Teatro e Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, nov., 1932.

_____. Preconceito. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 05, nov., 1932.

_____. Tolstoi. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, nov., 1932.

_____. Os químicos e a paz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, nov., 1932.

_____. Musset e nós. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, nov., 1932.

_____. Musset e nós. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, nov., 1932.

_____. Musset e nós. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, nov., 1932.

_____. Fábulas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, nov., 1932.

_____. O homem mais forte. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, nov., 1932.

_____. Uma conferência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, nov., 1932.

_____. Nossas escolas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, nov., 1932.

_____. A educação e o jogo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, nov., 1932.

_____. Idealismo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, nov., 1932.

_____. Despertar. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 19, nov., 1932.

_____. Desigualdade. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, nov., 1932.

_____. Arte e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, nov., 1932.

_____. Política e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, nov., 1932.

_____. Justiça. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 25, nov., 1932.

_____. Compreensão. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 26, nov., 1932.

_____. Flaubert e a infância. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, nov., 1932.

_____. Uma coisa que me disseram. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, nov., 1932.

_____. A infância e sua atmosfera. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, nov., 1932.

_____. A escola chinesa. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 01, dez., 1932.

_____. Khariton Efrussi. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 02, dez., 1932.

_____. A duração das rosas. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, dez., 1932.

_____. O suicídio de uma criança. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 04, dez., 1932.

_____. Um critério de educação física. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, dez., 1932.

_____. Uma atitude e o seu reflexo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, dez., 1932.

_____. Ambiente. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 08, dez., 1932.

_____. Meninos e homens. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 09, dez., 1932.

_____. Aprender. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, dez., 1932.

_____. Deformação profissional. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, dez., 1932.

_____. Exposições escolares. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 13, dez., 1932.

_____. A extensão das pátrias. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 14, dez., 1932.

_____. Variação sobre o mesmo tema Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 15, dez., 1932.

_____. Por falar em exposições. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 16, dez., 1932.

_____. A escola e a obra de paz. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 17, dez., 1932.

_____. Uma sugestão. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 18, dez., 1932.

_____. Beleza. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 20, dez., 1932.

_____. Andar. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 21, dez., 1932.

- _____. Prédios escolares. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 22, dez., 1932.
- _____. O que o Sr. Sud Menucci fez e o que pretendia fazer. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 23, dez., 1932.
- _____. A 5ª Conferência de Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 24, dez., 1932.
- _____. Árvore de Natal. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.8, 25, dez., 1932.
- _____. O governo e a educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 27, dez., 1932.
- _____. Oratória e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 28, dez., 1932.
- _____. Teatro da criança. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 29, dez., 1932.
- _____. Uma conferência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 30, dez., 1932.
- _____. As surpresas da 5ª Conferência. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 31, dez., 1932.
- _____. Proposta. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 03, jan., 1933.
- _____. Uma conquista educacional. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 04, jan., 1932.
- _____. Convênio cinematográfico educativo. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 06, jan., 1932.
- _____. Santos Dumont. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 07, jan., 1932.
- _____. El libre y el pueble. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 10, jan., 1932.
- _____. Poesia e educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 11, jan., 1932.
- _____. Despedida. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, Coluna Comentário, p.6, 12, jan., 1932.
- _____. A nova fase da Página da Educação. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, Página de Educação, p.6, 13, jan., 1933.

Obras de Celícia Meireles

- MEIRELES, CECÍLIA. *Espectros*. Rio de Janeiro: Leile Ribeiro & Maurilio 1919.
- _____. *Nunca mais... e Poema dos poemas*. Rio de Janeiro: Lute Ribeiro, 1923. (ilustrações de Correia Dias)
- _____. *Criança, Meu Amor*. Rio de Janeiro, editora Anuário do Brasil, 1924. (ilustrações de Correia Dias)
- _____. *Baladas para el-rei*. Rio de Janeiro: Lux, 1925. (ilustrações de Correia Dias)
- _____. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929.
- _____. *Saudação à menina de Portugal*. Rio de Janeiro: Gabinete Português de Leitura, 1930.
- _____. *A festa das letras*. Porto Alegre: Globo, 1937. (Coautoria de Josué de Castro)
- _____. *Viagem*. Lisboa: Ocidente, 1939.
- _____. *Rute e Alberto Resolveram ser Turistas*. Porto Alegre, Editora Globo, 1939.
- _____. *Vaga música*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1942.
- _____. *Mar absoluto e outros poemas*. Porto Alegre: Globo, 1945.
- _____. *Retrato natural*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1949.
- _____. *Amor em Leonoreta*. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1951.
- _____. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.
- _____. *As artes plásticas no Brasil – artes populares*. Rio de Janeiro: Instituição Larragoiti, 1952.
- _____. *Doze noturnos da Holanda & o aeronauta*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- _____. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.
- _____. *Panorama folclórico dos Açores*, especialmente da Ilha de São Miguel. Ponte Delgada: revista Insulana, set. 1955.
- _____. *Pequeno oratório de Santa Clara*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.
- _____. *Pistoia*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.
- _____. *Espelho cego*. Rio de Janeiro: separata da revista A Sereia, 1955.
- _____. *Canções*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956.
- _____. *Giroflê giroflá*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1956.
- _____. *Romance de Santa Cecília*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1957.
- _____. *A Bíblia na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, s/d [1957].

- _____. *Eternidade de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1959.
- _____. *Metal rosicler*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.
- _____. *Poemas escritos na Índia*. Rio de Janeiro: São José, s/d [1961].
- _____. *Rabindranath Tagore and the East-West Unity*. Brazilian National Commission for Unesco, 1961.
- _____. *Tagore and Brazil*. New Delhi: Sahitya Akademy, 1961.
- _____. *Solombra*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1963.
- _____. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Ciroflê, 1964.
- _____. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- _____. *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- _____. *Poemas italianos*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968.
- _____. *Inéditos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.
- _____. *Ou isto ou aquilo & Inéditos*. São Paulo: Melhoramentos, 1969. (Com 36 novos poemas em relação à edição de 1964)
- _____. *Morena, pena de amor*. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. v. 6. pp. 1-39.
- _____. *Notas do folclore gaúcho-açoriano*. Rio de Janeiro: Cadernos do Folclore nº 3/ Ministério da Educação e Cultura, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1968.
- _____. *Sonhos*. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v. 8. pp. 113-149.
- _____. *Poemas de viagens*. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v.9. pp. 1-88.
- _____. *O estudante empírico*. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v. 9. pp. 133-158.
- _____. *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. (Esta obra é uma reorganização de *Inéditos*, com supressão de 3 crônicas e acréscimo de 20 outras)
- _____. *Cânticos*. São Paulo: Moderna. 1981.
- _____. *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *A rosa*. Salvador: Dinamene, 1957.
- _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.
- _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 61, 1972.
- _____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

- _____. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.
- _____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1973/4, 9 vol.
- _____. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- _____. *Elegias*. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1974.
- _____. *Flores e canções*. Rio de Janeiro: Confraria de amigos do livro, 1979.
- _____. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Melhores poemas*. São Paulo Global 1984.
- _____. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Verdes reinos encantados*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1988
- _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 4 vol.
- _____. *Crônicas em geral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- _____. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- _____. *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Poesia completa*. Edição do centenário. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.2 vol.
- _____. *Crônicas de educação 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Crônicas de educação 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Crônicas de educação 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Crônicas de educação 4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Crônicas de educação 5*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Episódio humano*. Rio de Janeiro, Batel e Desiderata, 2007.

Outras obras consultadas

- MEIRELES, Cecília. *De metal Rosicler. Poesia completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, v. II, p. 1209, 2001.
- _____. *A significação da literatura na formação do professor. O espírito victorioso*. Tese apresentada no concurso de Literatura da Escola Normal, Página de Educação do *Diário de Notícias*, 02, set., 1930.
- _____. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929.
- _____. *4º motivo da rosa. Poesia completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 524, 2001.
- _____. “Carta dirigida a Fernando de Azevedo”, em 21 de março de 1934. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional. Seção Manuscritos. Inventário Darcy Damasceno.

_____. “Carta dirigida a Fernando de Azevedo”, em 16 de agosto de 1934. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. FA – Cp, Cx. 21, 74/1.

_____. “Carta dirigida a Fernando de Azevedo”. Rio de Janeiro, em 02 maio de 1934. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. FA – Cp, Cx. 21, 72.

_____. “Carta dirigida a Fernando de Azevedo” em 07 março de 1934. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. FA – Cp, Cx. 21, 70/1.

_____. “Carta dirigida a Fernando de Azevedo” em 21 de março de 1934. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. FA – Cp, Cx. 21, 71/1.

_____. “Carta dirigida a Fernanda de Castro”. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, Inventário Darcy Damasceno.

_____. *Inquérito de leituras infantis*. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Educacionais em 1934.

_____. Entrevista concedida à *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, *Revista Manchete*, 03/10/1953.

_____. *O Estado de São Paulo*, 12 de setembro de 1953.

_____. *Herança. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Inscrição. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 660, 2001.

_____. *Reinvenção. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 411, 2001.

Embaixatriz das Letras – Cecília Meireles trouxe-nos notícias da poesia brasileira. Um excerto da conferência que realizou há dias no Secretariado da Propaganda Nacional. Suplemento Literário do Diário de Lisboa. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 07 de dezembro de 1934, p. 6. Disponível em: http://www.fmsouares.pt/arquivo_biblioteca/Diario_de_Lisboa/Diario_apresenta.asp

Seletas em obras coletivas

O amor na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933. (Org: Olegário Mariano)

A nova literatura brasileira. Crítica e antologia. Porto Alegre: Globo, 1936. (Org: Andrade Muricy)

Obras-primas da lírica brasileira. São Paulo: Martins, 1943. (Org: Manuel Bandeira)

Apresentação da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. (Org: Manuel Bandeira)

Pequena antologia da moderna poesia brasileira. Lisboa: Secção Brasileira do S.P.N., 1944. (Org: José Osório de Oliveira)

10 poemas em manuscrito. Rio de Janeiro: Edições Conde, 1945.

As mais belas poesias brasileiras de amor. Rio de Janeiro: Vecchi, 1947. (Org: Frederico dos Reys Coutinho)

Antologia das rosas. Rio de Janeiro: laboratório Leite de Rosas, 1948. (Org: Elza Marzullo)

Poemas de amor de poetas brasileiros contemporâneos. Salvador: Caderno da Bahia/ Coleção Dinamene, 1950. (Org: Pedro Moacir Maia)

Cancioneiro do amor. Simbolistas e contemporâneos. Rio de Janeiro: José OLÍMPIO, 1952. (Org: Wilson Lousada)

Panorama do movimento simbolista brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. vol. III. (Org: Andrade Muricy)

Antologia da poesia brasileira moderna. São Paulo: Clube de Poesia de Paulo e Secretaria de Educação e Cultura, 1953. (Org: Carlos Burlamaqui Kopke)

Líricas brasileiras. Lisboa: Portugália, [1954?]. (Org: José Osório de Oliveira)

Poesia nossa. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert/ Biblioteca do Exército, 1955. (Org: Júlio Nogueira)

Introdução à moderna poesia brasileira. Lisboa: separata da revista *Cidade Nova*, IV série, nº 5, 1956. (Org: Miguel do Rio-Branco)

Vozes femininas da poesia brasileira. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura e Comissão de Literatura, 1959. (Org: Domingos Carvalho da Silva)

Panorama da poesia brasileira. O pré-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. (Org: Fernando Góes)

Antologia poética para a infância e a juventude. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. (Org: Henriqueta Lisboa)

Poesia do Brasil. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963. (Org: Manuel Bandeira)

Escritores brasileiros contemporâneos. 2ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Org: Renard Perez)

Presença da literatura brasileira. Modernismo. São Paulo: DIFEL, 1964. Org: António Cândido e José Aderaldo Castello)

Antologia brasileira de literatura. Lirismo. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1965. (Org: Afrânio Coutinho)

Antologia da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. (Org: Fernando Ferreira de Loanda)

- Antologia dos poetas brasileiros. Poesia da fase moderna. Antes do modernismo. O modernismo.* Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. (Org: Manuel Bandeira e Walmir Ayala)
- Antologia escolar brasileira.* Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 1967. (Org: Marques Rebelo)
- Poesia moderna.* Antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1967. (Org: Péricles Eugênio da Silva Ramos)
- Poesia do modernismo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Org: Mário da Silva Brito)
- Poemas do amor maldito.* Brasília: Editora de Brasília, 1969. (Org: Gasparino Damata e Walmir Ayala)
- Antologia da poesia brasileira.* Lisboa: Editorial Verbo, s/d. [197?]. (Org: José Valle de Figueiredo)
- A literatura brasileira através dos textos.* São Paulo: Cultrix, 1971. (Org: Massaud Moisés)
- Para gostar de ler.* São Paulo: Ática, 1980. vol. 6.
- Seleção em prosa e verso.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- Os sonetos.* Antologia. São Paulo: Banco Lar Brasileiro, 1982. (s/org.)
- Literatura comentada.* São Paulo: Abril, 1982.
- Antologia da poesia brasileira.* Porto: Chardron e Lello & Irmão, 1984. vol. III. (Org: Alexandre Pinheiro Torres)
- Grandes sonetos da nossa língua.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. (Org: José Lino Grunewald)
- Antologia de antologias. 101 poetas brasileiros “revisitados”.* São Paulo: Musa, 1995. (Org: Magaly Gonçalves, Zélia Aquino, Zina Bellodi Silva)
- Cadernos poesia brasileira / Infantil.* São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1995. (Org: Luís Camargo)
- Cadernos poesia brasileira - Modernismo.* São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1995. (Org: Luís Camargo)
- Pedras de toque da poesia brasileira.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. Org: José Lino Grunewald)
- A poesia fluminense no século XX.* Rio de Janeiro: Imago, 1998. (Org: Assis Brasil)
- Revista Brasileira.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998. vol.VII. ano V, nº 17. (Org: Leodegário A. de Azevedo Filho)
- Antologia escolar de literatura brasileira.* São Paulo: Musa, 1998. (Org: Magaly Gonçalves, Zélia Aquino, Zina Bellodi Silva)

Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Org: Italo Moriconi)

Os cem melhores poetas brasileiros do século. São Paulo: Geração Editorial, 2001. (Org: José Nêumane Pinto)

Obras traduzidas

MEIRELES, CECÍLIA. *Antologia poética*.(1923-45). Montevideo: Poesia de América, 1947.

_____. *Poèmes*. La Haye: Erospress, 1953.

_____. *20 Ausgewählte Gedichte*. Rio de Janeiro: revista Intercâmbio nº 10-12, 1959.

_____. *Poésie*. Paris: Seghers, 1967.

_____. *Poems in Translation*. Washington D.C.: Brazilian-American Cultural Institute, 1977.

_____. *Poemas*. Lima: Centro de Estudos Brasileños, 1979.

_____. *Mare assoluto e altre poesie*. Milano: Lineacultura, 1997.

_____. *Ojitos de gato*. Buenos Aires: Centro de Estudos Brasileiros, 1981.

Traduções em obras coletivas

9 poetas nuevos del Brasil. Lima, s/e, 1930. (Org: Enrique Bustamante e Ballivian)

Brazília Uzen. Budapeste: Brazil Koltok, 1939. (Org: Paulo Rónai)

Veinte poetas dei Brasil contemporáneo. Medellín: Universidad de Antioquia, 1941. (Org: Gaston Figueira)

Poesia brasileira contemporânea (1929-46). Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasilenos, 1947. (Org: Gaston Figueira)

Antologia de poetas brasilenos de ahora. Barcelona: El Libro Inconsútil, s/d. [195?] (Org: Alfonso Pinto)

Atlantische Landschaft. Haniburg: Verlag Heinrich Ellermann, 1951. (Org: Wolf Bergman)

Antologia de La poesia brasileira. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1952. (Org: Renato de Mendonça)

Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, três edades en la poesia brasilena actual. Montevideo: A.C.E.B.U., 1952. (Org: Cipriano S. Viturcira)

Un demi-siècle de poésie. Lausanne: La Concorde, 1952. (Org: Mélot du Dy)

Un secolo de poesia brasiliana. Siena: Casa Editora Maia, 1954. (Org: Mercedes La Valle)

Ciclos de la poesía brasileña. Bogotá: Kondo de Editores Indoamericanos, 1955. (Org: J. A. Pinto do Carmo, Joel Pontes, Xavier Placer)

Poetas del Brasil. Caracas: Lírica Hispana, 1955. (Org. Gaston Figueira) *Schwan im Schatten*. Munique: Langen Muller, 1955. (Org: Albert Theile) *Anthologie de la poésie ibero-américaine*. Paris: Nagel, 1956. (Org: Federico de Onís)

Le più belle pagine della letteratura brasiliana. Milano: Nuova Accademia, 1957. (Org: P. A. Jannini)

Modern Brazilian Poetry. Bloomington: Indiana University Press, 1962. (Org: John Nist)

Cinque notturni brasiliani. Cinco noturnos brasileiros. Rio de Janeiro: GRD, 1964. (Org: Anton Angelo Chiochio)

Poesia del Brasil- homenaje a Cecilia Meireles. Chile: revista Orfeo n°15-16, 1965. (Org: Carmen Abalos e Gabriela Fuensalida)

La poésie brésilienne contemporaine. Paris: Seghers, 1966. (Org: A. D. Tavares Bastos)

Anthology of twentieth-century brazilian poetry. New England: Wesleyan University Press, 1972. (Org: Elizabeth Bishop e Emanuel Brasil)

Antología de la poesía brasileña. Barcelona: Seix Barrai, 1973. (Org: Ángel Crespo)

Las voces solidarias. Buenos Aires: Calicanto, 1978. (Org: Santiago Kovadloff)

Poesía brasileña — siglo XX. Cuba: Casa de Las Americas, 1986. (Org: Hélio Orovio)

Antologia da poesia brasileira. Edição bilingue. Pequim: Embaixada do Brasil. 1994. (Org: António Carlos Secchin)

Seis poetas contemporâneos del Brasil. La Paz: Cuadernos Brasileños/ Embajada del Brasil, s/d. (Org: Manuel Grana)

Obras de autoria coletiva

MEIRELES, CECÍLIA. Expressão feminina da poesia na América. In: *3 conferencias sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Serviço de Documentação, 1959. p. 61-104.

Um retrato de Rabindranath Tagore. In: *Tagore*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Congresso pela Liberdade da Cultura, 1961. p. 3-10.

Quadrante. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Quadrante 2. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

Gandhi. In: *Quatro apóstolos modernos*. São Paulo: Donato Editor, s/d. [196?]

Vozes da cidade. Rio de Janeiro: Record, 1965. p.156-84.

Peça para teatro

MEIRELES, CECÍLIA. *O menino atrasado*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966.

Traduções

As mil e uma noites. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, s/d. [1926] 3 vol.

Os mitos hitleristas — problemas da Alemanha contemporânea, de François Perroux. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke, de Rainer Maria Rilke. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica, 1947.

Orlando, de Virgínia Woolf. Porto Alegre: Globo, 1948.

Os caminhos de Deus, de Kathryn Hulne. Rio de Janeiro: Ypiranga e Biblioteca de Seleções do Reader's Digest, 1958. p. 9-141.

Bodas de sangue, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro: AGIR, 1960.

Amado e glorioso médico., de Taylor Caldwell. Rio de Janeiro: Ypiranga e Biblioteca de Seleções do Reader's Digest, 1960. p. 303-525.

Um bino de Natal, de Charles Dickens. Rio de Janeiro: Ypiranga/ separata de Biblioteca de Seleções do Reader's Digest, s/d. [196?]

7 poemas de Puravi, Minha bela vizinha, Conto, Mashí e O carteiro do rei., de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1961. pp. 99-225.

Çaturanga, de Rabindranath Tagore. Rio de Janeiro: Coleção Prêmio Nobel de Literatura/Delta, 1962.

Poesia de Israel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. *Yerma*, de Federico Garcia Lorca. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

Antologia da literatura hebraica moderna. Rio de Janeiro: Biblos, 1969. (Tradução da seção "Poesia de Israel", pp. 15-96, e do conto Latira na seção "Prosa de Israel", pp. 141-5)

Poemas chineses, de Li Po e Tu Fu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Organização de antologias

Poetas novos de Portugal. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1944.

Cecília e Mário. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Obras sobre Cecília Meireles

- ABREU, Joana Cavalcanti de. Entre os símbolos e a vida: poesia, educação e folclore. In: NEVES, Margarida de Souza, LÓBO, Yolanda Lima, MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. pp. 211-230.
- ALBUQUERQUE, Irene. Saudades de Cecília Meireles. *Boletim da FNLIJ*, v.16, n. 66, p. 14-22, jan./mar., 1984.
- ALMEIDA, Viana de. Cecília Meireles conferencista. Temas Literários. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 13 de março de 1935, p. 8. Disponível em: http://www.fmsoares.pt/arquivo_biblioteca/Diario_de_lisboa/Diario_apresenta.
- AMARAL, Amadeu. Nunca Mais... In: *O elogio da mediocridade*. São Paulo, 1924.
- ANDRADE, Mário de. Viagem. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo, 1946.
- ANDRADE, Mário de. Cecília Meireles e a Poesia In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo, 1946.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Retrato Natural. In: *Jornal de Letras*, n. 1. Rio de Janeiro, julho, 1949.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagens para sempre. Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, 1964.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *A poesia de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro, 1970.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Apresentação. MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (Org) *Crônicas de educação*, v. 1 a 5, Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- BANDEIRA, Manoel. In *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, 1946.
- BARROS, Jaime de. Vaga Música. In *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro, 1944.
- BLOCH, Pedro. Entrevista. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 16/05/1964. Carta com assinatura ilegível a Cecília Meireles, Coimbra, out. 1935. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Arquivo Darcy Damasceno, (504) 26, 4, 28 (cópia manuscrita).
- BOSI, Alfredo. História de um encontro. In MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. pp. 11-18.
- BRITTO, Jader de Medeiros. *Cosmovisão de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro, 2010. (Mimeografado)
- CARVALHO, Rui Galvão de. A Açorianidade na Poesia de Cecília Meireles. In *Ocidente*, vol. XXXIII, Lisboa, 1947.

CORRÊA, Luciana Vial B. *Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação/PUC-RJ, 2001.

CORTES, Rodrigues, Armando. Em louvor de Cecília Meireles, transcrição do Programa Radiofônico Voz de Longe – 32.

DAMASCENO, Darcy. *Notas acerca da poesia, da crítica e da correspondência de Cecília Meireles*. (Rio de Janeiro), (s.d.). N. p. Original. Manuscrito. 26, 2, 71. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

DUARTE, Afonso. Carta de Afonso Duarte a Cecília Meireles. Coimbra, 7 de fev. 1939. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Arquivo Darcy Damasceno, (505) 26, 4, 29 (cópia, manuscrita).

DUCATI, Cássia. *Viagem à Índia*. crônicas de Cecília Meireles. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Letras.

FERNANDES JUNIOR, Elídio. *A poesia de Cecília Meireles no contexto do livro didático*. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Letras.

FERREIRA, David Mourão. Cecília Meireles em Portugal. In *Padrão*, n. 8. Rio de Janeiro, fevereiro, 1952.

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. Educação e infância à luz do pensamento de Cecília Meireles. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação* (COLUBHE), Uberlândia. 2006. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/versaopreliminar/principal.htm>

FREIRE, Natércia. Poetisas do Brasil. In *Atlântico*, 3ª Série, nº 3, Lisboa – Rio de Janeiro. [Março] 1950.

GOUVÊA, Leila V. B. Cecília Meireles: manuscritos lusíadas. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, *Convergência Lusíada*, n.19, 2002, p.249.

_____. Hora de desvendar Cecília. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, FFLCH-USP, n. 3, 2000.

_____. Cem anos de Cecília. *Cult. Revista de Literatura Portuguesa*, n. 51, out. 2001, p. 44.

_____. *Cecília em Portugal*: ensaio bibliográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LAMEGO, Valéria. *A Furpa na lira*: Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEÃO, Cunha. Um Caso de Poesia Absoluta. In *Atlântico*. Nova Série, n. 4, Lisboa. – Rio de Janeiro. [Junho, 1947].

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Romanceiro da Inconfidência*. In *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26-2-1954.

LINS, Álvaro. Dois Poetas e Uma Poetisa. In *Jornal de Crítica*, 5ª Série. Rio de Janeiro, 1947.

LÔBO, Yolanda Lima. Memória e Educação: O Espírito Victorioso de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 77, n. 187, p. 525-545, set./dez., 1996

_____. Verbete: Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros. (org). *Dicionário de educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002. pp. 242 e 246.

_____. O ofício de ensinar. In: NEVES, Margarida S.; LÔBO, Yolanda L e MIGNOT, Ana Chrystina V. *Cecília Meireles: A poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2001, p. 63-80.

MACEDO, Elizabeth. Viagem à Ilha do Nanja. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. p.41-59.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. História e Poesia. In *O Diária*. Belo Horizonte, 11, out., 1953.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. *Lições de casa*: discursos pedagógicos, destinados à família no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, UFF, 2001.

_____. A poesia no mundo: Educando educadores. In NEVES, Margarida S.; LÔBO, Yolanda L e MIGNOT, Ana Chrystina V. *Cecília Meireles: A poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2001.

MAGALHÃES PINTO, A. Esboço provisório de uma biblioteca infantil. In ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. Um Brasil para Crianças. Para *conhecer a literatura infantil brasileira*: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993, p. 280-288.

MARANHÃO, Haroldo. Cecília Meireles fala à *Folha do Norte*. In *Folha do Norte*. Belém, 10, abril, 1949.

MARQUEZI, Rosângela Aparecida. *Um estudo sobre poemas de "Ou isto ou aquilo" de Cecília Meireles*. 01/12/2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília. Departamento de Educação.

MERQUIOR, José Guilherme. *Metal Rosicler*. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10, set., 1960.

MENESES, Fagundes de. Silêncio e solidão: dois fatores positivos na vida da poetisa. In: *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, 3, out., 1953.

MIGNOT, A. C. V. Antes da despedida: editando um debate. In: NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima, MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cecília Meireles: a poética da educação*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, p.149-171, 2001.

MURICY, Andrade. Meia hora com Cecília Meireles e Correia Dias. *Festa*, n. 7, 2ª fase, Rio de Janeiro, mar.1935.

NEGRÃO, Maria José da Trindade. Notas sobre a poesia de Cecília Meireles. In *A Ordem*, n° 5, vol. LXVI, Rio de Janeiro, novembro, 1961.

NEVES, Margarida de Souza.; LÔBO, Yolanda Lima.; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001. 240 p.

NEVES, Margarida de Souza. Paisagens Secretas: Memórias da Infância. In Neves, Margarida de Souza. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Puc-Rio, Loyola, 2001, pp. 23-39.

NEVES, Margarida de Souza. *História, memória e memorialística*. Conferência realizada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em 23 de março de 2002. Disponível em: <http://www.historiacultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/meireles/meirelesroteiros.htm>

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Cronologia Biobibliográfica da Poetisa*. Arquivo Cecília Meireles. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/arquivocecilial/index3.html>

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Batuque, Samba e Macumba nas palavras e pincéis de Cecília Meireles. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1555.html>

PIMENTA, Jussara S. Leitura e encantamento: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima, MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cecília Meireles: a poética da educação*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, pp. 105-119, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos. O Brasil e a sua educação: as conferências de Cecília Meireles em Portugal. VI Congresso Luso-Brasileiro de Historia da Educação, Uberlândia. 2006.

_____. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). In: 13º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas – SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2001.

_____. Espaço Mourisco. Biblioteca, leitura e educação em Cecília Meireles. Seminário 2000. Educação, Poder e Cidadania. Cuiabá, 2000.

_____. Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934 – 1937). *Revista Histedbr on-line*, Campinas, v. 4, 2001.

QUEIROZ, Carlos. Cecília Meireles, poetisa europeia. Suplemento Literário do Diário de Lisboa. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 21 de dezembro de 1934, p. 5. In: http://www.fmsoares.pt/arquivo_biblioteca/Diario_de_Lisboa/Diario_apresenta.asp.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. O Modernismo na Poesia. In *A Literatura no Brasil*. Dir. de Afrânio Coutinho, vol. III, Rio de Janeiro, 1958.

RICARDO, Cassiano. Parecer como relator da comissão julgadora dos livros de poesia apresentados ao concurso da Academia Brasileira de Letras, em 1938. In: *Ocidente*, v. VI, n. 15. Lisboa, julho, 1939.

_____. A Academia e a Poesia Moderna. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1939.

RONAI, Paulo. Mar Absoluto. In *Perspectiva*. Belo Horizonte, fevereiro, 1947.

SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia Completa, de Cecília Meireles: a edição do centenário. In: SECCHIN, Antonio Carlos. *Escritos sobre poesia e alguma ficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. pp. 157-162.

SIMÕES, João Gaspar. Fonética e Poesia ou O Retrato Natural de Cecília Meireles. In: *Letras e Artes*, Suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, 20, ago., 1950.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. *O imaginário poético-pedagógico de Cecília Meireles*. Universidade de São Paulo, 2004. (Tese de doutorado.)

SILVEIRA, Tasso da. Romancero da Inconfidência. In: *Singra*, n. 70. Rio de Janeiro, 1953.

SOUZA, Ida Vicenzia Dias de. *Cecília Meireles: de liberdade e outros assuntos*. 169 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999. (Dissertação de mestrado.), 1999.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. (Dissertação de mestrado.)

TOSTES, Teodomiro. Uma Grande Poetiza. In *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, setembro, 1925.

VALLADÃO, Tânia Cristina Tavares Corrêa. *Canção da flor da infância: Cecília Meireles*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. (Tese de doutorado.)

VIANNA, S. B. Cecília Meireles fala de sua vida literária. s/d, Coleção Plínio Doyle, integrante do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

VIDAL, Diana Gonçalves. Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938). In: NEVES, Margarida de Souza,

LÔBO, Yolanda Lima, MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (org.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, p. 87, 2001.

Uma poetisa brasileira em terras de Portugal. *Gazeta de Notícias*, 20 de novembro de 1935.

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*. Rio de Janeiro, 1973.

_____. Notícia biográfica. In Meireles, Cecília. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, p.Ixii- Ixvi.

Outras referências bibliográficas

A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DO BRASIL. AO POVO E AO GOVERNO. MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.

AZEVEDO, Fernando. *A Reforma de Ensino no Distrito Federal (discursos e entrevistas)*. São Paulo. Companhia Melhoramentos de São Paulo, p. 84, 1929.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de (Org.). *Miscelânea Filológica: em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro, Ed. do Professor, 1965.

CARNEIRO LEÃO, A. *O ensino na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Cia, 1926.

CARVALHO, Marta Chagas de. A Associação Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, Exposição *Educação pede Passagem*. Academia Brasileira de Letras. Congresso Ibero Americano de História da Educação, 2009.

CAVALCANTE, Povina. “A These de Sylvio Júlio”. *Caderno Globo nas Letras. O Globo*, 17, mar., 1930.

CUNHA, Nóbrega da. A Revolução e a Educação. Rio de Janeiro: Editora Oficinas Gráficas do *Diário de Notícias*, 1932.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do Sensível e do Imaginário. In: Meireles, Cecília. *Obra Poética*. Companhia José Aguilar Editora, 3ª edição, pp. 13-55, 1972.

GOMES, Alfredo, “Apresentação”, In: Meireles, C. *Espectros, Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

FERRIÈRE, Adolpho. *L'Éducation Nouvelle du Brésil. Pour L'Ère Nouvelle*, n. 67, ab., pp. 85-90, ano 10.

HIRN, Yrjo. “Os Brinquedos e a sua relação com a vida humana (I e II)”. *Diário de Notícias*, 23 de dezembro de 1930.

JORNAL O GLOBO. *O Concurso de Literatura Vernácula na Escola Normal*, p. 1, 26 de agosto de 1930.

JORNAL O GLOBO. *Biblioteca Infantil do Distrito Federal. A cerimônia de inauguração e os discursos do dr. Anísio Teixeira e da professora Cecília Meireles. Meia hora de encantamento proporcionada às crianças pelo pintor Correia Dias.* Em 16 de agosto de 1934.

JORNAL ROTEIRO, *QUINZENÁRIO DE CULTURA.* O Discurso que Cecília Meireles não pronunciou na Academia Brasileira. São Paulo, 20 de julho de 1939.

JORNAL DO COMMERCIO. *Cecília Meireles.* Rio de Janeiro, 16 de julho de 1939.

LAMEGO, Valéria. *A Farpa na Lira. O Jornalismo de Cecília Meireles na Revolução de 30.* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, junho, 1995.

LIVRO DE DESIGNAÇÕES DA ESCOLA NORMAL DO DISTRITO FEDERAL, nº 132, Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

LÔBO, Yolanda Lima. Memória e Educação: O Espírito Victorioso de Cecília Meireles. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 77, n. 187, pp. 525-545, set-dez, 1996.

MIGNOT, A. C. Antes da despedida: editando um debate. In: Neves, Margarida de Souza, at al (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação.* Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio, Loyola, 2001.

RICARDO, Cassiano. A Academia e a Poesia Moderna. São Paulo, E.G. *Revista dos Tribunais*, 1939.

PIMENTA, Jussara. Leitura e Encantamento: A Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. In: Neves, Margarida de Souza at al (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação.* Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio, Loyola, 2001.

_____. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934).* Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, 2008.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles.* Departamento de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. (Dissertação de mestrado.)

TEIXEIRA, Anísio. *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação.* São Paulo: Editora Nacional, pp. 53-57, 1934.

VIDAL, D. G. Da Sonhadora para o Arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938). In: Neves, Margarida de Souza at al (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2001.

XAVIER, Libânea. *O Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação*. Rio de Janeiro, Exposição *Educação pede Passagem*. Academia Brasileira de Letras, Congresso Ibero Americano de História da Educação, 2009.

Lista de abreviaturas

ABE – Associação Brasileira de Educação

ABL – Academia Brasileira de Letras

UDF – Universidade do Distrito Federal





Este volume faz parte da Coleção Educadores,
do Ministério da Educação do Brasil, e foi composto nas fontes
Garamond e BellGothic, pela Sygma Comunicação,
para a Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco
e impresso no Brasil em 2010.

